

PROJETO

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA SAÚDE  
PÚBLICA NO BRASIL:  
A TRAJETÓRIA DE SÉRGIO AROUCA

Relatório de Atividades  
Sérgio Arouca  
1989-2003

*Rio de Janeiro, setembro de 2005*

**Projeto: PRODOC 914 BRA 2000 – UNESCO**

**PROJETO**  
**MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL:**  
**A TRAJETÓRIA DE SÉRGIO AROUCA**

**Coordenação:**

PPGMS - Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**Financiamento:**

DECIT – Departamento de Ciência e Tecnologia – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Ministério da Saúde

**Projeto:**

**PRODOC 914 BRA 2000 – UNESCO**

**Instituição Signatária:**

FIOTEC – Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde

**Apoio:**

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

**Coordenadores:**

Profa Dra Regina Abreu (UNIRIO)

Prof. Dr. Guilherme Franco Netto (Ministério da Saúde)

**Consultores:**

Profª Drª Anamaria Testa Tambellini (UFRJ)

Dr. Ary de Carvalho Miranda (FIOCRUZ)

**Pesquisadores:**

Helena Rego Monteiro

Fabício Pereira da Silva

**Fotografia de Cena:**

Helena Rego Monteiro

**Fotografia de Vídeo:**

Pedro Sol de Abreu Nunes

**Edição do Vídeo:**

Daniel Bona

Pedro Sol de Abreu Nunes

**Estagiários:**

Carlos Augusto Ferreira Figueira

Marta Joyce dos Anjos Ferreira

Este relatório foi produzido no contexto da cooperação UNESCO/DECIT-MS, Projeto 914BRA2000 Decit PRODOC. As opiniões aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a visão da UNESCO sobre o assunto.

## *Sumário*

<b>Apresentação.....</b>	<b>4</b>
<b>Contexto Sócio-Político e Trajetória do PCB / PPS (1989-2003).....</b>	<b>6</b>
<b>Trajetória de Sérgio Arouca (1989-2003).....</b>	<b>20</b>
<b>Perfis dos Entrevistados.....</b>	<b>38</b>
<b>Transcrição das Entrevistas</b>	
Luiz Carlos Azedo.....	40
Roberto Freire.....	45
Augusto Carvalho.....	53
Fernando Antunes.....	56
Márgara Cunha.....	68
Givaldo Siqueira.....	74
Sylvain Levy.....	83
Cristina Barbosa.....	89
Estevão Ribeiro.....	92
Denise Queiroz.....	95
Lúcia Souto.....	98
Ziraldo.....	108
Saraiva Felipe.....	109
Crescêncio Antunes e Antônio Alves de Sousa.....	115
<b>Cronologia de Sérgio Arouca.....</b>	<b>116</b>

## *Apresentação*

Esse relatório contém todo o material produzido pela equipe do Projeto Memória Sérgio Arouca sobre a trajetória de Sérgio Arouca durante o período de 1989 a 2003. Traz, inicialmente, um texto dividido em dois tópicos: a primeira parte trata dos aspectos políticos e sociais que norteavam a vida brasileira naquele período (“Brasil: entre a luta pela consolidação da democracia e a ascensão neoliberal”), e a segunda trata do PCB / PPS (“PCB / PPS: delicado equilíbrio entre o ‘velho’ e o ‘novo’”). Traz ainda outro texto sobre a trajetória de Arouca (“Trajetória de Sérgio Arouca: 1989-2003”). O relatório segue com os perfis dos entrevistados em Brasília entre os dias 19 e 20 de maio de 2005 que guardam relação com esse período da trajetória de Arouca, e com as transcrições das referidas entrevistas. Por fim, apresentamos uma cronologia de Sérgio Arouca.

## *Textos sobre a trajetória de Sérgio Arouca (1989-2003)*

A seguir, apresentamos dois textos sobre o período de 1989 a 2003. O primeiro está dividido em dois tópicos: a primeira parte trata dos aspectos políticos e sociais que norteavam a vida brasileira (“Brasil: entre a luta pela consolidação da democracia e a ascensão neoliberal”), e a segunda do PCB / PPS (“PCB / PPS: delicado equilíbrio entre o ‘velho’ e o ‘novo’”). O segundo texto apresenta a trajetória de Arouca no período (“Trajetória de Sérgio Arouca: 1989-2003”).

## ***Contexto Sócio-Político e Trajetória do PCB / PPS (1989-2003)***

### **Brasil: entre a luta pela consolidação da democracia e a ascensão neoliberal**

Muitos consideram a transição brasileira para a democracia (erroneamente) como tendo sido completada em 1985, com a posse de José Sarney, o primeiro presidente civil depois da ditadura. Desde 1979 já se respirava um ar menos carregado no país, graças à extinção do AI-5, à Anistia, à redução da censura e ao surgimento de novos partidos. A partir de 1985, com Sarney, pode-se dizer que já havia um clima democrático de fato, e avanços concretos como a delegação de poderes constituintes ao Congresso que seria eleito em 1986, o fim definitivo da censura e a legalização dos partidos comunistas. Mas não se pode dizer que a transição para a democracia estivesse concluída. Naquele momento a vida brasileira ainda era regida pelas leis autoritárias herdadas do regime, o presidente havia sido eleito indiretamente e tinha seu poder ainda bastante cerceado pelos militares – fatores que definitivamente não convivem com uma democracia.

O mais correto seria afirmar que a transição brasileira se completou em 1988, com a promulgação da Constituição (mesmo considerando-se que a nova Carta foi influenciada pelo poder presidencial e dos militares, que limitaram as conquistas do texto<sup>1</sup>, ainda assim suas conquistas foram grandes, tendo sido a Constituição brasileira mais democrática até aqui), ou 1989, com a primeira eleição presidencial direta depois do fim da ditadura. A transição democrática chegava ao final confirmando seu caráter “fraco”. O governo de transição de José Sarney (símbolo maior do caráter “fraco” e “elitista” da democracia em construção), se não podia ser classificado como continuador do regime anterior (já que de fato fez avançar a institucionalidade democrática, cooperando para a consolidação de um Estado de direito democrático), “esteve repleto desses elementos arcaicos (...): reforçou o presidencialismo imperial, manteve a tutela militar, recorreu abertamente ao populismo na época do Plano

---

<sup>1</sup> A ingerência mais importante se deu quanto ao tipo de governo adotado: o parlamentarismo tinha maioria no Congresso Constituinte, até o momento em que o Executivo e os militares entraram em cena a favor do presidencialismo, mudando a correlação de forças. O presidencialismo foi mantido, com a promessa de realização de um plebiscito sobre sistema e forma de governo. O plebiscito acabaria se realizando em 1993, com a vitória por larga margem do presidencialismo e do republicanismo. Outro acontecimento importante foi a conquista de mais um ano de mandato presidencial, que passaria a ser de cinco anos.

Cruzado, valeu-se amplamente do clientelismo, humilhou os partidos, buscou criminalizar a oposição popular (...), tudo fez para esvaziar a Constituinte (...). Além do mais, não promoveu nenhuma alteração substantiva no bloco das classes no poder, conservando intocado o peso político do latifúndio e do grande capital, sobretudo do capital bancário.”<sup>2</sup>

A consolidação desse processo se daria com a vitória de um projeto conservador nas primeiras eleições presidenciais diretas desde 1961. Fernando Collor, um jovem político até então relativamente desconhecido, se tornaria em 1989 a opção preferencial das classes dominantes no embate direto com Lula, representante do único projeto popular e democrático viável naquele momento. Collor simbolizaria para milhões de eleitores equivocadamente o “novo”, o jovem pretensamente “caçador de marajás” e divorciado da “velha classe política”. Não podia haver de fato candidato melhor: seduzia eleitores frustrados com a “Nova República” e decepcionados com a “classe política”, ao mesmo tempo em que era legítimo representante exatamente das forças conservadoras envolvidas com aquele estado de coisas.

Aquela eleição simbolizou a derrota (ao menos temporária) do projeto popular e de uma alternativa democrática de massas ao regime conservador em construção. Foi um momento importante na consolidação da hegemonia social das classes *dominantes* – obrigadas agora, numa sociedade “ocidentalizada” (com a presença de uma sociedade civil atuante e de movimentos contra-hegemônicos), a serem mais que nunca *dirigentes*. O novo governo, empossado em 1990, buscava levar adiante o projeto conservador traduzido num modelo de democracia liberal, baseada no privatismo, na valorização da esfera do mercado enquanto solucionador de conflitos (em lugar da esfera pública), em partidos e sindicatos de *interesses* (não ideológicos ou classistas) e na baixa participação política – que ficou conhecido como “neoliberal”. Tal modelo “deprecia a política e suas instituições em suas concepções naturalísticas sobre o mercado como instância organizadora da vida social. O interesse moderno burguês pode prescindir da política, uma vez que ele coincide e se pode satisfazer com o estado de coisas existente – o interesse que não pode prescindir dela é o das classes subalternas.”<sup>3</sup>

O Governo Collor seria marcado (além do início da fase neoliberal no Brasil), pela heterodoxia econômica (beirando o autoritarismo); o desrespeito ao Congresso; a

---

<sup>2</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e Socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992, pág. 54.

<sup>3</sup> VIANNA, Luiz Werneck. “Nova esquerda e cultura política”. *Presença*. São Paulo: s. ed., n.º 17, novembro de 1991, pág. 40.

inauguração do costume de se banalizar o recurso das Medidas Provisórias (previsto pela Carta de 1988 para casos de extrema urgência) como forma de se desvencilhar das discussões congressuais; e, especialmente, pela corrupção, em níveis nunca vistos até então. Esse último fator, aliado à progressiva perda de legitimidade do presidente perante a população e, especialmente, perante setores das elites (que haviam ajudado a elegê-lo, mas agora não o viam mais como um representante confiável), selou seu destino: um processo de *impeachment* (fato inédito nas democracias americanas), sustentado por manifestações massivas comparáveis às das Diretas Já, afastaram o presidente em setembro de 1992, levando à posse do vice, Itamar Franco, que cumpriu seu mandato até o final de 1994.

O período Itamar Franco pode ser considerado um interregno da ascensão do neoliberalismo. O novo presidente paralisou os processos de privatização e buscou uma orientação econômica mais nacionalista e independente. Equilibrou-se em uma coalizão de diversas forças heterogêneas. Isso decorre de três fatores: a personalidade ambígua do presidente (algo infelizmente importante num sistema em que um homem concentra tanto poder, sendo um dos fatores intrínsecos do presidencialismo, em especial do presidencialismo “imperial” e de partidos diluídos do Brasil); a sua necessidade de sobrevivência ao ascender ao poder sem nenhuma base de sustentação; e a reorganização das forças progressistas durante o processo de *impeachment*, que agora tinham Lula como o virtual vencedor das próximas eleições presidenciais. Assim, Itamar governou sem um rumo definido, num momento de desorganização das forças conservadoras e de fortalecimento das progressistas.

No entanto, esse quadro logo foi revertido, e uma nova coalizão conservadora se formou (dessa vez conseguindo atrair setores e personalidades mais marcadamente de centro e centro-esquerda) em torno da figura de Fernando Henrique Cardoso, notável intelectual progressista e então político social democrata do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que naquele momento ocupava o posto de ministro da Economia. Cardoso se elegeu principalmente pelo cargo que havia ocupado, já que a ele ficou associado o sucesso do Plano Real, que obteve a louvável redução drástica da inflação através da implantação de uma nova moeda (o real) e sua valorização artificial em relação ao dólar – com o novo câmbio, houve um crescimento acelerado das importações, mantendo os preços naturalmente regulados, ainda que à custa de um crescente déficit público e da balança comercial. Pode-se dizer que o sucesso do plano tornou Cardoso a alternativa mais concreta para as elites brasileiras (em especial para o

capital financeiro) contra Lula. E, de fato, este foi derrotado logo no primeiro turno, e Cardoso assumiu a presidência em 1995 para um mandato agora de quatro anos (modificação realizada pela Revisão Constitucional de 1993), com grande apoio popular e uma base parlamentar (conservadora) sólida.

O novo presidente se dedicou a manter a estabilidade econômica e a levar a novos patamares a implantação do ideário neoliberal: privatizou grande parte do Estado brasileiro; “criminalizou” os movimentos sociais (como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, então em ascensão); favoreceu a setores específicos das elites brasileiras como o capital financeiro (e nem tanto aos setores industriais); e manteve uma política externa diretamente associada aos países hegemônicos e ao sistema financeiro internacional. As privatizações avançaram nos setores de telecomunicações e de transmissão de energia e entre os bancos estaduais, assim como nas concessões da administração de ferrovias e rodovias. Além das privatizações, houve iniciativas como a abertura de diversos setores (como a navegação de cabotagem) e o fim da estabilidade do funcionalismo público – tudo isso com a justificativa de abrir a economia brasileira ao capital externo e sanear o Estado, que se dedicaria apenas a algumas atividades fundamentais. Quanto às tais atividades fundamentais, a saúde e a educação tiveram progressos dignos de nota, como os avanços no tratamento público da AIDS e a redução do analfabetismo (ao lado, no entanto, de um “sucateamento” do ensino superior público). Por outro lado, em áreas como infra-estrutura e segurança, pouco se fez.

Tudo isso foi realizado à base de reformas constitucionais, garantidas pela sólida maioria parlamentar do Executivo. A relativamente progressista Constituição de 1988, aprovada ainda num momento anterior ao ascenso neoliberal no Brasil (que se deu aqui anos depois das primeiras experiências mundiais, originalmente na Inglaterra e em países como o Chile de Augusto Pinochet), agora parecia não mais se adequar aos novos ventos internacionais e ao novo pensamento hegemônico mundial, e deveria ser profundamente modificada – o que foi feito, às custas também de algumas perdas de direitos sociais.

Grande parte da energia do Governo Cardoso, além de aplicar o receituário neoliberal, foi dedicada a conquistar sua própria reeleição, através de mais uma reforma constitucional (sobre a qual recaíram pesadas suspeitas de corrupção, como já vinha ocorrendo em relação às privatizações). De qualquer forma, com o direito à reeleição conquistado, ela viria de fato em 1998, mais uma vez em primeiro turno e contra Lula.

A manutenção da estabilidade e da base ampla de sustentação política do presidente parecem ter sido os fatores fundamentais para isso, além da impossibilidade da oposição de esquerda em propor alternativas.

O segundo mandato de Cardoso começou envolto em imensas dificuldades econômicas, que vinham se acumulando no primeiro mandato, mas somente depois das eleições vieram à tona. O crescimento vertiginoso das dívidas públicas, o saldo negativo na balança comercial e a impossibilidade de se manter o real sobre valorizado por tanto tempo se somaram a uma rápida fuga de capitais (era o Brasil se tornando a nova “bola da vez” da economia globalizada). As respostas a esse quadro foram o fim da tentativa de paridade cambial artificial e a elevação dos juros. Levaram também a outras conseqüências, como a alegada necessidade de assinatura de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI, que passaria a partir daí a controlar as contas brasileiras e exigir altos superávits e baixos investimentos), ainda em 1998 – e a assinatura da louvável Lei de Responsabilidade Fiscal em 2000 (que impôs à União, estados e municípios a necessidade de gerirem suas contas com equilíbrio).

Fora as dificuldades econômicas, os baixos investimentos em infra-estrutura desde o primeiro mandato levaram o consumo de energia a patamares mais elevados que os permitidos pela defasada malha energética do país, causando o malfadado “apagão” (2001) e a necessidade de racionamento – o que causou ainda mais problemas à economia. Àquela altura, o crescimento econômico era quase nulo, o desemprego era crescente e o investimento social se reduzia. Outro agravante foi o recrudescimento das denúncias de corrupção a membros do primeiro escalão do governo, que colaboraram ainda mais para o desgaste da imagem do presidente e para a erosão de sua base de sustentação. Assim, o segundo mandato de Cardoso foi marcado pela progressiva falta de iniciativa.

Tudo isso colaborou para o fortalecimento e ampliação da oposição. A progressiva abertura de seu partido hegemônico (o PT) a alianças com frações da burguesia e setores de centro e centro-direita também ampliou sua base de apoio e suas possibilidades em relação às eleições anteriores. É verdade que o contexto brasileiro em 2002 era mais favorável a propostas alternativas: prova disso foi a utilização por parte de todos os candidatos presidenciais (inclusive o governista José Serra) de um discurso alternativo e favorável às mudanças em diferentes níveis. A conjuntura internacional também já parecia não ser tão dominada pelo “pensamento único”, com a possibilidade de alternativas surgindo em diferentes quadrantes do globo. No entanto, a progressiva

caminhada do PT para uma integração ao sistema e sua consolidação como o partido hegemônico da oposição (além de sua aura de ética e definição ideológica em meio a um quadro político em que tais virtudes parecem tão raras), além da consolidação de Lula (candidato pela quarta vez) como um líder popular e carismático, parecem ter sido os fatores determinantes para a sua vitória naquele ano. Entre vários candidatos “oposicionistas”, venceram o candidato e o partido mais consolidados nesse campo. Lula e o PT, transformados em relação a anos anteriores e apoiados por uma grande base de sustentação (que ia da extrema-esquerda à centro direita no espectro político, e de setores do operariado mais moderno a representantes do arcaísmo oligárquico no espectro social), chegavam finalmente ao centro do poder político.

O novo governo empossado em 2003 enfrentaria profundos desafios a partir de então – a começar pelo Estado desmontado e pelas contas negativas que “herdou” do período anterior. Fruto de uma base social e política heterogênea, e comandado por um núcleo político que vinha se “moderando” nos últimos anos, o Governo Lula efetivamente vem produzindo modificações importantes em algumas áreas (como na política externa e no respeito aos movimentos sociais), mas preservou até agora os rumos conservadores em outras (notadamente na fundamental área econômica). Assim, equilibrado em interesses divergentes, com dificuldades estruturais para a superação do paradigma neoliberal e aparentemente sem um projeto de poder tão claro, o novo governo segue em busca de uma identidade mais definida.

O período analisado, portanto, se caracterizou por avanços moderados da democracia brasileira e pela hegemonia do pensamento e das ações neoliberais. Como se viu, a democracia brasileira (que recentemente elegeu para seu cargo máximo um representante das classes exploradas) sobreviveu nos últimos anos a diversas crises e, malgrado suas insuficiências, demonstrou assim seu fôlego e solidez em alguns aspectos – o que poderia fazer com que alguns a considerassem “consolidada”. Tal afirmativa seria, no entanto, precipitada, se observarmos a enorme dívida social do país (que mantém grandes parcelas da população fora da cidadania plena), o poder do Executivo em detrimento dos outros poderes e a fraqueza dos partidos e da representação brasileiros. Talvez a democracia brasileira só possa ser considerada consolidada após a resolução desses problemas. E sem dúvida a implantação do receituário neoliberal nos últimos anos não tem contribuído com isso.

### **PCB/PPS: delicado equilíbrio entre o “velho” e o “novo” (1989-2003)**

Ao mesmo tempo em que as forças populares e as organizações de esquerda se viam obrigadas a combater o avanço no Brasil do projeto que se convencionou chamar de “neoliberal”, dava-se a rápida derrocada dos regimes socialistas do Leste Europeu em 1989 e a desintegração final da URSS em 1991. Aliado a isso, decretava-se com júbilo o “fim da história”, a “vitória final” do capitalismo, a “crise terminal” do ideário igualitário – sentenças de morte até hoje reproduzidas por alguns como verdades irrefutáveis. Exagero à parte, tratava-se realmente do ápice de uma crise sem precedentes das esquerdas, que já vinha sendo sentida há tempos (porém negada por muitos), e que agora se abatia sobre as forças populares em todo o mundo, fossem ou não associadas àqueles regimes em colapso<sup>4</sup>. De todos os partidos de esquerda no Brasil, o que passou pela transformação mais radical nesse período foi o PCB. Foi em meio à consolidação da transição conservadora (e avanço do neoliberalismo) no Brasil e ao ocaso do sistema socialista que o PCB vivenciou sua maior crise – tão grave que pôs em xeque sua própria existência. O velho “Partidão”, de tão rica trajetória, era agora um partido em colapso e irremediavelmente dividido.

A divisão do partido se aprofundava, mas a convivência em seu seio ainda era possível (o que só deixaria de ocorrer quando sua “essência” fosse abertamente negada). Tanto que a campanha presidencial de Roberto Freire e Sérgio Arouca seria um fator unificador dos que defendiam o apoio ao candidato do PMDB (Ulisses Guimarães, numa reiterada opção pela “frente democrática”) ou ao candidato do PT (Lula, que na prática seria a opção pela “frente de esquerda”). A candidatura própria de Freire ainda podia representar naquele momento o conjunto dos pecebistas. Assim, além de servir para apresentar o partido à sociedade e se colocar como alternativa de poder, a candidatura Freire/Arouca tinha um papel unificador das divergências internas do partido.

A campanha presidencial foi assumindo aos poucos uma aura de “novidade” para alguns setores da sociedade brasileira, em especial da intelectualidade. Teve sem dúvida uma força simbólica maior que o resultado final alcançado (o oitavo lugar geral, com cerca de 1% da votação total ou aproximadamente 769.000 votos). A crise do

---

<sup>4</sup> Basta observar a crise que se abatia também sobre as organizações sociais democratas.

socialismo, que deu seus passos decisivos em plena campanha de Freire no Brasil, certamente serviu para reforçar e definir algumas das posições assumidas ao longo daquela campanha, que deflagrou o processo de transformação do PCB nos anos seguintes. Porém, tais posições refletiam em boa parte mudanças pelas quais o partido vinha passando nos últimos anos, e representavam amplos setores pecebistas. Expressões como “nova esquerda”, “esquerda moderna” e “socialismo democrático” foram amplamente empregadas, sendo associadas a Freire e ao PCB. O candidato e seu vice defenderam sistematicamente um “novo socialismo”, democrático, defensor das liberdades, enquanto algumas críticas mais contundentes a países socialistas como Cuba e China foram proferidas. “Idéias-força” do “socialismo real”, como a estatização, foram relativizadas: “Precisamos de um Estado forte, a serviço do público e não do privado, em articulação com o capital particular, numa economia mista sob controles sociais. Socialismo não se confunde mais com estatismo.”<sup>5</sup> Bandeiras polêmicas relacionadas à liberdade do indivíduo, como o direito ao aborto e a descriminalização da maconha, foram levantadas.

Chegado o segundo turno, e apesar da busca de uma clara diferenciação ao longo da campanha com a candidatura petista e das diferenças históricas que separavam os dois partidos, não restaram dúvidas aos pecebistas de todos os matizes acerca da candidatura a ser apoiada. A vitória das forças representadas por Collor novamente não deixou escolha para o PCB. Os setores em disputa no partido foram unânimes na defesa de uma oposição ferrenha ao novo governo – que o PCB/PPS manteria (com maior ou menor virulência) até o final do governo.

A profunda divisão entre os que defendiam um “resgate revolucionário” de elementos constitutivos do partido e de sua representação popular e os que lutavam por sua “renovação democrática” se aprofundava dia a dia. Seria simplificador tentar compreender as divisões pecebistas como a luta do “novo” contra o “velho”, ou de “democratas” contra “autoritários”. Na verdade, seria impossível apresentá-la como a luta entre apenas *duas* posições definidas, já que a pluralidade do partido naquele momento era imensa – e chegaria ao ápice no ano de 1991. Nesse ano, durante o IX Congresso do PCB realizado em junho no Rio de Janeiro, a pluralidade de concepções do partido terminou por se agregar em três tendências. A maioria se agrupou em torno de Freire, Arouca e o então secretário-geral Salomão Malina, e se apresentou no

---

<sup>5</sup> *Voz da Unidade*, n.º 452 (30/06/1989).

congresso sob a alcunha de “Socialismo e democracia”, defendendo “a renovação radical do partido. Isto significava abandonar a tradicional concepção de partido de quadros e da ditadura do proletariado e o desafio de construir uma nova teoria e organização partidárias. A maioria da DN [Direção Nacional] coloca em xeque a existência do PCB, seu nome, seus símbolos e a tradição histórica que estes encerram.”<sup>6</sup> A oposição tachada de “ortodoxa” se agrupou na tendência “Fomos, somos e seremos comunistas”, capitaneada por Oscar Niemeyer, Francisco Milani, Horácio Macedo, entre outros. Defendia (ou buscava “resgatar”) o caráter revolucionário do partido, sua estrutura leninista de organização e seus símbolos – muitos deles, porém, assumiam uma postura crítica em relação à experiência socialista e a alguns aspectos do marxismo-leninismo. Por fim, um outro grupo se configurou como uma “terceira via” entre o que classificava como “social-democracia” da primeira e “ortodoxia stalinista” da segunda. Era a “Política de esquerda pelo novo socialismo” (liderada por Domingos Tódero), que defendia a manutenção do nome e dos símbolos do partido, mas lutava pela aprovação de boa parte das propostas transformadoras defendidas pela maioria – dando-lhes, no entanto, um caráter mais definidamente socialista.

O IX Congresso terminou com a esperada vitória do grupo de Freire (que foi eleito presidente do partido), porém por uma margem apertada: 53%, contra 36% da chapa “Fomos, somos e seremos comunistas” e 11% da chapa “Política de esquerda pelo novo socialismo”. As oposições somadas chegaram perto da maioria, inviabilizando momentaneamente o projeto de substituição *imediata* do PCB por um novo partido, com novo formato e sem um credo oficial marxista. Mas, preservado momentaneamente o partido, a oposição voltaria a se dividir, e a maioria logo poderia retornar ao seu projeto de transformação do PCB. Só não se esperava que fosse tão rapidamente. Logo em setembro<sup>7</sup>, a maioria da direção pecebista decidiu acelerar o processo de mudanças, convocando o X Congresso, para discutir a formação de uma nova “formação política”, uma nova “forma-partido”, seu nome e símbolo. A decisão pela convocação imediata de mais um congresso partidário parece ter sido tomada intempestivamente, e de alguma forma tornou mais difíceis os entendimentos entre os grupos de disputa, que a partir daí passaram a se tratar como “inimigos” e a caminhar

---

<sup>6</sup> SILVA, Antônio Ozaí da. “Os comunistas diante do muro: o marxismo-leninismo entre a negação e a afirmação da tradição stalinista”. In: *Revista Diálogos*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, volume 3, 1999.

<sup>7</sup> Com a justificativa dos acontecimentos de agosto na URSS, quando a ala “ortodoxa” do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) tentou derrubar Gorbatchev, não obteve apoio suficiente (especialmente popular) e precipitou assim a desintegração da URSS.

para a definitiva separação física. O processo congressual, sem maiores discussões senão acerca da mudança do partido, foi naturalmente polarizado entre apenas duas chapas: “Movimento socialismo e democracia”, dos chamados “renovadores modernizantes” como Freire e Arouca; e “Renovação revolucionária”, dos que receberam a pecha de “ortodoxos”. Depois de meses de um processo intrincado, o X Congresso (Extraordinário) do PCB se realizou de 24 a 26 de janeiro de 1992 em São Paulo. Nele, a minoria “ortodoxa” (detendo cerca de 30% da representação) se retirou do Congresso para “reorganizar” o PCB, enquanto a maioria decidia pela “renovação” do PCB em um novo partido. Nasceu – não sem dificuldades – o PPS, um partido entre o passado e o futuro, “novo” e ao mesmo tempo “herdeiro”, equilibrando-se em dicotomias difíceis de serem equacionadas: “um Partido novo, democrático, socialista, que se inspire na herança humanista, libertária e solidária dos movimentos sociais e das lutas dos trabalhadores em nosso País e em todo o mundo, prolongando hoje a luta que travamos desde 1922. (...) Um Partido socialista, humanista e libertário, que tenha como prática a radicalidade democrática, que permita a cada ser humano exercer sua plena cidadania, na área em que reside e no planeta em que habita. Um Partido que tem como metodologia de ação política, a não violência ativa, e que repudia toda e qualquer forma de violência (econômica, racial, religiosa, física, psicológica etc.). (...) Um Partido que assume sem medo compromissos com o presente e o futuro, recusando a infalibilidade e o dogma, mas tendo em conta a experiência do passado.”<sup>8</sup>

Para além do nascimento do PPS e de um PC (que lutaria nos anos seguintes pela sua legalização como “PCB”), é necessário registrar a verdadeira “diáspora” que se deu nesses últimos momentos do PCB – desde a preparação do IX Congresso até o encerramento do X. Um grande número de pecebistas decidiu seguir sua militância (ou reinventá-la) numa gama de outras organizações, mas fundamentalmente no PT e no PC do B. Além disso, deve-se lembrar do número incomensurável de pecebistas que abandonaram a atuação política, entre os quais muitos, desgostosos, perderam a referência de toda uma vida. O PCB chegava ao fim gerando uma pulverização de sua militância, de sua identidade, de sua memória. Caberia a partir de então a seus diversos “herdeiros” a reivindicação, manutenção, reprodução, renovação e manipulação de sua identidade, agora definitivamente esfacelada.

---

<sup>8</sup> Manifesto aprovado no X Congresso do Partido Comunista Brasileiro – PCB / Partido Popular Socialista – PPS, São Paulo, 26 de janeiro de 1992. Retirado do *site* [www.pps.org.br](http://www.pps.org.br).

O PPS, depois de alguns anos de indefinição, se abriu para novas forças e participou com mais intensidade do chamado “jogo institucional” (e menos dos movimentos sociais), com um perfil “social democrata” mais nítido, crescendo consideravelmente e desenvolvendo um projeto mais definido de poder (dentro dos limites do capitalismo). Preserva ainda muito do velho PCB (ou de uma de suas facetas, a mais democrática, reformadora e de massas), mas vai se configurando (ao menos até o momento em que escrevo) como um partido “novo” – mas perigosamente parecido com tantos outros. Vamos ver com um pouco mais de atenção como esse caminho foi trilhado.

Com o início do Governo Itamar, o PPS assumiu uma postura diferente do principal partido de esquerda (o PT, que iniciou oposição ferrenha ao novo governo): decidiu, em virtude da intenção de Itamar em buscar amplas alianças e a indefinição de seu perfil, apoiar o novo governo. Nesse contexto, Freire se tornou o líder do governo na Câmara dos Deputados. O PPS reproduzia assim a posição de “frente democrática” defendida por correntes do PCB nos primeiros anos da Nova República (justificando o apoio ao Governo Sarney e defendendo um possível apoio a Ulisses Guimarães em 1989). No entanto, com a progressiva aproximação do governo de setores mais conservadores, e a configuração da candidatura de Cardoso baseada eminentemente em forças conservadoras do espectro político, o PPS decidiu-se pela saída da base do governo e, em meio a críticas ao nascente Plano Real, apoiou a candidatura hegemônica das esquerdas (Lula), apoiada então por uma “frente de esquerda” – que teve, no entanto, sua estreiteza criticada pelo partido, que defendia uma aproximação (então inviável) entre o PT e o PSDB. Provavelmente por falta de opções e indefinição em relação aos rumos e ao projeto de novo partido, o PPS assumia uma postura errática. Não havia muita clareza para a grande maioria dos militantes do espaço a ocupar e do projeto a defender naquele novo contexto de virtual desaparecimento do “socialismo real”, crise das esquerdas e consolidação do pensamento neoliberal – e de até que ponto (e em que) o PPS deveria se diferenciar do passado comunista.

A relação complicada entre PCB e PT nos anos 1980 (quando o PT ocupou o espaço físico e simbólico que até então era ocupado pelo PCB de força hegemônica das esquerdas) se reproduzia agora com o PPS, mantendo-se até os dias de hoje. Com o Governo Cardoso, o PPS assumiu a postura de “oposição propositiva”, não integrando sua base de apoio, mas apoiando o governo em todos os momentos em que julgasse coerente. O PPS começou nesse momento a definir sua posição com mais clareza,

tentando se colocar como uma “terceira via” (muito inspirada em autores como Anthony Giddens, bastante lido entre a intelectualidade de esquerda brasileira naquele momento) em relação à dita “social-democracia” do PSDB e ao pretense “radicalismo” petista – tal posição foi definida no XI Congresso, realizado no Rio de Janeiro de 25 a 28 de abril de 1996.

Nesse contexto, o partido começou a atrair novas forças políticas, ampliando suas dimensões, primeiro por meio de adesões de dissidentes de outros partidos dos mais variados matizes, e mais tarde eleitoralmente. A adesão mais importante ao partido (que determinaria em parte seu rumo nos anos seguintes) foi a de Ciro Gomes, recém-saído do PSDB, que havia sido ministro da Fazenda nos últimos meses do Governo Itamar (além de prefeito de Fortaleza e governador do Ceará) e vinha criticando os rumos do novo governo e do Plano Real. Bem articulado, Ciro Gomes vinha se tornando uma referência para vários setores da sociedade de uma “oposição propositiva”, e uma nova liderança nacional. Sua entrada no PPS (após meses de intensas negociações) em 1997 deu ao partido o nome necessário para representar o perfil desejado por seus setores majoritários para o novo partido. Na verdade, Ciro Gomes era de alguma forma maior que o próprio partido. Na última eleição como PCB (1990), o partido havia elegido apenas 3 deputados federais, e em 1994 havia até diminuído sua representação para 2 deputados federais (mas por outro lado eleito Roberto Freire para o Senado). O caminho natural foi o lançamento de Ciro Gomes (agora o principal nome do partido) para a Presidência da República, consolidada pelo XII Congresso, realizado de 16 a 19 de abril de 1998, em Brasília. Nas eleições de 1998 o PPS teve bons resultados por todo o país (o que demonstrava seu crescimento, mas também até certo ponto sua migração para o centro), e a candidatura Ciro Gomes ficou em terceiro lugar, obtendo 7.426.190 de votos (10,97% dos votos válidos).

No segundo mandato de Cardoso, o PPS manteve basicamente a mesma postura em relação ao governo, ao mesmo tempo em que proclamava a necessidade de formação de uma frente de centro-esquerda para derrotar as forças hegemônicas no país. A maioria das forças de esquerda (em especial o PT) não respondeu aos seus apelos. Na realidade, em 2002 surgiram (como já foi dito) diversas candidaturas pela esquerda, sendo que o PT de alguma forma reproduziu a proposição do PPS, porém sem esse partido, e cuidando para manter sua hegemonia na frente que elegeu Lula (uma “frente de centro-esquerda” com a participação de alguns setores mais nitidamente conservadores). O mesmo caminho seguiu o PPS, relançando Ciro Gomes, mas desta

vez com os apoios do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A candidatura, malgrado ter estado em certo momento liderando as pesquisas de opinião, enfrentou diversos problemas internos, devido ao destemperamento do candidato, a heterogeneidade das forças que o apoiavam, a indefinição de rumos durante a campanha, ataques de setores da mídia e outras forças políticas, entre outros fatores. Ciro Gomes acabou ficando em quarto lugar, recebendo 10.167.597 de votos (11,972% dos votos válidos), mas servindo de suporte para a eleição de 15 deputados federais e 41 estaduais e distrital, uma senadora (Patrícia Gomes, do Ceará) e dois governadores (Eduardo Braga no Amazonas e Blairo Maggi em Mato Grosso). Eram, apesar da expectativa frustrada de vitória presidencial, os melhores resultados do PPS (que apoiaria Lula no segundo turno e em seus primeiros anos de governo), mas também um sinal (pelo perfil das campanhas e de grande parte dos eleitos) de que os novos rumos do partido cada vez menos guardavam relação com seu passado transformador. O PPS, entre o “novo” e o “velho”, aponta cada vez mais para a primeira opção – mas o “novo”, nesse caso, pode estar significando não uma renovação de práticas e concepções em busca de uma forma mais adequada de se continuar lutando por uma sociedade mais justa e igualitária, mas o abandono da própria *essência* do partido.

Pode-se afirmar que as forças de esquerda no Brasil foram influenciadas nos últimos anos direta ou indiretamente pela derrocada do “socialismo real” – mas também pela ascensão neoliberal e por questões derivadas da própria lógica da política e da sociedade brasileiras. Esses fatores somados levaram à caminhada das esquerdas ao longo dos anos analisados em direção a uma postura mais “integrada” ao sistema e menos “rupturista” – mais madura e realista, mas também mais propensa a deixar de lado, em alguma curva desse longo caminho, os velhos ideais definidores da sua essência. A busca do “novo”, sem dúvida é saudável. Antigas formas de organização e de compreensão do mundo se mostram hoje inadequadas à nova realidade, e a transformação se torna absolutamente necessária à própria sobrevivência dos ideais igualitários e da própria idéia de “esquerda”. No entanto, usando uma imagem popular, o risco que se corre é que se, ao tentar renovar a água, se jogue fora o bebê, além da água suja.

## **Bibliografia**

- COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e Socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992.
- LINZ, Juan e STEPAN, Alfred. *A transição e consolidação da democracia – a experiência do Sul da Europa e da América do Sul*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.
- TAVARES, José Antônio Giusti e ROJO, Raúl Enrique (orgs.). *Instituições política comparadas dos países do Mercosul*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

## **Artigos**

- SILVA, Antônio Ozaí da. “Os comunistas diante do muro: o marxismo-leninismo entre a negação e a afirmação da tradição stalinista”. In: *Revista Diálogos*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, volume 3, 1999.
- VIANNA, Luiz Werneck. “Nova esquerda e cultura política”. *Presença*. São Paulo: s. ed., n.º 17, novembro de 1991.

## **Periódico**

- *Voz da Unidade*, n.º 452 (30/06/1989).

## **Site**

- [www.pps.org.br](http://www.pps.org.br).

## ***Trajetória de Sérgio Arouca (1989-2003)***

Falar dos últimos anos da trajetória de Sérgio Arouca é abordar o período de sua vida em que ele mais atuou politicamente, os anos em que assumiu um papel de referência nacional para seu partido e para amplos setores da sociedade. Se Arouca foi uma referência em sua área até meados dos anos 1980, e entre 1985 e 1989 assumiu definitivamente um papel de liderança no campo da reforma sanitária (graças a cargos como o de presidente da FIOCRUZ e secretário Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, e à sua atuação na VIII Conferência Nacional de Saúde), pode-se dizer que a partir de 1989 ultrapassou definitivamente as fronteiras de sua área, tornando-se uma personalidade política nacional. Ao mesmo tempo, falar desses últimos anos de sua trajetória é abordar um período em que salta aos olhos com ainda maior clareza as enormes dificuldades de se transformar a utopia em realidade.

A partir de 1985, as atividades realizadas por Arouca na área de saúde o fizeram conhecido e mais importante em seu partido. Sua liderança no movimento de reforma sanitária (e por conseqüência a presidência da VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986) o fez participar da Assembléia Nacional Constituinte, como o principal representante da sociedade civil nos debates em torno do capítulo dedicado à Saúde na nova Constituição. Foi nesse contexto, aliás, que teve seus primeiros contatos com Roberto Freire (já então um dos líderes principais do PCB), que teria um papel importante em sua vida nos anos seguintes. O fato de Freire só ter tido contato com Arouca naquele momento deixa claro que só então este começava a ocupar um espaço de maior destaque no partido (entrando para as direções estadual e nacional):

*na área da saúde, quem inclusive participou como representante da sociedade civil em audiência pública no plenário da Assembléia Nacional Constituinte foi Sérgio Arouca. Ele foi o representante maior da sociedade civil no capítulo tocante à saúde. Claro, nós já sabíamos que era do partido. Tínhamos lá a nossa pequena bancada do PCB (Augusto Carvalho, Fernando Santana e eu), e tivemos um grande papel nisso. Eu mesmo, sem ser um homem ligado à saúde, fiquei fortemente ligado com esse capítulo da Constituição. Eu era o instrumento (como parlamentar constituinte) daquilo que ele*

*trazia como contribuição efetiva dos setores de saúde da sociedade civil. Foi ali que eu conheci o Arouca.*<sup>9</sup>

Em especial por sua atuação destacada na FIOCRUZ (mas também como secretário Estadual de Saúde), Arouca passava a ser conhecido pela população – embora não tão identificado como um militante comunista. Chegada a eleição presidencial de 1989 e confirmada a candidatura própria do PCB (tentativa de divulgar as idéias do partido, melhorar sua “musculatura eleitoral” e unifica-lo internamente), Arouca se revelaria um bom nome para integrar a chapa como candidato a vice-presidente, ao lado de Freire. Um antigo aliado e amigo de Arouca narra como tudo aconteceu (sendo esta provavelmente a versão mais verossímil):

*O Arouca era na época, dos quadros do partido, o mais conhecido da população, embora não identificado enquanto membro do PCB – mas era a figura pública que mais tava na mídia, (...) ele tinha uma capacidade de produzir fatos muito grandes. E aí tava aquele impasse, quem seria o vice do Freire, articulação daqui, um outro partindo dali, não conseguia... Um dia nós conversando (em mesa de bar, essas coisas só saíam em mesa de bar) e eu: “ô, cara, por que você não topa ser o vice do Freire” “Você acha?” “Acho, você ia dar bem”. Aí eu conversei com o Ary, conversei de novo com ele e eu senti que ele “balançou”... Insisti de novo: “posso falar com o pessoal do partido?” “Pode”. Aí eu fui lá no Comitê Central (...). Aí cheguei no escritório do Comitê Central que funcionava ali na Rua Pedro Lessa, conversei com o Givaldo e ele achou ótima a idéia: “mas o Arouca topa?” “Claro, topa, tô falando com você porque já falei com ele, tem que aceitar”. E o Freire tava viajando, não sei se foi pro México, pra algum lugar, e foi consultado se topava. O Freire disse: “opa, uma maravilha!”<sup>10</sup>*

Arouca surgia para muitos pecebistas (e para a sociedade) como um homem da ciência, ligado à academia, à pesquisa – visão bastante próxima da realidade. Arouca, apesar de ter atuado politicamente desde a adolescência, de compreender quase tudo que fazia pelo prisma da atividade política e de ter parado de produzir academicamente pelo menos uma década antes, tinha o respeito e admiração de amplos setores da

---

<sup>9</sup> Roberto Freire, depoimento cedido em Brasília (DF) em 19 de maio de 2005, pág. 45.

<sup>10</sup> Rivaldo Venâncio da Cunha (Sergipe), depoimento cedido em 16 de abril de 2005 no Rio de Janeiro (RJ), conferir *Relatório Sérgio Arouca (1976-1988)*, pág. 171.

intelectualidade, e sua atuação recente como dirigente e como técnico em cargos públicos contribuía (mesmo que indiretamente, e apesar do sempre presente componente político) para o avanço da pesquisa científica em algumas áreas, e também da saúde coletiva. Além disso, seu papel na reforma sanitária sem dúvida carregava, junto à sua dimensão prática e organizativa, um importante componente de *formulação*. Assim, o “homem da ciência” e “da FIOCRUZ” surgia como um bom candidato para os comunistas do PCB:

*chegamos à conclusão de que o melhor nome do partido era o do Arouca. O Roberto Freire era um político nordestino, apesar da questão da linha política que ele tem de ser um deputado nacional, que circula o Brasil inteiro, praticamente não faz trabalho eleitoral em Pernambuco – o que é um defeito, não é uma qualidade, sempre foi assim. E aí precisava de uma pessoa que tivesse livre trânsito, livre acesso principalmente junto à intelectualidade do Rio de Janeiro e de São Paulo. Não só a intelectualidade artística e cultural (que era assim um segmento em que o Roberto Freire já tinha penetração), mas alguém que tivesse respeito e admiração na comunidade técnico-científica – das pessoas que mexiam com ciência, com tecnologia, que estavam na universidade, na academia.<sup>11</sup>*

Além do papel que o partido esperava que Arouca exercesse (enquanto candidato a vice-presidente) de elo de ligação com a intelectualidade, ele acabaria atuando internamente de uma outra forma também. A chapa Freire/Arouca ajudou a consolidar no interior do PCB posições de renovação e transformação do partido – posições presentes na agremiação há vários anos, mas agora assumindo um espaço majoritário e uma postura mais decidida. Começava-se a propor (posições amplificadas e radicalizadas com a derrocada dos países socialistas do Leste Europeu em 1989 e o fim da URSS em 1991) o abandono de idéias e da organização marxista-leninista, e logo se começaria a falar no fim do partido e na formação de uma organização mais “moderna” e democrática, ligada à “nova esquerda” e aberta a novos tipos de pensamento além do marxista. A campanha de Freire/Arouca foi um passo importante nesse processo, mostrando à sociedade um novo perfil do PCB e interferindo na luta interna do partido. Freire afirma que

---

<sup>11</sup> Luiz Carlos Azedo, depoimento cedido em 19 de maio de 2005 em Brasília (DF), pág. 41.

*Arouca era também um pensamento renovador, alguém que estava integrado nessa visão mais moderna, democrática, que o partido começava a ter. A nossa chapa (eu presidente e ele vice-presidente) foi marcante nesse sentido, posso dizer que éramos comunistas diferentes. Tivemos um conceito muito bom durante a campanha, com alguns dizendo que nós éramos os melhores candidatos, que era uma chapa que qualificava.*<sup>12</sup>

A campanha presidencial foi assumindo aos poucos uma aura de “novidade” para alguns setores da sociedade brasileira, em especial da intelectualidade. Teve sem dúvida uma força simbólica maior que o resultado final alcançado (o oitavo lugar geral, com cerca de 1% da votação total ou aproximadamente 769.000 votos). Aquela campanha mudaria especialmente a vida de Arouca, que a partir daí passou a ser visto como alternativa eleitoral “natural” do partido – basta apontar que antes de 1989 ele nunca havia concorrido a nenhum cargo eletivo, e após a campanha presidencial se candidatou outras cinco vezes. Nas eleições seguintes, em 1990, Arouca foi lançado candidato a deputado federal: “Na campanha ele se destacou. Já tinha um enorme destaque na área de saúde, na área médica, na FIOCRUZ, na ciência, mas aí começou a se destacar na política representativa do estado. Veio a eleição de 90 e nós, sabiamente e oportunisticamente, o lançamos candidato a deputado federal, ele topou.”<sup>13</sup> Capitaneando uma campanha de baixo custo, com o apoio de amigos e militantes, Arouca elegeu-se como um dos candidatos mais votados do Rio de Janeiro, assumindo seu mandato em fevereiro de 1991.

Iniciaria-se a partir daí uma relação de oito anos de amor e ódio com o Parlamento. Como ele mesmo afirmaria anos mais tarde: “Fiquei oito anos no Legislativo. E para mim foi uma experiência completamente diferente de tudo que eu imaginava e vivia. O exercício foi muito difícil porque éramos um partido com três parlamentares”<sup>14</sup> (Arouca, Freire e Augusto Carvalho). Arouca sabia que aquele espaço era importante, e que mesmo como integrante de um pequeno partido de oposição podia falar para um grande público, levar adiante diversos projetos e até mesmo influenciar outros parlamentares e liderar alguns processos políticos. Mas por outro lado nunca esteve satisfeito com os ritos parlamentares, as viagens semanais para Brasília, o

---

<sup>12</sup> Roberto Freire, op. cit., págs. 46-47.

<sup>13</sup> Givaldo Siqueira, depoimento cedido em 19 de maio de 2005 em Brasília (DF), pág. 75.

<sup>14</sup> Entrevista com Sérgio Arouca. Pasquim, n.º 28, pág. 8.

afastamento da família, o isolamento político em diversos momentos e a falta de diálogo de parte da esquerda. Seu colega de bancada Augusto Carvalho relembra as insatisfações de ambos com o funcionamento parlamentar e os setores hegemônicos da esquerda (leia-se PT e aliados como o PC do B):

*Claro que o Parlamento tem os seus ritos, não é? Seus procedimentos ali que muitas vezes não combinam com o próprio modo de ser de homens que naquele momento eram representantes do povo. Algumas reuniões já se sabiam que não levava a nada. Alguns “assembleísmos” muito comuns à esquerda, de reuniões intermináveis que resultavam em obstrução. Eu me lembro que tinha épocas em que o Congresso ficava em obstrução durante meses até, sob intensa pressão da opinião pública, e o Arouca se indignava muito com essa falta de produtividade da ação parlamentar. A gente compartilhava muito essa sensação, a gente não era muito afeito a esse jogo de bastidores e de disputas, muitas vezes pra marcar posição – como era muito característico dos setores hegemônicos da esquerda no Parlamento.<sup>15</sup>*

Seu chefe de gabinete, Fernando Antunes, se recorda de vários motivos de insatisfação para Arouca:

*(...) o mandato em si, essa forma como o mandato é exercido, aquela coisa de fazer o avião de táxi, uma ponte aérea, aquilo fazia o Arouca... O Arouca sempre gostava daquela questão de ver as filhas crescendo, estar perto das filhas, e aquela obrigação de estar em Brasília, especialmente naqueles momentos em que nós voltávamos do Rio, deixava o Arouca um pouco doído. Ele dizia: “por que tem que ser assim?” Ele nunca teve dúvidas de que precisava caminhar, mas ele refletia muito sobre sua vida privada. Ou seja, estando em Brasília de terça a quinta-feira, ele nunca foi dado a essas badalações de festa (que aqui tem aos montes), de reunir parlamentares em determinados restaurantes. Ao contrário, ele sempre dizia: “a gente não consegue um lugarzinho pra gente comer uma boa comida?” Ele era um gourmet assumido. Ele preferia estar em um pequeno restaurante, bem acompanhado, pra uma conversa mais interessante, do que estar numa grande festa com outros parlamentares, quando o que*

---

<sup>15</sup> Augusto Carvalho, depoimento cedido em 19 de maio de 2005 em Brasília (DF), pág. 53.

*você faz ali não era muito o que ele queria fazer, não era nada do que ele queria fazer!*<sup>16</sup>

Antunes, a esse respeito, dá uma declaração importante, no sentido de que a vida parlamentar era vista por Arouca como um “encargo”, uma “missão” que tinha que cumprir em nome do partido e de seu grupo: “ele encarava aquilo ali como um encargo, ‘é preciso estar nisso’. Mas ele dizia: ‘eu me sinto mais à vontade no Executivo.’”<sup>17</sup> Essa simpatia maior para com a atividade no Executivo remetia certamente ao seu passado como presidente da FIOCRUZ e secretário Estadual de Saúde. Provavelmente a vida parlamentar deveria parecer a Arouca em certos momentos enfadonha para o seu gosto pela atividade prática e de consecução rápida. Essa preferência pelo Executivo muito provavelmente remetia também ao que Arouca mais ansiava então para seu futuro: o Ministério da Saúde, talvez seu maior sonho. A declaração apresentada a seguir reforça essa idéia, e relata um momento, alguns anos depois, em que o sonho esteve perto da realização, durante o Governo Fernando Henrique. Arouca muito provavelmente não recusaria tal convite, o que faz crer que aquilo, se seguisse adiante, lhe criaria problemas, senão dentro de seu partido, certamente com outros setores de esquerda:

*Era Governo Fernando Henrique, e foi na saída daquele ministro Albuquerque, gaúcho. Veio um emissário do Fernando Henrique, ligou pro gabinete, querendo ter uma conversa reservada com o Arouca. E o emissário foi e falou: “Arouca, eu venho aqui em nome do presidente informar que você é uma das possibilidades do presidente Fernando Henrique para ministro. Mantenha essa conversa em reserva até as 18 horas que o presidente vai anunciar a decisão à noite.” Essa conversa aconteceu por volta das 13 horas. “Se vazar pra imprensa, o convite está desfeito.” Depois disso, quando ele saiu, o Arouca me chamou e nós ficamos trancados na sala, e ele daquele jeito coçando a barba: “ah!! Olha que surpresa!” Eu disse: “bem, você não vai, né?” E ele: “se o convite é pra ministro da Saúde eu não tenho o direito de recusar.” A história andou, ele não foi o escolhido. Mas até a resposta que ele deu nesse momento mostrava*

---

<sup>16</sup> Fernando Antunes, depoimento cedido em 19 de maio de 2005 em Brasília (DF), pág. 65.

<sup>17</sup> Id., pág. 57.

*(acho eu) que era o grande desejo dele, ele poderia de fato acelerar algumas idéias que ele tinha a partir do Ministério da Saúde.*<sup>18</sup>

Junto a seus primeiros passos como parlamentar, Arouca passou a ser a principal liderança do partido no estado do Rio de Janeiro, o que lhe valeria nos anos seguintes o espaço garantido de candidato principal a deputado federal, além da indicação como candidato a vice-prefeito do Rio de Janeiro na chapa de Benedita da Silva (PT) em 1992 e como candidato a prefeito em coligação com o PV em 1996. Antes disso, Arouca teve um papel destacado na decisão pela transformação do PCB em PPS, que se concretizou em janeiro de 1992. Fora sua atuação prática como um dos principais articuladores do processo (a partir de 1991 ocupando os cargos de vice-presidente nacional do partido e presidente estadual), Arouca teria contribuído, segundo alguns pecebistas, com a discussão e divulgação de algumas idéias que seriam centrais na concepção do novo partido até os dias de hoje. Arouca chamou atenção naqueles anos para a “revolução científico-tecnológica” pela qual o mundo estava passando, que tornaria obsoletas velhas concepções da esquerda – compreensão que levaria o PPS a ter uma postura mais aberta que outras organizações de esquerda em relação à globalização. Também lutaria pela valorização da idéia do “público” como forma de superar a velha concepção “estatista” de quase toda a esquerda até então (e dos comunistas em particular), sem cair na valorização pura e simples da propriedade privada:

*sempre houve (como há entre os comunistas) a idéia de que o Estado tem que ser forte. O Arouca desconfiava disso, achava que o Estado devia ser eficiente e ágil, profundamente democratizado e substituído por autogestão onde fosse possível. O Arouca estudou isso, se encantou um pouco com essa coisa da rede, do local e do global, e ele defendia no PCB o negócio da radicalidade democrática, ele sempre entendeu muito o seu cerne como sendo a democracia no Estado – o Estado deixar de ser centralizado, privatizado ou não, mas que a tarefa é acabar com o Estado, do ponto de vista histórico! O que não quer dizer que você vá entregá-lo ao privado, ao mercado. Essa noção ele tinha muito, ele e eu defendíamos muito o negócio do público contra o privado e o estatal.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Id., pág. 47.

<sup>19</sup> Givaldo Siqueira, op. cit., pág. 79.

Essas duas chaves de pensamento (que poderíamos chamar “público versus estatal e privado” e “revolução científico-tecnológica”) são bastante úteis para compreender a atividade parlamentar de Arouca, em especial seus votos mais polêmicos<sup>20</sup> – dados em seu segundo mandato a partir de 1995, para o qual se elegeu em 1994. Apoiou em parte o Plano Real, votando favoravelmente a iniciativas voltadas à sua sustentação e financiamento, como o Fundo de Estabilização Fiscal (1995) e a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF, 1996). No bojo do processo de desestatização da economia nacional, Arouca votou a favor da maioria das propostas apresentadas pelo governo recém iniciado de Fernando Henrique: quebra do monopólio dos governos estaduais na distribuição de gás canalizado; abertura da navegação de cabotagem; revisão do conceito de empresa nacional. Deu voto contrário apenas ao fim do monopólio estatal das telecomunicações e da exploração de petróleo. Tais votos remetem à busca pelo PPS e por Arouca da ocupação de um espaço enquanto “esquerda democrática”. Procurava dessa forma se opor à “esquerda autoritária” e a “um populismo ultrapassado”, como o próprio Arouca se referiu respectivamente a PSTU e PT e PDT, quando do lançamento de sua candidatura a prefeito em 1996<sup>21</sup>.

Um momento importante da atividade parlamentar de Arouca (e talvez o que tenha causado menos polêmica, ainda que não fosse uma “unanimidade”) foi a aprovação em 1995 da Emenda Constitucional de sua autoria permitindo às universidades e institutos de pesquisa brasileiros que contratassem professores estrangeiros mediante concurso público. A Emenda (que foi a primeira aprovada por um parlamentar) também deu às instituições o direito de eleger dirigentes e administrar seus recursos. Sem dúvida foi a experiência na FIOCRUZ que deu a ele a convicção na prática (corroborando idéias que ele foi desenvolvendo ao longo do tempo) de que a autonomia, descentralização e democratização das instituições de pesquisa são caminhos extremamente ricos para o desenvolvimento científico e tecnológico. Além disso, Arouca queria com aquele projeto, segundo seu chefe de gabinete, aproveitar o momento em que cientistas dos antigos países socialistas estavam migrando para o Ocidente, tornando o Brasil um destino possível para eles – além de ter a convicção de que a ciência não deveria respeitar fronteiras políticas: “aquelas limitações que a Constituição nos punha eram realmente uma coisa que poderia condenar o Brasil a um atraso tecnológico que ele

---

<sup>20</sup> Nem sempre em consonância com seus companheiros de bancada ou com seu partido – que, no entanto, buscava não “fechar questão” em torno da maioria dos temas.

<sup>21</sup> “Sérgio Arouca”, verbete do *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro* do CPDOC/FGV. [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)

achava que precisava se superar. Concretamente havia um interesse em permitir a vinda de cientistas. De forma mais ampla é isso, a crença que ele tinha de que a ciência não deveria ter barreiras.”<sup>22</sup>

Um posicionamento de fato polêmico de Arouca no seu segundo mandato como deputado federal consistiu no voto favorável à emenda da reeleição – não observando o ato antidemocrático e desrespeitoso às instituições que representou a aprovação de uma modificação eleitoral que favorecia o próprio proponente da emenda. Também defendeu a princípio o fim da estabilidade no funcionalismo público, afirmando que o projeto previa a “flexibilização” trabalhista (no sentido de novas relações de trabalho adaptadas à economia globalizada), e não o fim da estabilidade. Em novembro de 1997, quando o projeto foi votado, Arouca recuou e decidiu votar contra o projeto. No entanto, o estrago já estava feito, e Arouca (apesar de sua trajetória ética e humanista) carregaria pelos anos seguintes a ira de setores sindicais extremamente organizados, decididos a dificultar sua vida política a partir dali:

*houve alguns sindicatos do Rio de Janeiro colocando o nome de Arouca em outdoor... Por mais que nós tentássemos mostrar a coerência do Arouca no processo, ele nunca se assustou muito. Dizia: “voto com a minha consciência, diferentemente de outros parlamentares que votam por interesses de A, B ou C.” Se o que nós estávamos votando era alguma causa de interesse ou não de Fernando Henrique, o Arouca sempre votou pautado... Muitas vezes até contrário à orientação de sua assessoria! Discutíamos, debatíamos, e ele: “o.k., já ouvi, vou pensar.” E quase sempre nós tínhamos certeza que o voto dele era muito refletido, portanto não havia como tentar enquadrá-lo. Não era característica do nosso partido, nem era uma característica do nosso “fazer política”. (...) Nunca fez a oposição pela oposição, nem foi governista por adesão. Era cada ponto, cada idéia, vamos discutir, vamos debater qual a importância disso no contexto da política nacional, da política do Congresso Nacional como estava sendo tocada.”<sup>23</sup>*

Arouca, nesse caso específico do fim da estabilidade do funcionalismo público, segundo Freire

---

<sup>22</sup> Fernando Antunes, op. cit., pág. 58.

<sup>23</sup> Id., págs. 61-62.

*em nenhum momento fez aquilo usando do preconceito que muitos dos que adotaram essa reforma do Governo Fernando Henrique tinham, de transformar servidor público em bode expiatório. Arouca nunca fez com essa forma, fez com a compreensão de uma reforma democrática de Estado – que remetia a uma concepção da nossa candidatura. Esse termo “reforma democrática de Estado” surge na nossa campanha [de 1989].<sup>24</sup>*

Malgrado as evidentes boas intenções (e abertura para o diálogo) demonstradas por Arouca, o seu posicionamento de “oposição propositiva” ao primeiro mandato de Fernando Henrique (que o levou a se afastar em parte da esquerda tradicional, que naquele momento fazia uma oposição absoluta às suas políticas) levou Arouca a perder parte de suas bases e de seu eleitorado, o que contribuiu de alguma forma para sua derrota em 1998. Mas provavelmente outros fatores contaram para isso – sendo o principal deles o isolamento que o PPS vivia naquele momento, com a primeira candidatura à Presidência da República de Ciro Gomes. Arouca, apesar de bem votado, não foi eleito porque seu partido acabou não obtendo no Rio de Janeiro o coeficiente eleitoral necessário para eleger um deputado federal:

*Quantitativamente o Arouca sempre foi muito bem votado, afinal de contas quem participa do processo eleitoral sabe o quanto é difícil conquistar um voto. O problema é que no processo eleitoral brasileiro não basta isso. Então as alianças que o nosso partido fez, as opções que o nosso partido fez, eu também credito a isso a não reeleição de Arouca pro novo mandato. Sendo bastante sincero eu acho que algumas condutas de Arouca foram malvistas por determinados segmentos organizados da sociedade no campo dos trabalhadores, como também o espectro político no qual o nosso partido se situou fez com que alguns eleitores de Arouca dissessem: “não, eu não voto por conta dessa transição.” Isso existe no nosso campo, é um campo de opinião muito consolidada. Portanto, eu creditaria a essas duas circunstâncias essa situação do Arouca não ter sido eleito para o terceiro mandato.<sup>25</sup>*

Encerrava-se assim um período de oito anos de atividade parlamentar, ainda que polêmica e discutível em alguns pontos, sempre atuante, relevante e ética. Apesar das dificuldades e restrições que Arouca sempre teve em relação à vida parlamentar, a

---

<sup>24</sup> Roberto Freire, op. cit., pág. 47.

<sup>25</sup> Fernando Antunes, op. cit., págs. 64-65.

derrota o abalou pessoalmente e o enfraqueceu politicamente. A perda do mandato coincidiu ainda com dificuldades na vida pessoal:

*eu acho que foi um período difícil pra ele, sem mandato, teve uma coisa pessoal dele – ele rompeu com a Sarah [Escorel], aliás, ela rompeu com ele. Isso o machucou muito. Eu lembro que eu passei uma tarde inteira bebendo uísque com ele, bêbados num fim de tarde, e ele chorando as mágoas, dizendo que não queria se separar, mas a Sarah estava irredutível... Isso foi uma coisa que machucou bastante ele. Perdeu o mandato, foi um golpe sério para ele. Ele foi muito bem votado, mas a gente não alcançou o coeficiente. E ele pagou também um preço muito caro pelas atitudes firmes na defesa de algumas coisas nossas.*<sup>26</sup>

O enfraquecimento político se refletiu no interior do partido, com a progressiva contestação de sua liderança regional. O PPS do Rio de Janeiro amargou naqueles anos resultados eleitorais insatisfatórios e defecções de integrantes recentes do partido que haviam entrado em rota de colisão com Arouca e seu grupo, que perdia progressivamente seu espaço (movimento que se completou após o falecimento de Arouca): “ele deu azar que tinha secretários de organização muito ruins, que não conseguiam organizar o partido. [risos] (...) organização é muito detalhe, é um troço chato organizar partido, mas de qualquer modo ele preparou a virada – que aconteceu no Rio de Janeiro. Essa coisa de você fazer um partido mais aberto, mais pluralista, menos militarizado, e com direções que tenham repercussão social e política. Começou com ele.”<sup>27</sup>

Se Arouca contribuiu para uma “abertura” do PPS no Rio de Janeiro, nacionalmente permaneceu naquele momento como uma referência de que a essência do partido não estava se perdendo com suas novas alianças e posicionamentos: “ele era uma fortaleza pra que as pessoas acreditassem que o partido não estava perdendo o rumo”<sup>28</sup>. Com esse papel de “fortaleza” do partido, Arouca acabou tendo alguns problemas com o símbolo maior das mudanças no partido (tão grandes que se corria o risco concreto da completa perda de rumo): Ciro Gomes. Nas duas campanhas

---

<sup>26</sup> Givaldo Siqueira, op. cit., pág. 77.

<sup>27</sup> Id., pág. 80.

<sup>28</sup> Fernando Antunes, op. cit., pág. 60.

presidenciais do candidato, mas especialmente na de 2002, Arouca (e grande parte do PPS) se ressentiu

*da pouca presença do partido na própria coordenação, inclusive da sua pouca presença, como uma referência nacional. Eu acho que qualquer partido gostaria de ter Arouca como um dos coordenadores de seu programa de governo nessa área de saúde e de ciência e tecnologia, e o Ciro (não vou qualificar) abriu mão disso, acho que não soube valorizar essa pessoa, essa criatura que ele tinha próximo a ele. Talvez não o tenha feito também pelas conjunturas políticas que o envolvem, e eu acho que é isso que faz a diferença das pessoas: Ciro não tem talvez a generosidade e a grandeza que Arouca tinha, então não foi capaz de perceber isso, de superar outras divergências pra trazê-lo mais para perto de si. E perdeu. Acho que Arouca não perdeu nada até ficando mais distante desse processo.*<sup>29</sup>

Apesar das dificuldades, Arouca demonstrava nesse caso uma vez mais sua capacidade de dialogar e de buscar em qualquer interlocutor pontos que ele via como positivos:

*Ele não é uma pessoa de formação de esquerda e é claro que é um encontro que produziu muitas perspectivas e, em algum momento, tensões. (...) Agora, ele nunca traiu. (...) Ele é hoje uma pessoa que tem uma militância dentro do partido. E essa militância é interessante porque, como alguém que disputa a Presidência da República, ele poderia começar a aparelhar o partido, querer disputar a presidência do partido. Nunca aconteceu isso.*<sup>30</sup>

Se no interior do PPS Arouca era um símbolo da velha essência do partido, para alguns setores da sociedade ele ainda se mantinha (apesar da derrota eleitoral) como uma referência no campo da saúde pública. Foi em busca desse símbolo que César Maia o chamou para ocupar a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, em seu segundo mandato (a partir de 2001). Naquele momento, Maia estava no PTB, partido que estava em aproximação com o PPS, visando apoiar Ciro nas eleições de 2002. O apoio a Maia no Rio de Janeiro (que dizia querer se reaproximar da esquerda naquele

---

<sup>29</sup> Márgara Cunha, depoimento cedido em 19 de maio de 2005 em Brasília (DF), pág. 71.

<sup>30</sup> Entrevista com Sérgio Arouca, op. cit., pág. 17.

momento) integrava aquela aproximação, e Arouca aderiu à campanha um tanto contrariado:

*Teve aquele negócio do César Maia – que foi um preço que ele pagou. Ele tinha resistências ao César como candidato nosso. Eu me lembro bem que eu também montei (foi até uma vez que eu fiquei puto com ele), porque eu combinei com ele e a Lúcia uma reunião deles com o César. Na hora em que eu chego, me telefona dizendo que não vai. Mas isso demonstra também que ele tinha uma resistência – coisa que eu não tinha. Ele tinha uma resistência grande, mas terminou indo. Em função de uma posição nossa, de uma posição do Roberto, do próprio Ciro, fomos e houve aquele negócio todo... Mas o César (...) nunca faria um governo com o Arouca dentro. Isso é uma coisa que, conhecendo o César como eu conheço, não podia dar certo – porque o César também gosta de “capacho”. E nem tinha uma concepção de saúde pra continuar com o Sérgio Arouca.<sup>31</sup>*

Os atritos seriam uma constante nas relações entre o prefeito (que já começava a se afastar do PTB para retornar ao PFL, conseqüentemente se afastando também de Ciro Gomes e do PPS) e seu secretário, que divergiam quanto à melhor forma de prevenir o dengue, quanto à organização da Secretaria e quanto ao programa de médicos de família que Arouca queria implantar na cidade:

*não tinha condições de continuar, tinha divergências sérias com relação à escala do trabalho dos médicos de família, dos agentes de saúde. A idéia dele era fazer um programa de médicos de família e de agentes comunitários de saúde numa escala sem precedentes no Rio de Janeiro. Ele dizia assim: “esse negócio só vai dar certo se for uma coisa de massas, em que as comunidades inteiras estejam envolvidas”.<sup>32</sup>*

No último lance da queda de braço entre os dois, Arouca enviou uma mensagem eletrônica para Maia comentando que “estava com ele enquanto nossos projetos fossem semelhantes, mas que no instante em que divergissem, eu estava fora. E esse e-mail vazou para a imprensa. Dizem que foi entregue pelo grupo dele. No instante que o e-

---

<sup>31</sup> Givaldo Siqueira, op. cit., pág. 78.

<sup>32</sup> Luiz Carlos Azedo, op. cit., págs. 41-42.

mail vazou, ele veio com essa de perguntar o que era aquilo e me demitiu, por e-mail.”<sup>33</sup> Essa demissão por e-mail seria desgastante para Arouca – que, para boa parte da esquerda, já estava mais uma vez em posição desfavorável por ter apoiado Maia e participado de seu governo. Somado a mais esse desgaste, pouco tempo depois (em 2002) ele receberia a notícia de que estava com câncer no intestino – o que o faria abdicar de mais uma candidatura a deputado federal naquele ano. Arouca iniciou o tratamento de sua doença, enquanto colaborava (como lhe era permitido) na campanha eleitoral. Com a vitória de Lula no segundo turno, Arouca passou a ser um dos maiores entusiastas do apoio a seu governo no interior do PPS (enquanto alguns defendiam um “apoio crítico” ao novo governo): “ele, o próprio Roberto, tinham a convicção de que realmente tinha começado no Brasil uma nova etapa – e não o fim de um ciclo, digamos assim. (...) E o Arouca inclusive era da tese de que a esquerda tinha vencido. Na primeira reunião do Diretório Nacional depois da eleição do Lula ele fez esse discurso.”<sup>34</sup> Discurso que, segundo uma dirigente do partido, teria “desequilibrado” a reunião em favor do apoio ao Governo Lula:

*Um momento que eu acho importante da liderança de Arouca foi a reunião do Diretório que definiu pela participação no Governo Lula, o Arouca teve uma participação e uma fala importantes. Algumas lideranças defendiam no processo mais independência, e o Arouca naquele momento, com toda a sua forma enfática de abraçar as causas, coloca a importância de nós estarmos integrando o governo, fazendo parte efetivamente desse governo que era um governo de esperança, que há tanto tempo se esperava que a esquerda pudesse ter essa oportunidade, e que um partido com toda a responsabilidade, que sempre marcou na forma de agir, de atuar, de forma responsável, sempre colocando os interesses da nação acima dos interesses conjunturais do próprio partido. Então era fundamental que o partido aproveitasse essa oportunidade e fizesse parte do governo – e ele virou literalmente a reunião. A sua fala teve muito impacto!*<sup>35</sup>

Enquanto o apoio ao novo governo era confirmado, iniciava-se uma articulação que, se desse certo, finalmente levaria Arouca ao posto que ele tanto ansiava: o de

---

<sup>33</sup> Entrevista com Sérgio Arouca, op. cit., pág. 15.

<sup>34</sup> Givaldo Siqueira, op. cit., pág. 77.

<sup>35</sup> Márgara Cunha, op. cit., pág. 68.

ministro da Saúde. No entanto, o nome do petista Humberto Costa naturalmente agradou mais ao novo governo que os apelos por Arouca – representante “histórico” de um partido que tinha acumulado tantas divergências e disputas com o PT nas últimas décadas (basta lembrar os atritos entre PT e PCB, e as diferenças de posição durante o Governo Fernando Henrique):

*O melhor homem para ir para o Ministério era ele. Eu e o Roberto fizemos uma força grande, mas o Lula malandro, não é? Porque o Lula jamais colocaria Arouca no Ministério, o Roberto Freire, ou a mim. Já o Ciro, né... [Ciro Gomes, não identificado propriamente com o PPS, seria o nome do partido no governo, como ministro da Integração Nacional] Tinha uma possibilidade, e nós fizemos um esforço grande pro Arouca ser ministro da Saúde – e não havia nome melhor do que ele. Finalmente, foi rejeitado<sup>36</sup>.*

Afastada a possibilidade de Arouca ser ministro, começou uma nova articulação para que ele ocupasse um papel importante no Ministério:

*No primeiro momento, acho que a intenção do ministro era dar uma assessoria especial para Arouca, mas nós achávamos que não caberia. Uma pessoa que tem todo o perfil, todas as condições (...), muito mais gabarito e condições pra ser o ministro da Saúde do que o Humberto Costa, não tenho nenhuma dúvida, nenhuma dúvida! O Humberto foi ministro por um acaso (...), uma circunstância, uma contingência da política. Então não caberia a Arouca – por mais que ele seja uma pessoa extremamente humilde. (...) Então todo esse conjunto de pessoas que estavam com ele discutindo fomos contra que ele aceitasse simplesmente uma assessoria especial. Decidimos batalhar por uma coisa com um pouco mais de peso, que tivesse uma certa influência maior – e foi aí que Arouca teve uma grande sacada (como grande pensador e formulador que ele era, que ele é) de criar uma Secretaria de Gestão Participativa. Que pudesse estar pensando e repensando toda essa questão da participação popular dentro do sistema de saúde como um todo no país. (...) uma idéia que surgiu, que foi concebida, mas não teve tempo pra ser amadurecida, pra ser trabalhada e pra ser consolidada.<sup>37</sup>*

---

<sup>36</sup> Givaldo Siqueira, op. cit., pág. 77.

<sup>37</sup> Márgara Cunha, op. cit., pág. 69.

A nova Secretaria foi criada e entregue a Arouca<sup>38</sup>. Mas ele não teria tempo para levar adiante seu projeto na Secretaria de Gestão Participativa – nem para ter outra oportunidade de se tornar ministro. Sua doença recrudesciu no início de 2003, e ele passou a ir pouco a Brasília (bem como não pôde acompanhar como gostaria a organização da XII Conferência Nacional de Saúde):

*Já doente, em alguns momentos já combalido, quando estava se estruturando a Secretaria de Gestão Participativa, em alguns momentos dava pra perceber que ele estava frágil. Mas com um empenho, com uma força interior fantástica! Ele aceitou encarar uma missão bastante inovadora, que é a proposta de ampliar a participação da comunidade, dos trabalhadores, sair do dilema que equiparava participação a conselho social.*<sup>39</sup>

Tanto a Secretaria como a XII Conferência eram vistos por Arouca como passos fundamentais para levar adiante um projeto que ele acalentava nos últimos anos: a “reforma da reforma sanitária”, a reforma do SUS, que não havia sido implantado exatamente da forma como havia sido concebido e, além disso, já necessitava de profundos realinhamentos e adaptações (fruto de novas reflexões). Como Arouca dizia,

*Este modelo está falido. Por quê? Porque nós conseguimos todo um arcabouço legal e democrático de reformar o Estado, mas o conteúdo dele continuou sendo o da medicalização da vida. Continuou sendo o conteúdo não da saúde, mas da doença. Continua sendo o conteúdo do hospital e não do atendimento básico na família. O centro do modelo do SUS está absolutamente equivocado. Acho que ninguém está satisfeito com esse modelo que está aí. Então chega certo momento que temos que fazer a “reforma da reforma”. Nós fizemos a reforma sanitária que criou o SUS, mas o núcleo dele, desumanizado, medicalizado, está errado.*<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Que também foi enviado como representante do Ministério no Congresso da Organização Mundial de Saúde no início de 2003 (em Genebra, Suíça), sua última atividade internacional.

<sup>39</sup> Sylvain Levy, depoimento cedido em 20 de maio de 2005 em Brasília (DF), pág. 86.

<sup>40</sup> Entrevista com Sérgio Arouca, op. cit., pág. 12.

Este último projeto não pôde ser levado a cabo – ao menos não com sua participação. Arouca faleceu em 2 de agosto de 2003, aos 62 anos incompletos.

## *Entrevistas relacionadas à trajetória de Sérgio Arouca entre 1989 e 2003*

A seguir apresentamos uma lista com os perfis dos entrevistados nos dias 19 e 20 de maio de 2005 em Brasília (DF) que tenham relação com o período da trajetória de Arouca entre 1989 e 2003, e na seqüência as transcrições das referidas entrevistas.

## ***Perfis dos entrevistados***

### ***Luiz Carlos Azedo***

Jornalista, militante do PCB / PPS. Na década de 1980 dirigiu, em São Paulo, o jornal do PCB *Voz da Unidade*, que foi vendido legalmente nas bancas. Azedo o dirigiu até seu último número, em fins de janeiro de 1992. Membro da Executiva Nacional do PPS.

### ***Roberto Freire***

Militante do PCB / PPS desde os anos 1960. Deputado estadual (PE) de 1975 a 1979; deputado federal de 1979 a 1994 e de 2003 até hoje; senador de 1995 a 2003. Candidato a Presidência da República pelo PCB (1989), tendo Arouca como vice. Líder do Governo Itamar Franco na Câmara dos Deputados (1992-1994). Presidente do PPS de sua fundação em 1992 até hoje. Foi colega de bancada de Arouca na Câmara dos Deputados.

### ***Augusto Carvalho***

Membro do PCB / PPS; deputado federal pelo PCB / PPS (1987-1999); deputado distrital pelo PPS (2003 até hoje). Membro da Direção Nacional do PPS. Foi colega de bancada de Arouca na Câmara dos Deputados.

### ***Fernando Antunes***

Membro do PPS. Chefe de gabinete de Arouca na Câmara dos Deputados. Preside a União Nacional dos Analistas de Finanças e Controle (UNACON).

### ***Márgara Cunha***

Chefe de gabinete de Arouca na Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde (2003). Membro da Executiva Nacional do PPS.

### ***Givaldo Siqueira***

Membro do PCB / PPS desde os anos 1960. Membro da direção do PCB / PPS desde 1967. Membro da coordenação de campanha de Freire / Arouca em 1989. Membro da Executiva Nacional do PPS.

### ***Sylvain Levy***

Diretor de Informação e Comunicação para a Gestão Participativa, da Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde.

### ***Cristina Barbosa***

Artista plástica e designer gráfica. Foi colega de Arouca nas aulas de *tai chi chuan*.

### ***Estevão Ribeiro***

Professor de *tai chi chuan*, deu aulas dessa arte marcial para Arouca.

### ***Denise Queiroz***

Professora de *tai chi chuan*, deu aulas dessa arte marcial para Arouca.

### ***Lúcia Souto***

Médica e militante e dirigente do PCB/PPS, foi deputada estadual de 1991 a 1998. Foi companheira de Arouca em seus últimos anos de vida.

***Ziraldo***

Renomado desenhista e escritor, tendo dezenas de livros publicados em diversos países. Participou das campanhas eleitorais de Arouca.

***Saraiva Felipe***

Atual ministro da Saúde, é militante há décadas do movimento sanitário. Participou do Projeto Montes Claros nos anos 1970 quando conheceu Arouca, e nos anos 1990 foi seu colega na Câmara dos Deputados.

***Crescêncio Antunes***

Militante do movimento sanitário e do PCB/PPS, conviveu por décadas com Arouca, e o substituiu na Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde em 2003, permanecendo no cargo até 2005.

***Antônio Alves de Souza***

Militante do movimento sanitário e atual secretário de Gestão Participativa do Ministério da Saúde.

## ***Depoimento de Luiz Carlos Azedo (Brasília - 19.05.2005)***

**Assuntos abordados:** primeiro contato com Arouca; atividades de Arouca no movimento sanitário e na Nicarágua; atuação de Arouca na Secretaria Estadual de Saúde; campanha presidencial de 1989 e relações de Arouca com Freire; saída de Arouca da Secretaria Municipal de Saúde; participação de Arouca na passagem do PCB para o PPS e comentários sobre a história do partido.

*Fita 1 – Lado A*

[Guilherme apresenta em linhas gerais o Projeto Memória Sérgio Arouca para Azedo]

**Azedo:** Meu nome é Luiz Carlos Azedo, sou jornalista, hoje em dia trabalho no *Correio Braziliense* aqui de Brasília, sou repórter especial e minha área de cobertura é a política. Mas durante um bom período da minha vida, fui dirigente do PCB, atuando no Rio de Janeiro, atuando em São Paulo na Executiva Nacional, e tive oportunidade de conviver com o Arouca em várias situações políticas. Tenho, tinha uma grande admiração por ele, acho que ele deixou um legado que ultrapassa em muito as atividades políticas que ele desenvolveu, porque formou muita gente, deixou um patrimônio de conhecimento, marcou a história da medicina no Brasil, e teve um papel importante em conjunturas políticas decisivas da nossa História. A primeira vez que eu vi o Arouca foi num ato político na ABI. Ele me chamou atenção por três razões: primeiro pela calva, que já era proeminente naquela época; outro, porque falava muito bem, com entusiasmo, era um orador fascinante, seduzia as pessoas que o ouviam; e terceiro, pela coragem política, porque em plena ditadura ele fez um discurso muito firme, defendendo a democracia, defendendo a anistia. E eu, que nessa época já era militante do Partidão com uma certa experiência, imediatamente identifiquei o Arouca como um companheiro do partido, embora eu não soubesse à época que ele era militante do PCB, mas pelo discurso dele você via que ele era um cara do partido. Ele nessa ocasião era a principal liderança do movimento médico no Rio de Janeiro, fazia uma campanha grande pela renovação do Conselho Regional de Medicina, depois houve uma eleição muito disputada no Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, e também um movimento muito forte dos médicos no sentido de se organizarem em cooperativas. Em tudo isso o Arouca tinha algum tipo de influência ou participação direta. Mais tarde ele foi pra Nicarágua (no período da Revolução Sandinista) combater uma epidemia de dengue hemorrágica. Aí se afastou do convívio com a esquerda do Rio de Janeiro. A esquerda do Rio de Janeiro estava articulada, e o partido do Rio de Janeiro teve uma influência grande nisso, mas outras forças de esquerda também participaram disso. Muito articuladas, seja em função das lutas sindicais, da retomada dos sindicatos das mãos dos pelegos, seja em função da campanha da anistia, seja em relação ao processo eleitoral. O Rio de Janeiro sempre foi um estado oposicionista (o regime militar nunca conseguiu ganhar uma eleição no Rio), e o processo eleitoral era um processo importante – sempre foi, desde a eleição de Negrão de Lima. A esquerda tinha presença nisso. E nessa articulação então as pessoas acabavam se conhecendo, e as lideranças transbordavam as suas categorias. Então o Arouca não era só uma liderança médica, era uma liderança da esquerda no Rio de Janeiro. Então ele foi pra Nicarágua – e se não tivesse ido pra Nicarágua, eu tenho a impressão de que ele provavelmente teria sido preso. A barra começou a pesar, as pessoas mais identificadas com o partido, como militantes do partido, eram perseguidas, detidas, não era fácil manter uma atividade política legal sob aquela pressão, que as

pessoas mais “queimadas” sofriam. Então ele foi pra Nicarágua e fez um trabalho extraordinário lá. Eu tenho a impressão de que essa experiência dele na Nicarágua, junto com uma tradição política dos médicos ligados ao partido, permitiu que ele formulasse uma política sanitária renovadora. A questão sanitária no Brasil sempre foi uma questão política. Aquela Revolta da Vacina no Rio de Janeiro... Sempre foi uma questão política. Ela foi sempre tratada de uma maneira retrógrada e conservadora, até racista. Até o começo do século, existiam muitos estudos na área sanitária que tinham características racialistas, que tratavam dos problemas de saúde do povo como consequência da sua origem – indígena, africana, ou mesmo lusitana, porque até os portugueses... Havia assim uma forte influência cultural na questão sanitária no Brasil. Isso é uma batalha que sempre foi política, e grandes lideranças políticas do país surgiram no processo de luta, de defesa da saúde pública. E o Arouca, vamos dizer assim, faz parte dessa estirpe de grandes sanitaristas. Você pode equiparar o Arouca a um Oswaldo Cruz, pela importância que ele tem na história da saúde pública no Brasil. Mas vocês que são sanitaristas entendem mais disso do que eu.

Depois o Arouca voltou pro Brasil, veio o processo de democratização, ele participou de tudo isso. Um momento marcante disso todo foi logo depois da legalização do partido, quando ele assumiu a condição de membro do partido, participava da direção do partido lá no Rio de Janeiro. Aí nas eleições de 86, quando o Moreira Franco foi eleito governador, o partido apoiou. E houve uma discussão na direção do partido (da qual eu fazia parte) com relação a qual seria a nossa participação no governo. A conclusão a que se chegou é que nós deveríamos participar onde nós fôssemos mais capazes de prestar serviços à população do estado do Rio de Janeiro, com os quadros mais capazes de desenvolver uma política pública. E aí a saúde foi a prioridade do partido. Nós tínhamos um companheiro com condições de enfrentar o problema, que era o Sérgio Arouca – que foi ser o secretário de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. Eu me lembro que teve uma reunião da Executiva da qual ele participou, depois de seis meses nós fizemos um balanço das relações com o governo, da nossa participação com o governo, já estavam tendo atritos, dentro da direção, tentativa de cooptação de quadros pelo Moreira Franco, aquele processo político de tensionamento se acirrando, o que é normal. O Arouca foi à reunião da Executiva falar da situação que estava lá. E ele fez um comentário que me marcou muito: “eu imaginava que sabia o que é o problema de saúde pública no Brasil, agora eu estou chegando a conclusão de que sabia muito, mas não sabia o suficiente; porque não há política de saúde pública que tenha condições de sucesso sem considerar o problema da emergência, porque ali é que está o centro da saúde; tem que conseguir formular uma política capaz de resolver o problema da emergência, em a linha de ‘desospitalizar’ a saúde, a linha da medicina preventiva, mas não dá pra ignorar o problema da emergência porque a crise estoura ali, e um gestor, pra ser eficiente, não sobrevive sem tratar desse problema.” Nessa época, a situação dos hospitais públicos do Rio de Janeiro já era essa que a gente vem acompanhando pela televisão, em todo o Brasil, embora a rede hospitalar do Rio seja a mais portentosa do país. Só que com essa crise toda de financiamento, não se sustenta o padrão de atendimento dos hospitais que você tinha na década de 50 (são hospitais, se não construídos, concebidos, por aí). Então ele levantou essa discussão (isso era uma discussão que angustiava ele) e depois saiu. Houve um conflito, e ele saiu da Secretaria. E continuou presidente da FIOCRUZ, ele sempre teve uma ligação muito grande com a FIOCRUZ.

Um outro momento importante foi a campanha do Roberto Freire. Nessa época eu era da Executiva Nacional do PCB, e nós decidimos propor ao partido lançar candidato próprio, era a oportunidade que nós tínhamos de buscar não só a renovação

do partido (da sua política, orientação), mas também desencavar a “caveira de burro” que era a fragilidade eleitoral do partido. Um partido político influente na sociedade, com uma linha política que seduzia muita gente, que atraía os aliados, muitas vezes direcionava movimentos muito amplos, mas eleitoralmente um partido muito fraco. A candidatura própria estava focada nessa necessidade, de transformar o PCB numa legenda eleitoral forte. E a candidatura do Roberto foi um caminho, ele representava naquele momento a renovação do partido, tinha uma postura crítica à questão do autoritarismo no socialismo, apoiou apaixonadamente a tentativa do Gorbachev de renovar a URSS com a *Perestroika*, era um momento muito especial. E nós precisávamos de um vice. Como o partido ficou isolado (ninguém queria fazer coligação com o PCB porque achava uma roubada em termos eleitorais), nós precisávamos de um quadro que fizesse a ponte com um segmento importante da sociedade. E aí a discussão da direção foi de qual seria o nome ideal, e chegamos à conclusão de que o melhor nome do partido era o do Arouca. O Roberto Freire era um político nordestino, apesar da questão da linha política que ele tem de ser um deputado nacional, que circula o Brasil inteiro, praticamente não faz trabalho eleitoral em Pernambuco – o que é um defeito, não é uma qualidade, sempre foi assim. E aí precisava de uma pessoa que tivesse livre trânsito, livre acesso principalmente junto à intelectualidade do Rio de Janeiro e de São Paulo. Não só a intelectualidade artística e cultural (que era assim um segmento em que o Roberto Freire já tinha penetração), mas alguém que tivesse respeito e admiração na comunidade técnico-científica – das pessoas que mexiam com ciência, com tecnologia, que estavam na universidade, na academia. E o Arouca foi a escolha da direção. E ele não vacilou em nenhum momento em sair da FIOCRUZ (na época eu acho que ele era o presidente), ele deixou o cargo e assumiu a tarefa, passou a ser uma pessoa muito importante no partido. Não só foi importante na campanha, não só foi importante na direção do partido (com a influência que ele tinha sempre arejada, sempre iluminada), como também ele influenciou o Roberto – assim como o Roberto influenciou o Arouca. Eles dois eram uma dupla do barulho. Funcionavam com uma afinidade muito grande. Tinham uma convivência tão boa, tão excepcional, que mesmo quando eles divergiam (às vezes eles divergiam assim profundamente, por períodos largos), eles continuavam companheiros, continuavam discutindo, amigos, e mais cedo ou mais tarde alguém convenceria o outro, ou pelo argumento, pela razão, ou então porque a divergência também caduca, muda a conjuntura e a divergência deixa de existir como uma coisa de expressão prática. E essa característica da relação dos dois foi sem dúvida importante pro partido. Uma vez o Arouca brincando falou comigo, eu perguntei: “como é que tá lá na Câmara?” Ele disse: “tá difícil, porque nós só temos dois deputados no Congresso, e cada um tá votando de um jeito!” [risos] Quer dizer, não temos nenhum, porque um voto mais o voto do outro soma zero! Dois votos: votava um de cada lado, não valia nada, nenhum voto [risos]. Mas havia um compromisso de consciência entre eles, de que quando não era questão decisiva pro partido... Muitas vezes eu vi os dois divergir, mas não eram discussões importantes, não era divergências enormes, que envolviam concepções do processo político brasileiro da época...

A última vez que eu estive com o Arouca foi em Vitória, no dia em que ele saiu da prefeitura. Fui encontrar com ele na Pousada da Praia ali em Camburi (um lugar muito bonito), e ele tava me contando que não tinha condições de continuar, tinha divergências sérias com relação à escala do trabalho dos médicos de família, dos agentes de saúde. A idéia dele era fazer um programa de médicos de família e de agentes comunitários de saúde numa escala sem precedentes no Rio de Janeiro. Ele dizia assim: “esse negócio só vai dar certo se for uma coisa de massas, em que as

comunidades inteiras estejam envolvidas”. Porque se você bota só o agente comunitário de saúde ele não dá conta, se você bota só o médico de família ele também não dá conta. Então tem que ser uma coisa de escala. Ele queria fazer... Estava com a Lúcia nessa época, ela estava ajudando a organizar isso, fazendo reuniões enormes no Rio de Janeiro, fazendo na realidade um movimento de massas no Rio de Janeiro, pra estruturar o programa de saúde preventivo da prefeitura com o envolvimento direto das comunidades. Era a maneira de você desafogar a rede hospitalar e os postos de emergência, o atendimento, a emergência dos hospitais, de um atendimento que não era emergência. Que pode ser ou evitado, com medidas de saúde preventiva, ou ser encaminhado diretamente pra onde tem que ir. Esse era o projeto dele. Ele disse: “é um problema de escala, ou você faz a coisa de massa, ou...” Você faz um lugarzinho ali, todo bonitinho, funciona, todo mundo vê, você vai lá e mostra... Não resolve o problema. Foi a última vez que eu estive com o Arouca. Depois só tive oportunidade de estar com ele no enterro dele... no velório... [emocionado]

**Guilherme:** Azedo, essas características pessoais do Arouca (você destacou algumas delas), realmente são... quem conviveu com ele, guarda isso muito forte: o impacto que ele causou nas pessoas. A velocidade de raciocínio, a lucidez, a capacidade de colocar as questões centrais de uma maneira muito clara, precisa, e com uma carga de emoção política muito grande. Você colocou essa questão que eu queria explorar um pouco: a campanha do Freire pra presidente foi um momento em que o PCB de então se propunha a dialogar diretamente com a sociedade. Nesse trabalho todo de capacidade de articulação da tese de democracia ampla no Brasil, etc. Eu vi isso até como estudante, eu entrei mais ou menos na mesma época que você, e tenho isso muito claro. E acho que quando o Freire se lança como presidente, ele consegue trazer à sociedade uma mensagem. O interessante é que no processo eleitoral a sociedade faz a sua escolha, e naquele momento ela fez a escolha dela, o Freire acabou não colhendo, do ponto de vista da densidade, do volume de votos, uma quantidade à altura dos primeiros colocados, mas ele deixou uma mensagem. No essencial, as pessoas diziam que gostavam do Freire. No meu entendimento o Arouca era uma das pessoas que estavam presentes nesse movimento da renovação, etc. e tal. E aí culmina com o projeto de estruturação do PPS. Que papel o Arouca teve nisso? Aí ele entra com essas coisas que você já colocou, de influência ao Freire, e ele passou a ser dirigente nacional também. Então de certa forma ele também deve ter influenciado esse campo, participado desse campo, já podendo ele mesmo não precisar de intermediários, mas falar diretamente ao partido como um todo e à própria sociedade.

**Azedo:** Eu vou tentar resumir. Da candidatura do Freire até ele morrer, o Arouca foi indiscutivelmente o principal responsável pela elaboração dos programas do partido. Ele participou de todos os processos de elaboração do programa e da linha política do partido. Não a linha política geral, envolvendo a questão das alianças, posicionamento estratégico em relação ao que a gente chamava da “revolução brasileira”.

*Fita 1 – Lado B*

**Azedo:** Aí de certa maneira a proposta do Arouca pra questão sanitária no Brasil é um produto do esforço dele de aplicar a questão da saúde, das políticas públicas e da intervenção do Estado na vida da sociedade numa linha política, transformadora, revolucionária, nos marcos do processo democrático. A gente não pode pensar a revolução como uma mera via de chegada ao poder, até porque pra chegar ao poder

você não precisa fazer uma revolução. Chega ao poder ganhando a eleição... Você tem que ver revolução como um projeto de transformação da vida do povo, nas suas coisas essenciais, básicas, na educação, na saúde, na habitação, transportes, condições de trabalho, no ambiente familiar, na relação entre as gerações (que aqui no Brasil é muito perversa, dentro das famílias, por causa da iniquidade social). Então é preciso pensar na revolução brasileira dentro desse contexto da vida que as pessoas têm. Pensar a revolução na perspectiva de chegar ao poder e se manter no poder não é ser revolucionário, é ser conservador. O Arouca foi sempre conseqüente nisso, ele pautou a vida dele, ele foi um revolucionário em tempo integral.

**Fabricio:** Mas o Arouca teve uma participação direta na transformação do PCB pro PPS. Uma participação assim decisiva...

**Azedo:** Ele teve uma participação direta como muitos tiveram. Quem foi da direção do partido naquela época teve oportunidade de conviver com uma geração de homens, de dirigentes políticos extraordinários. Pessoas excepcionais, que não tiveram a oportunidade de prestar os serviços que poderiam ter prestado ao país porque foram perseguidas a vida inteira! O Arouca conviveu com essas pessoas, tinha carinho, tinha admiração, respeito por elas, e essas pessoas viam no Arouca a continuidade da luta de uma existência. Acho que é isso... De certa maneira, se a gente for pegar hoje o PPS... O Arouca era um dos fundadores do PPS, foi um dos que mais se bateram pela transformação que o PCB, defendeu isso desde o começo da discussão. Essa relação, essa troca entre gerações de dirigentes, ela possibilitou o PPS surgir, se manter, se preservar, enfrentar todas as suas vicissitudes, suas dificuldades. Porque na realidade a esquerda brasileira vive, desde a fundação do PCB em 22, um choque de concepções: entre uma concepção golpista, que de certa forma quer atropelar a sociedade e dar condução ao processo desconsiderando a especificidade da sociedade brasileira; e uma concepção democrática, mais fundada no conhecimento da realidade brasileira. O grande problema da esquerda no Brasil foi o desconhecimento em relação à realidade brasileira. O que você tem aí de dogmatismo, de sectarismo, de coisa errada, de concepções ultrapassadas, resulta disso, quer dizer, de um conhecimento insuficiente da realidade e às vezes de uma ignorância deliberada – o sujeito achar que não precisa estudar, conhecer, com a intuição ele vai resolver. Com a intuição ele vai errar! Vai viver numa loteria: a ação política pode dar certo ou pode não dar. Então nesse aspecto o Arouca se destacava, porque ele tinha a alma do revolucionário, da pessoa que ia mudar o mundo, que sacrificava a vida por isso, mas ele era um cientista, um homem de ciência. Ele buscava a convergência da paixão que ele tinha pela política, pela mudança, pelas pessoas, com o conhecimento – que eu acho que é o caminho pra acertar. Satisfeitos?

## ***Depoimento de Roberto Freire (Brasília - 19.05.2005)***

**Assuntos abordados:** reforma sanitária; Constituinte e participação de Arouca; campanha presidencial de 1989; passagem do PCB para o PPS; dificuldades parlamentares de Arouca; contribuição de Arouca na passagem do PCB para o PPS; atuação do PCB na Constituinte; diferenças entre o PCB/PPS e o PT; reforma sanitária e contribuição de Arouca.

### *Fita 1 – Lado A*

**Guilherme:** ... eu te falo o que significa esse trabalho, e você tem palavra livre pra colocar suas questões. A motivação de fazer esse trabalho é minha, da minha relação com o Arouca desde que eu tinha 19 anos de idade, foi ali no movimento estudantil que eu conheci ele, e de certa maneira influenciou a minha vida profundamente, para optar pela saúde pública, etc., e na própria posição política. Eu conversei isso com o Arouca quando ele estava vivo, quando ele era deputado, e ele achou que era precoce fazer uma biografia dele. Mas depois ele topou, no final da década de 1990. Aí nós entramos nessa “roda-viva”, aquele trabalho na prefeitura do Rio... Quando ele veio ser secretário de Gestão Participativa do Ministério eu repropus isso a ele, ele gostou da idéia. Eu estava já preparando isso quando ele teve aquela queda dele que o imobilizou lá no Rio, e eu não consegui mais tratar com ele. Mas os amigos íntimos me estimularam muito, o Ary da FIOCRUZ, a Ana Tambellini que foi esposa dele... Eu toquei pra frente, consegui um financiamento com o Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério, e é um trabalho que procura de certa maneira (não diretamente) destacar a figura pública do Arouca, o valor que ele tem, e é baseado em entrevistas. Esse trabalho todo pega vários períodos da vida do Arouca, fomos a Ribeirão Preto, a Campinas, já entrevistamos toda a turma da FIOCRUZ, pessoas do partido do Rio, etc. E estamos aqui nesse período pegando pessoas da vida política do Arouca, mais do aspecto da relação dele com as conjunturas políticas. O trabalho é centrado em três características muito fortes que eu considero do Arouca. Primeiro as capacidades pessoais dele, de inteligência, capacidade de relacionamento muito forte, e principalmente um traço de fraternidade, de amizade muito grande, que ele era capaz de aglutinar muito em função dessa capacidade de ter o traço humano bem aberto. Segundo, o papel relevante dele e presente até hoje na questão da renovação da saúde pública brasileira, como um todo: desde que ele faz a tese dele lá em Campinas até toda a passagem dele pela vida concreta mesmo, como presidente da FIOCRUZ, etc. A carreira dele como sanitarista. E o terceiro elemento, que é o que traz a gente aqui para conversar com você, o Augusto Carvalho, o Azedo e outros, é exatamente destacar a importância do Arouca no quadro político nacional e nas conjunturas que a gente viveu. Ele viveu (no meu entender) quatro conjunturas muito nítidas ao longo da vida dele: o pré-64, quando ele já era militante do PCB, ele entrou no PCB em 56 com 16 anos de idade, participava quase que de um “soviete” lá em Ribeirão Preto [risos], aquele negócio era fantástico, a gente esteve entrevistando lá, era já era secretário político; depois ele vive o golpe, o período duro do pós-64; todo o período da redemocratização; e o que eu considero o período de consolidação da democracia no Brasil, contemporâneo nosso. E evidentemente que a relação dele com você especificamente, como um dirigente político e um representante destacado da política brasileira, foi marcante. Tanto para vocês mesmos como para a sociedade como um todo, para a renovação do PCB, a construção do PPS, etc. Então o nosso gosto de

estar aí com você é de você se colocar como amigo dele, como dirigente junto com ele, as conjecturas que você gostaria de fazer dentro dessa temática. Esse trabalho será um livro a ser publicado pelo Ministério da Saúde, que vai destacar os pontos mais relevantes da vida do Arouca, e um vídeo que contenha essas gravações, para que a gente possa estar colocando isso para o conhecimento, a análise científica.

**Roberto Freire:** Vamos começar quando se conhece Arouca. Eu já tinha ouvido falar dele na década de 80 muito ligado ao partido, naquilo que o partido tinha talvez de melhor como presença na sociedade, que era um conjunto de teses que tinham se dedicado à questão sanitária. Não a medicina no consultório, na especialização, mas a medicina como alvo de saúde pública. E o Arouca já se sobressaía nesse grupo, que era um pouco uma trajetória que o PCB tinha historicamente, tanto é que surge de militantes do PCB a idéia bem concreta da questão sanitária como algo fundamental na saúde pública – já se confundindo com o início de um pensamento mais consistente sobre saúde pública no país. Eu conheci Arouca de nome. Quando conheço Arouca como pessoa? Na Assembléia Nacional Constituinte. Nós tínhamos talvez um ambiente de maior e mais intensa participação da sociedade no processo político. Cá entre nós, eu diria que foi até maior como participação e contribuição até do que as *Diretas*. Foi menos gente, mas eu acredito que foi muito maior a transformação da sociedade porque foi de forma muito concreta, participando da própria elaboração constituinte. Esse foi um grande achado da Constituição brasileira, porque normalmente na história das constituições do país, elas eram feitas a partir de um “boneco”. Não podemos esquecer, por exemplo, que o Tancredo, num primeiro momento, pensou o processo constituinte a partir daquela Comissão Afonso Arinos. Era um texto a partir de contribuição de notáveis. Foi importante, eu acho que aquilo ajudou também no processo constituinte, mas a idéia é que aquele projeto fosse o “boneco” (na linguagem jornalística) da Constituição. A partir dali, criar as comissões e iniciar o trabalho de uma redação final, fazer os debates... Pelo que se fez a opção? Por não ter “boneco” algum, e se partir pra contribuição que a sociedade viesse a trazer. Criamos as comissões, e aí houve uma intensa participação com audiências públicas. Em cada capítulo desses, você chamava especialistas, a sociedade organizada trazia as suas reivindicações, propostas. E na área da saúde, quem inclusive participou como representante da sociedade civil em audiência pública no plenário da Assembléia Nacional Constituinte foi Sérgio Arouca. Ele foi o representante maior da sociedade civil no capítulo tocante à saúde. Claro, nós já sabíamos que era do partido. Tínhamos lá a nossa pequena bancada do PCB (Augusto Carvalho, Fernando Santana e eu), e tivemos um grande papel nisso. Eu mesmo, sem ser um homem ligado à saúde, fiquei fortemente ligado com esse capítulo da Constituição. Eu era o instrumento (como parlamentar constituinte) daquilo que ele trazia como contribuição efetiva dos setores de saúde da sociedade civil. Foi ali que eu conheci o Arouca. Eu acredito que esse conhecimento foi muito importante talvez pra minha vida, pra minha vida política, pro PCB, eu diria até que pro país, dando algumas sinalizações. Porque na hora em que eu fui candidato a presidente da República, o candidato a vice foi o Sérgio Arouca.

**Guilherme:** Como foi isso?

**Roberto Freire:** No momento em que lançamos candidatura, buscamos qualificar muito aquela idéia. Não tínhamos ali naquele momento... Até porque, como era um processo eleitoral “solteiro” como se dizia na época (não tinha eleição parlamentar, era só pra presidente da República), todos os partidos lançaram candidato. E eram candidaturas

quase com “chapas puras”, você teve pouquíssima coligação, então era o vice normalmente do mesmo partido. Daí a busca era para qualificar ainda mais o debate, que a gente sabia que era a primeira vez depois de mais de 30 anos que a sociedade brasileira ia assumir a presidência, então o PCB deveria ir com... Além de certa ilusão de que nós poderíamos ter uma boa votação, a outra era um pouco de racionalidade e de compreensão do processo, de que poderíamos ter uma grande contribuição do ponto de vista da qualidade dos debates. E quando começamos a pensar na minha candidatura, a idéia era ter alguém que pudesse trazer ainda mais qualidade. E o Arouca foi exatamente uma escolha dessas, pelo nome que ele tinha, pela projeção, pelo respeito que ele tinha num setor importante da sociedade brasileira (dos profissionais da saúde pública), pela visão que ele tinha da questão da saúde pública no Brasil. A relação estreita que ele tinha, inclusive pela importância que ele teve em alguns momentos, no processo de Anistia, a participação dele na FIOCRUZ... Ou seja, era uma figura pública reconhecidamente capaz. Então a escolha não poderia ser melhor.

Tinha outra característica: naquele momento o PCB já demonstrava um pouco o que ia ser o seu futuro. Até porque o futuro do ideário comunista já estava ali meio determinado. Só que a gente teve ainda uma ilusão de que poderíamos continuar. O Gorbatchev representava uma perspectiva de continuidade, com uma reforma que vinha da questão da *Perestroika*, das reformas que a URSS no período do Gorbatchev tentou implementar. E aquilo despertou muita esperança, de que a democracia viesse a se incorporar à questão do socialismo, e a economia de mercado pudesse ser parte de uma economia também planejada – a *Perestroika* não era outra coisa senão isso, uma reforma econômica no chamado “socialismo real”. E o PCB, no movimento comunista internacional, talvez fosse o partido mais próximo dessa compreensão. Tínhamos tido aqui todo o episódio do Prestes, e aquilo tinha colocado o partido todo em choque, choque de “que caminho seguir”, “o que aquilo significava”, era de qualquer forma uma ruptura com todo um passado, com uma figura como o Prestes, o que provocou evidentemente um grande terremoto no partido – não só aqui no Brasil, mas a nível internacional – pela figura que ele expressava. Então o partido era naquele momento um partido com um movimento já de mudanças muito substantivas, de concepção, de visão de mundo. Nós éramos talvez (até dizíamos) os mais novos *gorbachovianos* dos partidos comunistas no mundo. Os italianos, evidentemente, tinham um peso muito maior, já tinham feito uma virada democrática muito forte, mas, naquela oportunidade, éramos nós. Eu me recordo disso: até em algumas viagens que em nome do partido eu fiz, nós destoávamos muito. Aqui na América Latina, por exemplo, eu fui (só pra lembrar, isso está me dando a oportunidade de lembrar de uma série de coisas) pra Cuba, num encontro sobre a dívida externa. Tinha vários representantes dos movimentos de esquerda latino-americanos, do Caribe, os partidos comunistas todos, e houve um fato interessante. Foram poucos os partidos comunistas (eu acredito que nenhum), poucos os movimentos (alguns tiveram posição mais ou menos assemelhada) que tiveram uma posição interessante já naquela época: de “não” à moratória, de que a questão da dívida externa deveria ser negociada. E até fui eu o responsável por fazer a intervenção e o pronunciamento. Ou seja, isso destoava. Destoava porque logo depois nós fomos pra URSS, e lá na chamada Escola de Quadros, as pessoas diziam: “nós brasileiros estamos aqui muito isolados, pela sua discussão lá em Cuba”. Eu estou só querendo mostrar que Arouca era também um pensamento renovador, alguém que estava integrado nessa visão mais moderna, democrática, que o partido começava a ter. A nossa chapa (eu presidente e ele vice-presidente) foi marcante nesse sentido, posso dizer que éramos comunistas diferentes. Tivemos um conceito muito bom durante a campanha, com alguns dizendo que nós éramos os melhores candidatos, que era uma

chapa que qualificava. E com a dificuldade de você estar enfrentando um preconceito (que depois a gente viu que era muito forte na sociedade) em relação aos comunistas. Mas mesmo assim nós conseguimos superar esse preconceito da sociedade, e terminarmos sendo respeitados. Foi uma belíssima campanha! Quero dizer naquele momento a minha relação com o Arouca ficou ainda mais estreita, fruto de uma admiração anterior que se confirmou por um outro aspecto do Arouca (que num momento como esse é importante salientar, não são visões que quando uma pessoa morre se torna melhor do que era em vida, essa é uma tendência natural até com aqueles que não tinham bom conceito em vida, mas no caso de Arouca é quase uma unanimidade): era uma figura do mais fácil trato que você puder imaginar. Era uma pessoa com a qual ninguém tinha dificuldade em ter um bom relacionamento, mesmo quando você ia na discordância, em posição antagônica, você tinha dele a capacidade de diálogo. Tanto que ele, por exemplo, tomou posições como deputado muitas vezes com muita coragem, e ele algumas vezes não conseguia perceber o impacto que aquilo causava. Um exemplo é quando ele perdeu a eleição no Rio de Janeiro, em grande parte porque se usaram alguns votos que ele teve na Câmara dos Deputados no processo de reforma do Estado brasileiro, no começo do Governo Fernando Henrique Cardoso, em que o partido teve algumas posições com certo afastamento de setores mais organizados, de servidores públicos. E isso teve um impacto muito grande no Rio de Janeiro, onde tem mais servidor público até que em Brasília. Ele foi surpreendido em alguns momentos por certos setores quase chegarem a ser agressivos com ele, quando nessas posições ele nunca foi agressivo.

**Guilherme:** Colocaram até o nome dele em *outdoor*.

**Roberto Freire:** Claro! E eu me lembro que isso foi algo que chocou muito ele, porque ele tomou uma posição clara, com transparência. Uma pessoa que em nenhum momento fez aquilo usando do preconceito que muitos dos que adotaram essa reforma do Governo Fernando Henrique tinham, de transformar servidor público em bode expiatório. Arouca nunca fez com essa forma, fez com a compreensão de uma reforma democrática de Estado – que remetia a uma concepção da nossa candidatura. Esse termo “reforma democrática de Estado” surge na nossa campanha. Um outro termo que foi utilizado durante muito tempo foi “desprivatização do Estado brasileiro”, por conta do patrimonialismo, da apropriação pelas oligarquias dos interesses do Estado, coisa que a Constituinte ajudou a superar (é bom que se frise isso) quando definiu o ingresso no serviço público só por concurso. Antes o que você tinha era um Estado apropriado por quem indicava, pelas nossas oligarquias, pelas elites... Vejam que grande transformação nós sofremos (ainda estamos sofrendo) por força disso: é um Ministério Público todo de jovens que não vem por Q.I., de “quem indica”, mas vem pelo Q.I. de sua inteligência, por aprovação de concurso, e vem muitas vezes de estratos até subalternos da sociedade, com a ascensão via educação, e que conseguiram chegar ao aparelho de Estado por meio de concurso. Coisa que antes não chegava, porque o que era por indicação (seja pro Judiciário, aparelho policial, Ministério Público ou qualquer outro dos setores), era por indicação daqueles que exerciam o poder oligárquico, coronelístico nesse país, ou no Nordeste, mas representantes também de grandes grupos privados nos estados mais desenvolvidos. Então toda essa visão da reforma foi colocada em 89 com muita força pela chapa Roberto Freire / Sérgio Arouca. E interessante: também no pensamento da esquerda, houve algumas contribuições – e nisso Sérgio Arouca teve fundamental contribuição até porque era da sua compreensão, da sua área, da sua relação maior com a intelectualidade, com o mundo acadêmico. Houve contribuições de avanços já na

compreensão da revolução científico-tecnológica, contribuição que até hoje é muito importante para a visão, para o programa, para a atuação do próprio PPS. Aquilo foi de fundamental importância na mudança que tivemos que operar com o fim da experiência do “socialismo real”. O Arouca tem essa trajetória marcante no campo da política, no PCB, na mudança do PPS, e eu diria que ele tem uma contribuição que também é marcante na minha própria concepção, a partir do encontro que tive com ele, do muito que aprendi sobre a revolução científico-tecnológica – até porque isso tinha mais vinculação com a própria experiência de vida e o conhecimento de Arouca do que do meu. Foi muito importante. Talvez aí eu tenha ajudado também por ter liderado o partido e me apropriado muito do que ele pensava, e ter tido a coragem de colocar (junto com o apoio dele), e ele também como grande líder desse processo de mudança que o PCB *teve* que fazer. Eu acho que aquela candidatura a presidente da República em 89 foi responsável em grande parte pela existência do que é hoje o PPS. O partido não é mais o mesmo, embora eu não tenha dúvida de dizer que esse passado é muito honroso, o PPS é fio condutor dessa história. Agora: é um novo partido. É um partido democrático, pluralista, teve que abrir, e é fundamental entender que se aquela abertura não tivesse sido feita, não estaríamos hoje aqui, como PPS. Teríamos nos perdido aí como uma coisa de repente parte da História, mas sem nenhuma perspectiva de continuar fazendo História. Até porque aquela experiência é algo extinto. Deve-se estudar a História, contribuiu decisivamente pro que foi o mundo no século XX, portanto pro que vai ser o mundo daqui pra frente (porque condiciona, o passado determina o futuro, não temos por que fugir disso). Mas a idéia é que o que nós somos hoje em grande parte nós estamos devendo a figuras dentro do partido como Sérgio Arouca.

**Guilherme:** Freire, eu me lembro que logo no começo do mandato do Arouca, em 90, ele comentava comigo como era a engenharia que vocês faziam pra ter presença no cenário político através do Congresso. Fala um pouco disso, porque devia ser difícilimo, não é? Pra você estar presente ali na...

**Roberto Freire:** Olha, rapaz, eu não sei... Talvez na Constituinte... Tínhamos três deputados: Fernando Santana (da Bahia), Augusto Carvalho e eu. E essa bancada do PCB (é um dado interessante) foi a que mais teve... Até porque no final, com as chamadas emendas aglutinativas você juntava uma série de parlamentares constituintes e as suas emendas, e criava uma única emenda – isso foi até uma criação minha pra enfrentar o que a gente chamava “buraco negro”. Então quando chegava na hora, nenhuma das emendas apresentadas tinha condições de ser aprovada. Aí eu inventei: “porque não construímos aqui uma emenda de todas as emendas que tratam desse assunto”? Pra fugir de uma armadilha regimental. Se não tem nenhuma emenda que pode ser aprovada... Isso aconteceu com a questão da reforma agrária, me lembro bem disso. Uma briga tremenda, a UDR fortíssima naquela oportunidade. Então aquela disputa chegou ao que nós chamamos “buraco negro”, não tinha como resolver. Eu propus isso, aí começou a partir dali toda uma nova prática, e você resolvia todo e qualquer problema. Quando tinha impasse: “vamos formular uma emenda aglutinativa”. Juntávamos todas as emendas que tínhamos e se construía aquela alternativa. Mas de qualquer forma, pelas emendas originais, quando houve o inventário que se faz na Assembléia Nacional Constituinte, se determina quais foram os parlamentares que apresentaram emendas, as emendas que foram aprovadas. Dado importante: o PCB (com três deputados) foi talvez o partido que mais emendas teve aprovadas na Assembléia Nacional Constituinte. Agora, sabe por quê? Não apenas a contribuição do

Arouca, que veio da sociedade organizada. É que nós tínhamos um invento, que o PCB, era um livro preto com uma faixa verde, das contribuições do PCB à Assembléia Nacional Constituinte. E a gente formulava ali qual era a nossa idéia de Constituição. E dali extraíamos as nossas emendas. Ou seja, enviamos emendas pra todos os capítulos da Constituição, porque nós tínhamos previamente preparado – também o único partido que preparou, num processo de discussão muito interessante. O partido tem isso, e ainda tem hoje – apesar de naquela época ser um partido bem mais organizado. Mesmo nos momentos de maior fragilidade nossa, quando éramos (como o nosso Azedo dizia) “almas penadas”... Quando nós fizemos a mudança, ele disse: “isso aí é uma alma penada que não sabe ainda onde encontrar um corpo”. Encontramos. Mas teve um determinado momento que não, algumas reuniões nossas pareciam um réquiem: “como nós vamos aqui sobreviver?” Mesmo nesses momentos é interessante: você formulava na velha tradição de fazer política do velho PCB. Então aquilo dali ajudou tremendamente a que nós formulássemos essas emendas, e as tivéssemos aprovadas. Isso contribuiu muito concretamente para que, mesmo com três parlamentares na atuação normal, o partido tivesse muita presença. Mesmo com três. Porque teve um determinado momento em que era Augusto e Arouca. Eu como senador já. E o partido existia. Tem até algumas brincadeiras... Como o partido é muito democrático, algumas vezes a gente dizia: “a bancada está dividida meio a meio”. Porque quando não votavam juntos, a gente sempre conviveu com isso. Algumas pessoas do velho Partidão diziam (isso um pouco na idéia do centralismo): “não pode admitir isso! Como é que um partido que tem uma bancada de dois se divide, não contem a capacidade...” Eu digo: “isso é uma questão democrática, tá ótimo, vamos conviver com isso!” Não há nada melhor... Até porque em alguns momentos, evidente que não era em momentos decisivos da política, era em algumas posições concretas, disputas, por exemplo, na questão do servidor público. O nosso Augusto Carvalho tem uma ligação muito estreita com o movimento sindical, ele veio do movimento sindical de Brasília, sofreu uma pressão muito grande e é claro que ele tinha que responder a essas reivindicações. Não é nenhum corporativismo não, até porque o partido conseguia fazer com que ele superasse essa idéia do sindicalista, ele era sindicalista, mas foi parlamentar, e grande parlamentar. Ainda é, hoje distrital aqui em Brasília. E Arouca, por outro lado, também brilhante parlamentar, grande tribuno. O PPS (já PCB, com também três parlamentares) sempre tinha muita presença, é incrível isso! Na esquerda, nós tivemos a grande capacidade... Isso é um dado, que até hoje explica um pouco a política do PT, e um relacionamento que sempre foi muito difícil conosco – o PPS e o PCB. É que o PCB teve, por exemplo, uma política de frente democrática que foi fundamental pra derrotar a ditadura. Porque foi essa política que derrotou a ditadura. Toda a campanha do MDB, transformar o MDB num partido que não era construção da ditadura, mas passou a ser instrumento do pensamento democrático da sociedade brasileira, e com isso passou a ser o grande aríete da ditadura. Instrumento democrático, aglutinou forças. Nesse sentido, o PCB foi um dos grandes formuladores dessa política, junto com setores democráticos do MDB, Tancredo, Ulisses, setor moderado, grupos “autênticos”. E aí alguns não entendem porque tinha uma política que sempre foi de um certo atrito com o PT. É que o PT é fruto de toda uma política que não se integrava nessa frente democrática, nunca se integrou! Ao contrário, ele é fruto de todos aqueles que seguiram outro caminho no combate à ditadura, não admitiam a luta legal do MDB, até pelo contrário, tentavam desmoralizar. As políticas do PT são frutos de setores que se aliavam na luta da Anistia salvo se fosse ampla, geral e irrestrita. Tiveram até documentos (alguns desses que vieram a formular a política petista) votando *contra* a Anistia. A Assembléia Nacional Constituinte tinha que ser exclusiva, não aceitavam que fosse convocada daquela forma,

a Constituição não continha nenhum avanço, não quiseram assinar. Não participaram do Colégio Eleitoral. Ou seja, é uma série de desencontros que evidentemente... A disputa sindical, CUT, Conclat, e a CUT significa inclusive um ideário, uma posição do PCB. Só que o PCB atrasou-se nisso, eu acredito que até como um equívoco, achando que não era o momento, e talvez já fosse o momento, pelo amadurecimento das lutas sindicais que naquela época tinham. E o PT nisso daí avançou. Mas teve aí atritos, e eu tô querendo só mostrar que em todos esses embates... Eram embates do ponto de vista político e o PCB, mesmo com poucos parlamentares, no campo da esquerda tinha capacidade de, mesmo representando três, ter uma presença de votos muito maior! Porque amplos setores da esquerda do PMDB, amplos setores que vieram até a depois formar o PSDB, seguiam a liderança do PCB nessa formulação de esquerda em algum confronto que tínhamos com o PT. Daí algumas pessoas estranharem hoje, como estranhavam em Arouca, a facilidade que nós temos em falar com setores democráticos de esquerda e em algum momento alguma dificuldade de nos entendermos com o PT. Porque há uma história! Uma história feita em comum nos momentos difíceis! Muitos desses setores vieram pra luta democrática, pra luta emedebista, inclusive sem fazer nenhuma autocritica de todo um processo de caminhos que nós considerávamos equivocados...

#### *Fita 1 – Lado B*

**Roberto Freire:** ... uma visão muito clara disso e uma tinha uma coragem muito grande de enfrentar, porque precisava coragem! Porque teve um determinado momento em que éramos tão poucos, que isso era um enfrentamento que muitas vezes significava um desgaste muito sério. Aí eu posso até dizer: Augusto Carvalho aqui no Distrito Federal sofreu esse desgaste, porque também teve a coragem de enfrentar isso. E ao final foram vitoriosos. Eu estou até publicando um livro agora (um livrinho pequeno), já que estão se comemorando vinte anos de democracia: a contribuição do PCB nesse processo. Não é pequena não...

**Guilherme:** É grande. Freire, eu acho interessante algumas coisas que você disse, porque você junta as coisas muito bem... E o Arouca (pra mim isso fica muito forte) deixou uma contribuição relevante pra questão da democracia do Estado, um Estado modernizado, renovado, esses conceitos todos. E no campo em que ele atuou mais, na saúde, isso é uma marca...

**Roberto Freire:** Ô... Me lembro de Arouca nas conferências nacionais de saúde, ele era o grande formulador. Até essa última agora já foi uma homenagem prestada a ele. Outro grande lutador disso é o Eduardo Jorge, de São Paulo, do PT que talvez fosse o maior quadro parlamentar na época... Até porque ele era constituinte, era o grande representante dessa política para atingir o SUS, vindo da Conferência Nacional de Saúde, da qual o Arouca era a grande liderança nacional. E ele representou essa liderança a nível parlamentar. Fez até questão de ser o grande idealizador dessa homenagem a Arouca aí na última Conferência Nacional de Saúde. Arouca era e sempre foi um dos grandes líderes em toda esta reestruturação, reformulação, e eu diria, a primeira grande reforma do Estado brasileiro foi a reforma sanitária. O SUS representa toda uma compreensão de um novo Estado na área da saúde. Infelizmente hoje relegado a um segundo plano, por um governo (que eu não imaginava) do PT junto com alguns governos de estado se despreocupando com isso, inclusive com uma “politicalha” da pior espécie (o Rio de Janeiro é o pior exemplo). E sem que aprofundasse em quase

nada aquilo que era a idéia básica do SUS: a descentralização efetiva, daquilo ser algo muito junto à comunidade, o atendimento de saúde sendo fundamentalmente quase que uma ação da comunidade, junto com os profissionais da área de saúde. Então essa compreensão é algo que o partido incorporou como a primeira grande reforma e talvez a única reforma do Estado bem sucedida. Porque as outras foram muito parcialmente feitas e gerando problemas graves. Nenhuma delas teve a conseqüência, por exemplo, primeira e mais importante: juntar todas as forças democráticas num pensamento único. Pode estar lá PT, PCB, PC do B, PPS, ou qualquer uma das forças políticas que atuaram durante esse tempo, que você vê certo pensamento comum nessa área de saúde. Um dado importantíssimo: até o PT entrou num determinado momento muito bem! Não tinha muita diferença. Não importava que tivesse José Serra lá, você tinha ali uma presença efetiva na aplicação do SUS independente da posição política. Esse foi talvez um dos maiores resultados dessa reforma, que eu considero a primeira reforma democrática do Estado brasileiro, foi lá atrás, a primeira delas. Muitas agora das que foram iniciadas não se ultimaram, algumas são muito mal feitas, com uma visão completamente diferente da outra, da descentralização, portanto da democratização. Ao contrário: a reforma do Judiciário é exatamente o inverso. Você tem uma visão autoritária, de centralização. Até se disse que grande conquista dessa reforma do Judiciário é a súmula vinculante, que é evidentemente uma idéia centralizadora, de doze homens muitas vezes definindo aquilo que lá embaixo os seis mil juizes brasileiros vão ter que assumir como sendo a norma porque aqui em cima... Centralizando completamente, é uma visão totalmente inversa, quando a reforma judiciária é saber como é que a cidadania pode ter acesso cada vez maior à Justiça, coisa que ainda hoje no Brasil é obstaculizada por uma série de problemas, inclusive de ordem econômica e financeira. Isso é só pra dizer que a grande reforma democrática do Estado brasileiro teve o dedo de Sérgio Arouca, e mais do que o dedo, a sua cabeça.

Já tá bom. Pega o Augusto [Carvalho] aí...

**Augusto Carvalho:** Não tenho mais nada a acrescentar...

**Roberto Freire:** Que não tem?! Você foi durante muito tempo 50% da bancada com ele...

## ***Depoimento de Augusto Carvalho (Brasília - 19.05.2005)***

**Assuntos abordados:** características pessoais de Arouca; participação de Arouca na passagem do PCB para o PPS; atuação parlamentar de Arouca: insatisfações com o Parlamento, posições polêmicas e a campanha realizada contra ele por alguns setores sindicais.

*Fita 1 – Lado A*

**Augusto Carvalho:** ... pude ter uma amizade mais forte e acompanhar sua militância no Rio de Janeiro. Eu o conheci aqui na Constituinte, nos debates que tivemos sobre a questão da saúde. Era um grande orador e ao mesmo tempo uma grande inteligência, uma capacidade muito grande de abalizar o que pensava, estudado na academia, respeitado no Parlamento, onde ele atuava nos debates em todas as fases, nas comissões até chegar ao plenário. O que eu tenho dele é essa presença. Na década de 90, como 50% da bancada que eu era, nós dois apenas como deputados federais, e o Freire no Senado. Então era uma figura extremamente generosa, sensível... [emocionado] É uma figura difícil da gente falar, mas as minhas recordações são as melhores. Lembro-me uma vez, eu fui ao Rio de Janeiro e fui me hospedar na sua casa, e passamos o final de semana conversando. Eu, mineiro de Patos de Minas, pouco conhecido no Rio de Janeiro (tinha ido poucas vezes), lembro que naquele tempo a violência não era muito grande, nos idos de 90... Eu me lembro das rajadas de metralhadora no morro em frente à sua residência em Santa Teresa – à noite a gente conversando e ouvindo os disparos. Enfim, me impressionou e me mostrava inclusive marcas de bala na parede da sua casa.

Eu acho que ele era uma pessoa (é difícil falar) que conseguia a admiração de todos. Qualquer que fosse o partido político, a posição ideológica, ele tinha uma capacidade muito grande de seduzir, com seu discurso concatenado, com a sua capacidade, sua fluência, sua combatividade. Essas discussões que nós tivemos no campo da esquerda ou fossem aquelas internas que tivemos no partido, quando o Partido Comunista Brasileiro ajustou contas com seu passado, para saber se tinha futuro. Eu acho que nos debates que eu participei o Arouca pontificava na linha de frente, achava que todos aqueles ícones do marxismo-leninismo (conceito de ditadura do proletariado, ditadura do partido único), aquela visão talvez tivesse sido fundamental para garantir a coesão do partido nos tempos da clandestinidade. Só quem passou pela clandestinidade, pela violência contra companheiros e contra familiares, sabe que a clandestinidade não é opção de ninguém. Sem democracia é claro nos servem... Mas quando o PCB aflora à superfície, quando há democracia, essa discussão interna é processada, com a figura muito forte de Prestes catalisando, comandando por outro lado a discussão em torno da manutenção daqueles dogmas, que marcaram a história do PCB, a história brasileira, do movimento comunista internacional... Então o Arouca foi uma peça decisiva no convencimento da maioria, daqueles que participamos dos encontros nacionais, regionais, até o Congresso definitivo de alteração do rumo, da superação do PCB e a gestação do novo partido que veio a ser o PPS. A presença permanente na bancada ao lado dele, as brincadeiras, as conversas, o humor sempre presente. Nunca vi aquele cidadão estressado. Tinha uma indignação, uma cólera santa quando era chamado ao debate, debatia com toda a sua verve, defendendo esses pontos polêmicos dentro da própria esquerda brasileira. Eu me lembro quantos debates, quantas dificuldades nós tivemos. O PT e o PC do B nos patrulhavam, por conta da admissão pelo PCB/PPS da hipótese de reforma democrática do Estado – pela necessidade que a gente sabia que

havia do Estado se retirar de atividades que não eram essenciais. Até me lembro, quando da discussão do conceito de indústria nacional, que gerou uma polêmica intensa, muito forte, dentro do Parlamento, entre os setores mais tradicionais da esquerda. Esse humor o Arouca tinha, e ao mesmo tempo essa santa cólera pra defender suas idéias. Ao mesmo tempo, terminado aquele debate, era amigo de todos. Eu vejo assim, que sofreu até muitas vezes desnecessariamente. Quando a gente vê hoje o governo de esquerda praticando uma série de medidas que antes condenava em outros partidos e outros governantes. Por exemplo, a reforma da Previdência, que Arouca era um dos raros deputados da esquerda (como o Eduardo Jorge do PT) que tinha coragem de expressar essa necessidade de se fazer, de rever o futuro da seguridade. Quando a gente vê velhas bandeiras que a esquerda tradicional sempre renegou sendo descartadas sem sequer pedir desculpas ao povo brasileiro, ou àqueles que foram muitas vezes ultrajados, como foi o Arouca, com *outdoor* em praça pública, porque teve coragem de expressar com transparência sua concepção, que era a concepção do nosso partido, amadurecida coletivamente. Eu lamento por esse sofrimento pelo qual ele passou, e hoje certamente muitos teriam que passar por ele se desculpando em razão de tantas agressões que foram praticadas, injustiças que foram cometidas naquela época. O Arouca sempre foi uma figura capaz de perdoar. Eu me lembro de alguns debates com figuras da direita, do centro conservador do Parlamento, muitas vezes debates acalorados, mas eu me lembro das pessoas com as quais ele discutia, Roberto Cardoso Alves, Roberto Jefferson, quantas vezes nesses debates, e ao final isso resultava em abraços, em confraternizações. Era uma figura com uma capacidade muito grande de despertar a simpatia, empolgava pela sua lucidez. Então eu tenho do Arouca uma saudade que... Foram poucas pessoas que como ele conseguiram passar por esse mundo e deixar esse rastro como homem, como cidadão, como político, na sua mais integral aceção.

**Guilherme:** Augusto, o Arouca em alguns momentos manifestava assim uma certa dificuldade com a vida parlamentar? Se você quiser comentar, talvez em função do tamanho da bancada. Mas ele tentou o terceiro mandato, e não conseguiu. Você conseguiria explicar um pouco... É meio contraditório, era um parlamentar que se destacava, conseguia ter essa capacidade de articulação, mas a impressão que eu tenho é que o eleitorado dele não acompanhou esse processo, a tese da renovação, etc. Você teria como abordar um pouco isso?

**Augusto Carvalho:** Claro que o Parlamento tem os seus ritos, não é? Seus procedimentos ali que muitas vezes não combinam com o próprio modo de ser de homens que naquele momento era representante do povo. Algumas reuniões já se sabiam que não levava a nada. Alguns “assembleísmos” muito comuns à esquerda, de reuniões intermináveis que resultavam em obstrução. Eu me lembro que tinha épocas em que o Congresso ficava em obstrução durante meses até, sob intensa pressão da opinião pública, e o Arouca se indignava muito com essa falta de produtividade da ação parlamentar. A gente compartilhava muito essa sensação, a gente não era muito afeito a esse jogo de bastidores e de disputas, muitas vezes pra marcar posição – como era muito característico dos setores hegemônicos da esquerda no Parlamento. Eu considero que essa mágoa que ele sofreu, principalmente no período em que o Roberto Freire era líder do Governo Itamar Franco, o PT, que ajudou a derrubar o governo do presidente Collor, e depois faltou com o apoio pra garantir a transição. Nós, minoritários na esquerda, assumimos o ônus de defender as políticas do Governo Itamar Franco. Eu me lembro do Plano Real, quando era uma demanda da sociedade brasileira o combate à inflação, e isso hoje se consolidou realmente como uma conquista da sociedade brasileira. Mas

naquela época a disputa era muito grande, e eram dois deputados federais e um senador, enquanto a outra bancada tinha dezenas, não sei quantos deputados do PT, do PC do B, dos seus satélites. Mas esse tipo de exploração dessa ruptura que foi num crescendo, que o PCB começou a fazer e o PPS aprofundou, em relação a dogmas confessionais do campo da esquerda, só depois que o Lula assume o poder é que se rompe com esses dogmas. Eu me lembro do Palocci quando ele faz a *mea culpa* e confessa ter sido um erro votar contra a Lei de Responsabilidade Fiscal. Então, assim é. Esse distanciamento, creio que lamentavelmente os setores de esquerda, particularmente no movimento sindical, partiram pra uma degeneração muito forte no Brasil, passou a existir uma disputa política, uma disputa pela hegemonia desses segmentos suscetíveis à mensagem de esquerda – com certas práticas “fascistóides” mesmo, de *outdoor* na rua, aquilo que se praticou contra o “Centrão” lá na Constituinte, muitas vezes. Aí começa esse distanciamento, essa diferenciação da esquerda brasileira que levou que o PT viesse a praticar esse tipo de patrulha, de execução pública, de uma maneira absolutamente antidemocrática. Porque uma coisa é você hegemonizar o movimento sindical brasileiro com uma série de entidades da sociedade civil. E ali tem, aliás, recursos públicos, de toda uma determinada categoria de trabalhadores, aqueles recursos serem direcionados para destruir uma liderança política, no caso o Arouca, por uns dois ou três votos que ele tinha dado em Brasília. Mas o movimento sindical, a esquerda, partiu pra certas práticas absolutamente antidemocráticas, de não permitir. Agora você vê: várias entidades sindicais reunidas fazendo cotas pra botar *outdoor* na rua. Então passou a ser uma disputa de máquinas financeiras, bem montadas, pra oprimir, pra destruir uma biografia. Eu creio que essa campanha certamente ecoou entre os formadores de opinião do Rio de Janeiro, que era o nicho social em que o Sérgio Arouca tinha a sua influência pessoal. Essa derrota certamente deve ter marcado a sua vida. Deve ter passado por outras, várias vicissitudes, várias dificuldades na vida. E aí, já no governo do PT, pelos seus méritos chegou a integrar a equipe do Ministério da Saúde. Infelizmente, a sua contribuição quanto à ação do governo foi pouca, foi pequena em razão do seu desaparecimento tão precoce. Certamente, se ele estivesse aqui entre nós, muitos dos erros que são cometidos hoje nas políticas do Ministério da Saúde estariam sendo evitados.

## ***Depoimento de Fernando Antunes (Brasília - 19.05.2005)***

**Assuntos abordados:** primeiros contatos com Arouca (na presidência da FIOCRUZ); convite para trabalhar com Arouca na Câmara dos Deputados; luta de Arouca pela PEC que permitia a contratação de cientistas estrangeiros; atividades parlamentares de Arouca; Arouca e o PPS; Arouca e a flexibilização dos direitos do funcionalismo público; possíveis causas da derrota eleitoral de Arouca (98); relevância parlamentar de Arouca e insatisfação com certas características da vida parlamentar.

### *Fita 1 – Lado A*

[Guilherme apresenta em linhas gerais o Projeto Memória Sérgio Arouca para Fernando]

**Fernando:** Sou Fernando Antunes, sou funcionário público federal na área de auditoria de despesas públicas, e foi nessa condição de servidor público que eu conheci o Arouca. Eu trabalhava na área de auditoria do Ministério da Saúde e ele era presidente da Fundação Oswaldo Cruz. O então superintendente de administração dele, Moreira Nunes, nas permanentes viagens dele a Brasília, precisava estabelecer contato com determinados setores do Ministério da Saúde, e o cargo que eu ocupava no Ministério da Saúde (na então secretaria de controle externo do Ministério da Saúde) precisava dessa interlocução entre a área de controle e a Fundação Oswaldo Cruz. Os problemas da Fundação Oswaldo Cruz foram se tornando problemas nossos, do Ministério, a partir do momento em que nós fomos nos tornando parceiros – porque aquele projeto que era capitaneado pelo Arouca lá na Fundação Oswaldo Cruz era um projeto que envolvia a todos nós. Eu era então também filiado ao partido, e nessa condição me sentia também co-responsável por tudo que estava acontecendo, aquele momento em que o Brasil recuperava a liberdade, tendo o gosto de que aquela liberdade não era ainda tão ampla quanto nós imaginávamos naquela época. Mas de qualquer forma alguns canais se abriam, então também na administração pública nós achávamos que tínhamos de ajudar de alguma forma aquele momento que a Fundação Oswaldo Cruz viveu.

Bom, existem aí alguns fatos curiosos que talvez seja interessante se registrar. Alguns setores do Ministério da Saúde de Brasília não apoiavam tanto a administração Arouca quanto às vezes falavam que apoiavam. Mas na realidade nos bastidores até alguns jogos eram armados pra colocar algumas cascas de banana para a administração. Coisas de burocracia, grupos que terminam brigando entre si. E uma dessas cascas de banana armadas chegou ao meu conhecimento, e confesso que vivi um dilema louco naquele dia, porque ocupava aí um cargo de direção do Ministério. De certa forma não era nada ilícito, mas de qualquer forma o que se pensava era se tornar menos flexível, ou dificultar mais algumas soluções que pudessem ser de interesse da Fundação Oswaldo Cruz – e isso, indiretamente, poderia complicar muito a administração da casa. Por dois motivos: primeiro, por não concordar que a burocracia se sirva desse tipo de procedimento; segundo, porque aquelas medidas se implantadas poderiam atingir em cheio o trabalho belo que estava sendo conduzido na Fundação Oswaldo Cruz puxado pelo Sérgio. Isso me levou a um dilema terrível: a questão da lealdade e a questão do compromisso. Lealdade por quem, lealdade para que, compromisso com quem – foram as perguntas que eu me fiz por um ou dois dias. Mas enfim eu tomei a decisão (que julgo acertada) que foi a de alertar a Fundação Oswaldo Cruz pra esse fato. Conversei

longamente com o Moreira Nunes, e ele falou: “tenho que te colocar pra conversar com o Sérgio”. Fomos conversar então com o Arouca que era o presidente, ele me conhecia de nome, mas naquele momento em que nós tratamos daquele assunto, percebi claramente que eu estava diante daquela figura que eu ouvia falar, mas que era alguém diferente. Lembro-me bem que o tique dele quando ouviu o meu relato foi de indignação! Ele não podia (conhecendo o Arouca como eu conheço), era dele aquela coisa do rompante: “não pode ser, não é assim!” A expressão dele foi [imitando Arouca]: “vou falar com o Doutor Ulisses! O Ministério da Saúde não pode fazer isso! Se querem me demitir, que assumam o ônus político da demissão, mas não venham com tramas desse tipo que eu não aceito!” E eu: “bom, tudo bem, meu papel foi esse, avisei.” Claro que isso me deixou numa posição desconfortável, mas por outro lado eu virei cúmplice da Fundação Oswaldo Cruz a partir daquele momento, me colocando como parceiro do projeto.

**Guilherme:** E como é que ele reagiu à sua atitude? Chegou a comentar?

**Fernando:** Nesse primeiro momento não. Agradeceu... Mas percebi claramente porque, a partir daquele momento, a Fundação passou (através do superintendente de administração, Moreira Nunes), ficamos muito mais próximos. Convidava-me pra visitar a Fundação... Virei uma espécie de consultor informal da Fundação Oswaldo Cruz, por intermédio sempre então da Superintendência da Administração Geral (SAG). Os anos passaram, e acabamos fazendo outras coisas juntos. Veio a eleição de Arouca, e veio o convite pra trabalhar com ele. A equipe de Arouca era o Eric Rosas, nós tínhamos a Tânia, o Emerich, nós tínhamos o João Aurélio, posteriormente o Frederico (?) estava alocado naquele espaço, e nós constituímos um grupo que se pode chamar de um grupo mais próximo. O Arouca sempre contou com muita assessoria – isso era uma característica dele bem ressaltada por você [Guilherme]. Quer dizer, era uma forma de trabalhar, aglutinar opiniões – e não necessariamente opiniões que concordassem com ele, ao contrário. Ele acreditava que o conflito, a divergência era bastante produtiva. Então no momento em que ele me convida pra trabalhar na Câmara, eu disse: “é interessante”. Aliás, esse convite veio também muito mais em decorrência de uma situação um pouco ruim no Poder Executivo que, por conta de certa indisciplina de minha parte, quase nunca compactuando com algumas questões que apareciam na frente... O trabalho de auditoria gera um pouco isso, você tem acesso a determinadas informações do Estado e, dependendo do seu estado de espírito, da sua situação perante a vida, você fica num dilema se é aquilo que você quer fazer, porque o nosso código de ética nos coloca numa situação na qual nós precisamos fazer um trabalho voltado pra dentro de casa, pra produzir informes, relatórios pra que os escalões superiores decidam o que fazer. Mas como cidadão brasileiro, como homem de militância política, aquelas informações me deixavam bastante indignado. Num determinado momento eu me insurtei, e telefonei pra um jornalista amigo repassando uma determinada informação. Isso gerou um processo disciplinar contra a minha pessoa. O processo foi muito difícil, e eu corri pro Arouca: “ó, você vai me ajudar nisso aí”. Porque eu não estava sendo acusado por uma questão de improbidade administrativa, era um caso de não ter guardado um sigilo de informação. E aí voltei à questão: “puxa vida, se aquela informação não tivesse vindo a público...” Um determinado fato... que era relacionado com a venda da VASP. O fato é que aquilo seguiria um rumo, e o governo resolveria da maneira que lhe convinha. Eu achava que aquilo era relevante pra sociedade brasileira saber, e deixar o assunto fluir. Então, em função desse fato, o Arouca falou: “tem duas medidas a fazer, vamos fazer uma articulação política porque é impossível que você seja

condenado num processo administrativo por ter agido corretamente, por senso de justiça...” O senso político do Arouca era muito maior que o meu, então se ele concordava com o que eu tinha feito eu pensei: “bom, estou absolvido completamente”. Aquilo foi um alívio pra mim. Num segundo momento: “vem pra cá rapidinho, vem trabalhar comigo aqui”. Ali me incorporei formalmente à equipe, sendo requisitado pra trabalhar na Câmara dos Deputados. Aí uma outra característica, porque chegando na Câmara dos Deputados eu era tido como o “burocrata” do processo. Todo mundo: “o homem que defende a forma, o homem que defende a regra”. Em política a gente tem alguns companheiros que dizem: “depois a gente vê o que faz.” E eu dizia: “ó, Arouca, não é bem assim, porque a gente quer fazer muito mas precisamos observar algumas regras.” Em alguns momentos, algumas incompreensões surgiram. E ele foi árbitro, e arbitrou (no meu entender) quase sempre corretamente, 99% dos casos corretamente. E esse 1% que eu acho que ele não arbitrou corretamente, eu acho que eu avalio errado [risos]. Mas esse era o Arouca...

Mas aí lá na Câmara, nós vivemos realmente situações interessantes ao longo desse período. Quando do falecimento dele, que a Fundação Oswaldo Cruz fez aquela revista em homenagem a ele, me pediram que eu escrevesse um texto sobre o Arouca, e eu contei essa coisa de que, por ter convivido, ter privado da intimidade de Arouca, por ter vivido alguns momentos muito delicados da vida dele, eu posso dizer que o mandato pra Arouca... Diferentemente de hoje, a vaidade do ser humano, a vaidade que faz com que alguns disputem esse mandato parlamentar com tanta avidez, isso nunca foi perceptível em Arouca. Ao contrário, ele encarava aquilo ali como um encargo, “é preciso estar nisso”. Mas ele dizia: “eu me sinto mais à vontade no Executivo.” Talvez se o Brasil tivesse a chance de tê-lo como ministro da Saúde, nós poderíamos ter uma nova prática de fazer política. Não na saúde pública, falar de Arouca na saúde pública talvez seja desnecessário de minha parte, que outros depoimentos aqui vão focar muito isso. Mais no que diz respeito à forma de gerir, de aglutinar pessoas. Eu acho que realmente ele nasceu iluminado pra isso. Ele conseguia ter ao lado dele, ao redor dele pessoas que faziam as idéias dele maiores ainda – e quase sempre eram boas idéias. Nesse capítulo “ministro da Saúde” teve um episódio que não sei quantas pessoas conhecem... Era Governo Fernando Henrique, e foi na saída daquele ministro Albuquerque, gaúcho. Veio um emissário do Fernando Henrique, ligou pro gabinete, querendo ter uma conversa reservada com o Arouca. E o emissário foi e falou: “Arouca, eu venho aqui em nome do presidente informar que você é uma das possibilidades do presidente Fernando Henrique para ministro. Mantenha essa conversa em reserva até as 18 horas que o presidente vai anunciar a decisão à noite.” Essa conversa aconteceu por volta das 13 horas. “Se vazar pra imprensa, o convite está desfeito.” Depois disso, quando ele saiu, o Arouca me chamou e nós ficamos trancados na sala, e ele daquele jeito coçando a barba: “ah!! Olha que surpresa!” Eu disse: “bem, você não vai, né?” E ele: “se o convite é pra ministro da Saúde eu não tenho o direito de recusar.” A história andou, ele não foi o escolhido. Mas até a resposta que ele deu nesse momento mostrava (acho eu) que era o grande desejo dele, onde ele poderia de fato acelerar algumas idéias que ele tinha a partir do Ministério da Saúde. Mas até esse momento, pela forma como ele responde, mostra que ele nunca transformou política em desejos pessoais. É uma coisa que a convivência com ele me deu certeza de dizer isso. Teve outro momento lá também, quando ele foi escolhido pra ser o relator da Lei do Sangue. Ela meio que ficou empacada, ia, vinha, aquela briga, o Betinho tantas vezes parceiro nesse processo – e as coisas não avançavam. Num belo dia, um deputado da direita interessado na questão (segundo algumas informações que surgiam, ligado a interesses na área de hemoderivados), chama o Arouca e fala: “Sérgio, você vai ser o relator”. “Por que eu?

Vocês sabem o que eu penso.” “Sim, mas se for um de nós da direita ninguém vai conseguir aprovar essa lei, e da esquerda a gente sabe que você é o único que tem equilíbrio pra conduzir esse processo.” Então naquele momento a gente sentia claramente a deferência no campo da direita, o respeito que a direita tinha pelo homem, apesar de conhecer suas posições claras em defesa da saúde pública e em defesa do SUS. Outro momento interessante foi quando o Arouca articulou a aprovação da PEC que permitia a contratação de cientistas estrangeiros. Ele foi o primeiro parlamentar a ter uma PEC aprovada, muitas foram aprovadas, mas a esmagadora maioria era enviada pelo Poder Executivo. O primeiro parlamentar que teve uma PEC aprovada, de sua autoria, foi o Arouca. É importante ressaltar isso, porque no processo legislativo isso demanda um esforço, demanda uma articulação, uma aglutinação sobre-humana, não é fácil! Porque existe uma fila a se respeitar, existe toda costura política a ser feita. Então algumas conversas que o Arouca conduzia pra gente fazer com o Bresser Pereira, com a Cláudia Costin, com o então presidente do Senado Antônio Carlos Magalhães, todo um processo que você deve acompanhar ao longo desses contatos. E num assunto aparentemente simples, de interesse do país, o quanto de costura, o quanto de arremedo, o quanto de alinhavo precisou ser feito.

**Guilherme:** Por que o Arouca se interessou por esse tema?

**Fernando:** Nesse momento o mundo tinha uma... A questão da evasão de cérebros do Brasil era uma realidade de diversos documentos que ele recebia e de diversos contatos que ele tinha na academia. Havia muitos cientistas do Leste Europeu sendo procurados por universidades e por países do Ocidente. Então a partir de contato nesse campo, pra permitir que esses cientistas que estavam saindo do Leste Europeu pudessem vir para o Brasil, esse foi um fator que nos fez pensar que era necessário acelerar naquele momento, porque senão o Brasil perderia a oportunidade de ter esses quadros aqui. Além disso, um outro argumento do ponto de vista político era essa coisa do Arouca achar que as ciências não têm fronteiras, ele acreditava muito nessa coisa de que a ciência precisava ter um campo mais vasto, mais amplo. Então aquelas limitações que a Constituição nos punha era realmente uma coisa que poderia condenar o Brasil a um atraso tecnológico que ele achava que precisava se superar. Concretamente havia um interesse em permitir a vinda de cientistas. De forma ampla é isso, a crença que ele tinha de que a ciência não deveria ter barreiras.

Tem também ao longo da vida política dele algumas parcerias interessantes que foram feitas. Por exemplo, alguns políticos de direita tinham um grande respeito moral e intelectual pelo Arouca, e às vezes até procuravam querendo ajudar. Aliás, as dificuldades que Arouca sempre teve pra conduzir as campanhas políticas dele eram enormes, porque essas pessoas o procuravam e pediam ajuda várias vezes durante o mandato, mas na hora em que a onça ia beber água, nós passávamos uma dificuldade material tremenda. Sempre as campanhas foram feitas a partir de amigos, de um esforço individual muito grande de um grupo de abnegados que acreditavam na liderança do Arouca. Mas enfim, durante o mandato então alguns políticos que defendiam posições que nós considerávamos atrasadas no campo geral, em matéria de ciência e tecnologia e em matéria de saúde eles não faziam nada sem dar um telefonema, sem procurar Arouca. Eu perguntava: “você vai conversar com esse?” “Por que não?! Se a gente vai ajudar...” No gabinete eu me colocava um pouco no papel de chefe de gabinete, mas a minha especialidade da área de orçamento e finanças públicas, o Arouca era demandado... Eu me lembro quando o Fernando Henrique criou o Fundo Social de Emergência que nada mais era... A origem hoje, por exemplo, dessa questão da

desvinculação de orçamento começou lá atrás, nesse período, com esse Fundo Social de Emergência. E o Arouca foi um dos primeiros a bater duro nisso: “olha, estão tirando dinheiro da saúde por intermédio dessa (?) também”. Então um deputado do PMDB do Rio Grande do Sul: “Sérgio, você precisa nos ajudar a entender mais isso, por que...” Aí o Arouca dizia: “vai lá, Fernando, vai conversar sobre isso, não quero trabalhar com aquele povo lá!” Mas na realidade queria sim, independentemente do viés político de quem tivesse precisando, se ele achasse que a causa era justa, se ele achasse que poderia ajudar a expansão do SUS, da ciência e tecnologia, ele não colocava limites. Durante o mandato nós operávamos dessa forma mesmo, de forma não sectária, de forma aberta – como era a cabeça dele, como era o pensar dele. Essa é uma característica que ele fundia como homem, como cientista e como político: de nunca se colocar num gueto, de nunca se colocar apartado. Ao contrário: “vamos conversar, vamos abrir, vamos buscar articulação”.

**Guilherme:** Acho que tinha uma coisa de sensibilidade muito grande, que era bom e que era ruim também. Eu fiz o Mestrado e o Doutorado fora. Quando eu tava pra receber uma bolsa do CNPq, de doutorando, eu liguei pra ele pra perguntar se ele aceitaria que eu colocasse o nome dele como um daqueles que estariam indicando, ou chancelando, o encaminhamento da minha bolsa. Aí eu perguntei a ele: “como vão as coisas aí no Brasil?” E ele: “pô, esse é um dos dias mais tristes da vida do Brasil!” Por causa da morte do Senna. O Senna tinha morrido no dia anterior, e eu não sabia. Ele tinha essa coisa, sempre muito sensível.

**Fernando:** Nesse aspecto, ainda tem um pouco assim... O Arouca nunca foi alguém que era mexido ou afetado pela questão do simbolismo do cargo que ele ocupava. Tinha coisas interessantes... Quando nós tínhamos alguma audiência no Ministério (eu o “enquadrado”), nós chegávamos no Ministério, ele como parlamentar ia passando, e eu parava pra me identificar: “pára com isso, vem comigo aqui!” Tinha essa coisa de achar que determinadas normas não faziam muito sentido, quer dizer, se ele estava liberado pra passar, porque o assessor dele não poderia passar com ele? Eu dizia: “cara, mas não tem problema não!” “Não, de forma alguma, deixa isso...” Talvez alguns não se importassem: “bom, se a regra está aberta pra mim, eu vou em frente, depois eu volto aí”. Mas não! Ele tinha essa coisa da fraternidade, da igualdade como consciência, como prática. Então é nessas pequenas coisas que você pode perceber e revelar. A impulsividade dele também... Tinha aquele jeito suave, mas algumas vezes que ele chegava e nossos amigos do Ministério da Saúde nos levavam alguns depoimentos sobre algumas questões que estavam acontecendo na pasta, por diversos ministros... A indignação dele, de bater na mesa: “isso não pode acontecer, eu vou ligar pra esse ministro agora!” E tinha que dar uma segurada no Arouca, porque senão naquele momento (momento da explosão) ele deixava esse afeto, esse sentimento dele aflorar de uma tal que... “Calma, rapaz, calma, vamos pensar melhor isso.” Eram poucos momentos assim, mas quando vinham, nesse momento a emoção vinha muito forte. A relação dele com o presidente Fernando Henrique Cardoso, de muito respeito, com o senador Antônio Carlos Magalhães, com o Luís Eduardo Magalhães... Por exemplo, Arouca líder do PPS com o Luís Eduardo presidente da Câmara. Na reunião de líderes era interessante como alguns partidos de esquerda só falavam depois que Arouca falava. Nós comentávamos sobre isso. Havia um determinado parlamentar, e eu: “Arouca, observe como quase nunca esse parlamentar se manifesta antes de você.” Ele: “será que é isso mesmo?” “Vamos fazer um teste? Quando for a sua vez de falar você pede alteração na ordem da fila.” Aí não deu outra: na hora que o Arouca pediu pra falar

depois, essa figura que nós tínhamos percebido isso também pediu pra falar depois do Arouca. Uma figura, uma pessoa também de importância, de relevância na saúde pública, mas foi uma coisa que nos chamou muita atenção. Ele era guia até não assumido, essas pessoas até não assumiam, mas a forma como Arouca se comportava, se pronunciava, dava o tom pra outras lideranças da área, outros parlamentares também que aparecem para o grande público com influência na saúde pública também. Quem vivia isso por dentro podia enxergar esses detalhes muito interessantes. Os mandatos de Arouca podem ser decodificados como um longo processo contínuo. Na realidade, Arouca era um soldado da causa, nunca se colocou como general de nada. Nunca brigou pra ser a estrela do processo, nem nada. Algumas articulações que se faziam na Câmara, em que outros até brigavam pra estar em determinadas comissões, eu dizia: “rapaz, vamos nós pra cima disso!” E ele dizia: “não, deixa aí como tá, as coisas vão se acomodar naturalmente. Tinha momentos importantes do mandato, que a História vai lembrar certamente, era ele: ele como relator da Lei do Sangue, ele como relator e autor da PEC da contratação de estrangeiros. Mas o mandato dele se notabilizava muito mais pela formação de idéias, pela produção. Aliás (é importantíssimo destacar), existe no Congresso Nacional o DIAP, Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. Anualmente o DIAP faz o levantamento dos 100 parlamentares mais influentes do Congresso Nacional – influentes no sentido de formadores de opinião, de condução de processos. E durante *todo* o mandato de Arouca ele sempre esteve entre os 100 mais do Congresso Nacional (deputados e senadores, estamos falando de aproximadamente 600 pessoas). E olha que nós estamos falando de um parlamentar de um partido pequeno, com pouco tempo de exposição. E essas coisas terminam dando outra dimensão. Quando você é de um grande partido, tem espaços políticos de operação que num partido pequeno não é fácil.

Também durante seu mandato, eu acho fundamental ilustrar algumas dificuldades que o Arouca viveu na política local lá do Rio de Janeiro. A experiência que ele viveu, tanto no processo das campanhas presidenciais do Ciro Gomes... Foram experiências complicadas pra nós do partido...

#### *Fita 1 – Lado B*

**Fernando:** ... Nisso nós tínhamos muitos problemas, e o Arouca quase sempre se colocava de novo também maior do que isso, ele dizia: “bem, se eu tenho que pagar esse ônus...” E a frase era essa. Eu acho que pelo partido o Arouca pagou muitos ônus, o Arouca assumiu muitas coisas. Isso a história política do nosso partido precisa evidenciar porque, dada a característica dele, talvez todas as luzes fossem colocadas sobre o Arouca. Também nunca disputou, ele não buscou. Nós falamos que tem parlamentares que ficam na dúvida, se abriu a porta da geladeira ou ligou a câmera de televisão, de ambos ele aparece na frente. Pra Arouca isso era indiferente. Não era ao ver a luz que ele se aproximava, ao contrário, a luz ia até ele, porque era importante ouvi-lo. Nesse campo mesmo dele como uma liderança política no nosso partido durante o mandato, tivemos esses problemas aí com relação às campanhas presidenciais, e ao mesmo tempo como ele era uma fortaleza pra que as pessoas acreditassem que o partido não estava perdendo o rumo, essas duas campanhas presidenciais de Ciro foram muito complicadas pessoalmente pro Arouca. Complicadas porque essa interface entre a comunidade científica e a campanha de Ciro era uma coisa que passava muito pelo Arouca. Quase nunca, nas duas oportunidades, a coordenação nacional de campanha deu a relevância que Arouca merecia, que alguém como ele deveria receber. Ele nunca externou isso publicamente mas sei o quanto pra ele isso foi sofrido e o quanto... Mais

uma daquelas causas que ele abraçou por dever de ofício e por ter consciência de que era importante para o partido, que ele estava fazendo algo que era importante. Aliás, era uma característica importante do Arouca: ao abraçar uma causa, ele só a abraçava se tinha tesão pra fazer isso. Se não tinha...

**Fabricio:** Mas Antunes, ele expressava assim pessoalmente alguma insatisfação com os rumos do PPS nos anos 90, o caminho que o partido ia seguindo?

**Fernando:** Com relação à nossa política interna no PPS, a relação quase fraterna do Arouca com o Roberto Freire fazia com que o Arouca disputasse internamente as posições, e aquelas posições que eventualmente ele não ganhasse, ele era disciplinado o suficiente pra tocar. Em relação ao partido, não havia grande desconforto. Ao contrário! No período em que ele ficou sem mandato, por umas questões aí, muitos amigos nossos diziam: “bem, Sérgio, é hora de ir pro PT.” E ele dizia claramente: “não, meu lugar é aqui.” Em relação ao campo partidário, isso aí nunca gerou grandes incômodos. Nós temos sim, no que diz respeito a algumas disputas internas, mas que ele encarava como alguma coisa natural, alguma coisa do processo. O nosso gabinete, a assessoria de Arouca sempre se colocou perante o partido como ele nos orientava: de forma aberta, sem estimular disputas internas, sempre tentar fazer aglutinações.

**Guilherme:** A impressão que eu tenho nesse aspecto é que, se ele se deixasse levar por essa influência, ele resolvia em grande parte um problema dele, mas não da questão que estava colocada na cabeça dele. Se ele tivesse ido pro PT, talvez ele hoje fosse ministro.

**Fernando:** Essa constatação que você faz é uma constatação de quem conhece o cenário, de quem conhece a política, e talvez fosse o caminho mais fácil a ser seguido. Mas ele não era desse tipo de personalidade que necessariamente seguia o caminho mais fácil. Ao contrário, ele sempre buscou um segundo caminho que ele julgava o mais adequado, correto, por mais difícil que fosse e por mais espinhoso que fosse. A questão do mandato de Arouca... Ele não separava alguns altos e baixos de sua vida pessoal, altos e baixos na vida partidária. Nós percebíamos claramente, quase sempre, a sua força interior, no esforço que ele fazia sempre pra que tudo tivesse um certo equilíbrio. Nem sempre é possível, a vida não nos permitia estar sempre em equilíbrio. Nesse momento, certa vez um jornalista falou que o Arouca não tinha amigos nem assessores, tinha cúmplices na realidade. Porque o estado de rebeldia... rebeldia no sentido amplo da palavra, estado de...

**Guilherme:** Alucinação! “Tem que alucinar...”

**Fernando:** Exatamente! De vez em quando a gente costumava dizer pra ele: “mas você se excedeu, chutou a bola forte demais!” E ele: “calma que a gente vai dar um jeito.” Aí os jornalistas corriam: “o Sérgio fez isso, o Sérgio disse aquilo”. Por exemplo, alguns votos que o nosso partido deu durante as votações das reformas constitucionais do Fernando Henrique, nós fomos muito cobrados por alguns votos. A questão principalmente do funcionalismo público, que houve alguns sindicatos do Rio de Janeiro colocando o nome de Arouca em *outdoor*... Por mais que nós tentássemos mostrar a coerência do Arouca no processo, ele nunca se assustou muito. Dizia: “voto com a minha consciência, diferentemente de outros parlamentares que votam por interesses de A, B ou C.” Se o que nós estávamos votando era alguma causa de interesse ou não de Fernando Henrique, o Arouca sempre votou pautado... muitas vezes até

contrário à orientação de sua assessoria! Discutíamos, debatíamos, e ele: “o.k., já ouvi, vou pensar.” E quase sempre nós tínhamos certeza que o voto dele era muito refletido, portanto não havia como tentar enquadrá-lo. Não era característica do nosso partido, nem era uma característica do nosso “fazer política”.

**Guilherme:** Parece que nesse episódio aí da questão do funcionalismo tese um peso importante. O fato do voto dele ter sido o que deu o número  $x$  de votos. Ou não, não é bem assim?

**Fernando:** Existe uma discussão em torno desse ponto particular, porque aqueles segmentos que cobravam do Arouca nesse tipo de situação (do voto dele ter sido determinante) é muito menos pelo voto em si do que pelo simbolismo do Arouca ter votado naquilo e, portanto, podendo ter induzido outros votos a isso. Mas nunca ouvi dele uma expressão – que ele dizia que poderia rever algumas posições era verdade, porque ele nunca se colocou como o dono da verdade –, mas nessas questões capitais ele sempre disse: “fizemos a coisa certa naquele momento. Era o que precisava ser feito.” Como, por exemplo, no tema específico (que os sindicatos acusavam o Arouca) da questão da estabilidade, a flexibilização da estabilidade do servidor público, com o passar dos anos alguns sindicatos fizeram questão de fazer uma retratação, uma homenagem ao Arouca. No Rio de Janeiro, lá na sede da ABI, foi feita uma reunião em que vários sindicatos resolveram homenageá-lo. E aquilo realmente tocou muito o Arouca. Ele dizia: “veja como é bom a gente poder ver isso acontecer num curto espaço de tempo, ver que alguns que me acusavam tiveram a grandeza de admitir publicamente que”... Não é dizer que está certo ou errado, mas reconhecer que tinha ali um grande político, um grande valor humano e, portanto, aquela homenagem precisava ser feita. Isso eu sei que tocou muito o Arouca. Realmente trabalhar com o Arouca na assessoria dele era algo que... rotineiro não era, enfadonho não era. Ao contrário, era desafiador, porque o grande pensador que ele era te provocava o tempo todo: “e aí, não tem nada pra dizer a respeito disso?” Tem outra coisa curiosa: nós éramos os assessores, o grupo de Brasília. O Arouca (como é a prática do nosso Congresso Nacional) às sextas-feiras ele já ia participar de bancas de tese em universidades, ia ter contato com a academia, então ele ficava às sextas-feiras e aos sábados fazendo as articulações e os contatos no Rio de Janeiro. E quase sempre ele dizia: “isso aí em algum momento vai criar problema”, porque ele dizia que a assessoria de Brasília era mais oposição ao governo, enquanto a do Rio próximo do pensamento daquele governo da época, o tucano. Ele dizia: “bom, agora eu vou assumir meu lado oposição, cheguei!” “O problema é quando você vai pro Rio e assume o seu lado tucano, não é?” Mas era isso: ele era a média. Nunca fez a oposição pela oposição, nem foi governista por adesão. Era cada ponto, cada idéia, vamos discutir, vamos debater qual a importância disso no contexto da política nacional, da política do Congresso Nacional como estava sendo tocada. Ele sabia, conhecia as regras do jogo, e muitas vezes as regras do jogo deixavam o Arouca triste, porque na realidade, com o nosso tamanho de partido pequeno, ele não tinha peso específico pra mudar as regras. Mas mesmo assim, sabendo que nós íamos perder, era importante ir à tribuna e defender as posições, e ele o fazia. Mesmo que determinada tese, que pra nós era cara, naquele momento ela estaria de certa forma sendo alterada, desvirtuada, nós achávamos que por menor que fosse o avanço era importante avançar. Em poucas questões o Arouca era inflexível. Na questão do SUS, na questão do alargamento, da inclusão pelo SUS aí sim não tinha papo, não tinha conversa, não tinha acordo. Era transformar o SUS, fazer o SUS voltar a ser aquele projeto da Constituinte – que ao longo do tempo foi se desvirtuando. Ele chegou a articular algumas reuniões

com algumas pessoas pra que pudesse ser recuperado, ele achava que, seja via ABRASCO... Em alguns núcleos de estudo importantes ele tinha isso como uma referência: a necessidade de retomar o SUS na essência. E nisso não tinha acordo com qualquer instância no que diz respeito a “vamos flexibilizar alguns conceitos...” “Não, não, não! Não tem papo!” [pausa] Pela edição de vocês, tem algum ponto que vocês queriam que eu destacasse mais?

**Guilherme:** Não, você já tá colocando coisas que só você sabe. Porque, principalmente pra quem ficou de fora... Foram coisas que eu mesmo sugeri ao Arouca, mas ele não topou. Acho que faltou um contato maior dele com o eleitorado dele. Como ele tinha muito acesso à mídia, ele acabou veiculando as idéias dele muito mais por intermédio da imprensa do que por uma forma muito mais próxima dele. E principalmente quando essas questões mais candentes foram colocadas, e ele se posicionou como você está colocando, ele foi progressivamente perdendo o espaço dele. Além do que, pouca gente acompanhou de fato (pelo menos os mais próximos a ele) a passagem do PCB pro PPS – não ficou entendendo, vamos dizer, o *modus vivendi* da coisa, quem é que fazia, o que não acontecia no partido. Mas eu quero perguntar uma coisa: como você avalia a tentativa do terceiro mandato do Arouca, e ele não ter conseguido. O que pesou mais aí?

**Fernando:** Antes de entrar nesse ponto, eu queria fazer alguns comentários sobre esse cenário... [pausa] O Arouca tinha uma profunda identidade com a FIOCRUZ. Então quando ele falava: “bem, é o homem da FIOCRUZ falando...” A FIOCRUZ, como uma instituição de saber, ela não era monoliticamente Arouca. No campo da FIOCRUZ você tinha bastante... Como é em todo órgão, não é uma característica daquela casa. Então era interessante, porque ele era visto externamente como o homem da FIOCRUZ, e internamente, talvez no primeiro mandato tenha sido, mas depois outras forças políticas foram ganhando corpo dentro da FIOCRUZ. Os aliados fiéis nunca abandonaram o Arouca, mas aquele *campus* todo nunca foi 100% Arouca. Tinham grande admiração, respeito, mas quando a gente fala em eleição e em voto aquele *campus* ali tinha uma divisão. Bem, na forma de fazer política entra um pouco isso aí que você registra. Não foi opção de Arouca qualquer distanciamento. Ao contrário, nós tínhamos um gabinete com a orientação de reforçar a agenda local, reforçar uma agenda de contato, na qual o Arouca pudesse estar próximo à sua base. A grande questão (uma conversa dele com o Gabeira) era como é que a política eleitoral estava se conduzindo. O Arouca (tal qual o Gabeira e outros) não era um político votado por corporações. O Arouca disputava um voto de opinião. Então à medida que o eleitorado vai se direcionando pra determinados segmentos e buscando atender... Aliás, estávamos fazendo campanha na Ilha do Governador, fazendo panfletagem, e um determinado eleitor abordou o Arouca dizendo: “ah, eu conheço o senhor, gosto muito do senhor, vou votar”. Falou efusivamente. Aí quando a gente foi dizer: “bem, tá aqui a proposta de Arouca, contamos com o seu voto.” Ele falou: “tô precisando de mil telhas.” Aí o Arouca ouviu [risos], se virou: “olha, o seu voto eu quero, mas as suas telhas você não vai ganhar.” Assim! “Mas Arouca, você podia ter ficado calado...” “Não, mas eu acho que é pedagógico.” Talvez se ele tivesse ficado calado, aquele eleitor talvez até fosse pensar um pouco mais se votaria nele ou não. Mas a resposta que o Arouca deu pra ele de forma tão sincera, tão aberta... O cara se assustou, ficou assim meio sem graça: “tá bom”. E saiu rapidamente. E esse fato... Eu sou nordestino, lá de Natal, a gente fala que o nosso Nordeste é uma terra em que o pedinte... Tem até uma música do Luiz Gonzaga, em que a questão da troca de votos... ele fala que o ser humano acaba ficando de certa forma mal acostumado. E no imaginário fica que isso é um fenômeno muito nordestino. Mas

quando eu vi isso em plena Ilha do Governador no Rio de Janeiro, eu falei: “caramba, como eu sou bobo!” [risos] Isso é um fenômeno que não tem geografia que explique. Na realidade a carência da sociedade brasileira e essa coisa toda da tentativa de fazer esse tipo de troca são coisas lamentáveis. Com isso o Arouca nunca compactuou. Nunca compactuou nem nessa questão menor, individual, que eu estou dizendo, nem na pressão dos sindicatos. O Arouca sempre foi um homem muito procurado por lideranças de categorias, de trabalhadores, de segmentos organizados, enfim, aqueles setores que acompanham política, sabem quem forma opinião. E nesse sentido o Arouca nunca foi de fazer troca. Ele recebia, ouvia, e dizia: “tá bom, vou ajudar.” Ou: “não posso ajudar nesse aspecto.” Então esse jeito dele agir, esse jeito dele se comportar, a franqueza ao conduzir as coisas, talvez explique um pouco... Quando a gente falava do afastamento dele na relação com o eleitor, essas coisas todas... Certa vez uma enfermeira do Sindicato de Enfermagem disse pro Arouca (numa conversa): “Arouca, você hoje virou um ícone” (a expressão que ela usou), “você não é mais um personagem da política”. Portanto esse distanciamento. Por quê? O Arouca era um parlamentar do Rio de Janeiro, mas era demandado por sua agenda nacionalmente. Recebia demandas de sindicatos dos médicos do Amazonas, da Paraíba, e esses estados não podiam votar em Arouca, o Arouca era votado no Rio de Janeiro. Nós precisávamos fazer uma composição de agenda porque a causa maior do Arouca era uma causa nacional: o interesse pela saúde pública e pela ciência e tecnologia. Como compatibilizar isso: ele ser uma figura de natureza nacional, com aquela realidade do político local, que precisava (e ele fazia) estar no interior do Rio de Janeiro, precisava estar em articulação permanente com os movimentos sociais da cidade do Rio de Janeiro. E esse dado é interessante, porque durante toda a vida de Arouca como parlamentar, os mata-mosquitos da cidade sempre tiveram no Arouca um aliado muito próximo! Tá um movimento social que se manteve próximo do Arouca durante todo o período, quer dizer, uma fidelidade que não foi comprada, uma fidelidade que foi conquistada de lado a lado. O Arouca julgava a causa justa, e eles reconheciam e entendiam o esforço que Arouca fazia no sentido de defesa daquela ação. Agora, outros sindicatos não. Então a partir do momento em que esses sindicatos que formavam opinião, que tem uma mídia (nós nunca conseguimos ter grande espaço nos “jornalões”), então a mídia sindical no momento em que soltava uma palavra não confortável ou não positiva sobre o Arouca de vez em quando formava opinião naqueles menos avisados. Agora, no que diz respeito à não reeleição de Arouca, na nossa avaliação posterior, alguns fatores determinaram. O Rio de Janeiro é uma cidade que se caracteriza por uma independência muito grande, ao mesmo tempo a força do PT naquele momento era muito grande. Então a aliança PT, PC do B, com parlamentares disputando na mesma região – aquela região da Zona Sul do Rio de Janeiro. Ali o Arouca sempre foi muito bem votado, era um grupo onde você tinha o eleitorado de opinião sendo disputado por Jandira Feghali, Fernando Gabeira, Miro Teixeira, Sérgio Arouca, e outros. Quer dizer, então era um eleitorado que se dividia bastante. O Arouca nunca foi também de ter um trabalho nas regiões mais afastadas, nos bolsões da Região Metropolitana. Quantitativamente o Arouca sempre foi muito bem votado, afinal de contas quem participa do processo eleitoral sabe o quanto é difícil conquistar um voto. O problema é que no processo eleitoral brasileiro não basta isso. Então as alianças que o nosso partido fez, as opções que o nosso partido fez, eu também credito a isso a não reeleição de Arouca pro novo mandato. Sendo bastante sincero eu acho que sim, algumas condutas de Arouca foram malvistas por determinados segmentos organizados da sociedade no campo dos trabalhadores, como também o espectro político no qual o nosso partido se situou fez com que alguns eleitores de Arouca dissessem: “não, eu não voto por conta dessa transição.” Isso existe no nosso

campo, é um campo de opinião muito consolidada. Portanto, eu creditaria a essas duas circunstâncias essa situação do Arouca não ter sido eleito para o terceiro mandato. Aqueles companheiros do PT e da CUT nunca perdoaram o Arouca, porque ele tinha uma visão de que uma parte da lentidão do processo de implantação do SUS era atribuída à classe trabalhadora, principalmente em relação à Central Única dos Trabalhadores. Porque predominantemente em todos os acordos que a CUT firmava, uma das cláusulas de exigência era que houvesse plano de saúde para os trabalhadores. Ele dizia: “como é que pode efetivamente uma central dos trabalhadores ficar exigindo a expansão dos planos de saúde?” Ele fazia isso com uma análise muito apurada! Os companheiros da CUT evidentemente não gostavam desse tipo de cobrança, mas é claro que era isso, era real, estava ali! O Arouca pagou muito por essas clarezas dele e por essas coragens dele em afirmar essas coisas.

Com o fato dele não ter mandato ele também não caía no ocaso. Temos aqui já vivência suficiente pra saber que são coisas distintas. O mandato lhe confere determinadas oportunidades que não estando com mandato se restringem um pouco mais. Eu posso dizer que a minha experiência com Arouca me fez ser assessor dele com mandato e sem mandato! Então, mesmo ele não estando à frente de um mandato, nós construímos uma relação na qual eu continuava o chefe de gabinete do Arouca mesmo sem ele ter mandato. E a agenda de Arouca sempre foi muito disputada. As pessoas ligavam pedindo pra que nós organizássemos coisas, colocássemos o Arouca em determinadas circunstâncias. Agora, o mandato em si, essa forma como o mandato é exercido, aquela coisa de fazer o avião de táxi, uma ponte aérea, aquilo fazia o Arouca... O Arouca sempre gostava daquela questão de ver as filhas crescendo, estar perto das filhas, e aquela obrigação de estar em Brasília, especialmente naqueles momentos em que nós voltávamos do Rio, deixava o Arouca um pouco doído. Ele dizia: “por que tem que ser assim?” Ele nunca teve dúvidas de que precisava caminhar, mas ele refletia muito sobre sua vida privada. Ou seja, estando em Brasília de terça à quinta-feira, ele nunca foi dado a essas badalações de festa (que aqui tem aos montes), de reunir parlamentares em determinados restaurantes. Ao contrário, ele sempre dizia: “a gente não consegue um lugarzinho pra gente comer uma boa comida?” Ele era um *gourmet* assumido. Ele preferia estar em um pequeno restaurante, bem acompanhado, pra uma conversa mais interessante, do que estar numa grande festa com outros parlamentares, quando o que você faz ali não era muito o que ele queria fazer, não era nada do que ele queria fazer! Então esse era o Arouca. Durante o mandato dele, o Luís Eduardo Magalhães... Costumam dizer que a morte transforma as pessoas em gente boa, mas eu quero dizer aqui, por ter acompanhado o Arouca nas negociações, que a posição de Arouca gerava um respeito impressionante com o Luís Eduardo! O Arouca como líder de um pequeno partido muitas vezes era fiador de acordos entre outros partidos muitos maiores. O Luís Eduardo dizia: “Sérgio, conto com você.” São coisas assim que no mundo da política às vezes quem não está perto não acredita que aconteça, mas acontecia – o líder de um partido com menos de 1% de representação na Câmara, mas com um peso proporcional  $n$  vezes maior que a sua bancada. Não apenas o Arouca, o PPS naquele momento de transição... Claro, o Roberto Freire dispensa comentários aqui, nós tivemos também o Augusto Carvalho de Brasília, mas enfim, cada um com a sua personalidade. O Roberto com aquele jeito firme, forte, às vezes até muito impulsivo no fazer, mas um grande pensador, um grande estadista brasileiro. O Augusto Carvalho, (aqui em Brasília nós dizemos), o nosso “mineirinho”, vai cozinhando pelas beiradas... O Arouca, um pensador, que muitas vezes precisava compor, precisava buscar um quorum... Quantas vezes o nosso partido votava 50% pra um lado e 50% pro outro? Tínhamos dois, cada um tinha uma opinião e não tinha essa de enquadrar

ninguém não! Aqui no nosso partido é mais ou menos... É livre pensar ou, como diria Millôr Fernandes, “livre pensar é só pensar”. Livre fazer é só fazer, e no nosso partido livre votar é só votar. Conversamos sim, mas ao mesmo tempo vamos respeitar o que a gente tem de bom, que é a nossa qualidade no pensar, a nossa profunda reflexão. E posso dizer que aprendi muito com isso, aprendi muito mesmo! O Arouca dizia pras pessoas – o Zé Carlos pode dizer isso, é o irmão de Arouca...

*Fita 2 – Lado A (início da fita que contém o depoimento de Márgara Cunha)*

**Fernando:** Com a morte dele eu perdi um irmão [pausa e choro].

Tem outras coisas que eu não contei aqui porque não vem ao caso. A relação dele com o Antônio Carlos Magalhães era uma das coisas mais curiosas que tinha. O Antônio Carlos precisando de alguma coisa, dizia pro Arouca se ele podia ser o costurador das coisas. Não sei se na biografia dele deve ficar relatado isso, mas cada coisa que o Antônio Carlos Magalhães precisava... Tinha três figuras que tinham uma... Jandira Feghali, Roberto Jefferson e Antônio Carlos Magalhães. Três figuras interessantes, eu acho pitoresco, mas eu acho que não ajudariam. Em outras circunstâncias talvez.

## ***Depoimento de Márgara Cunha (Brasília - 19.05.2005)***

**Assuntos abordados:** participação com Arouca da elaboração do programa de governo de Ciro Gomes na área da saúde (2002); participação decisiva de Arouca na decisão do PPS pela participação no Governo Lula; articulações para a nomeação de Arouca como ministro da Saúde; Secretaria de Gestão Participativa e XII Conferência Nacional de Saúde como elementos da “reforma da reforma sanitária”, e frustração de seus objetivos com a morte de Arouca; problemas de Arouca com Ciro; relações pessoais da entrevistada com Arouca.

*Fita 1 – Lado A*

[Guilherme apresenta em linhas gerais o Projeto Memória Sérgio Arouca para Márgara]

**Márgara:** Sou Márgara, sou dirigente nacional do PPS, e conheci o Arouca justamente nesse momento. Eu vivia em São Paulo, era dirigente de São Paulo, então a minha relação com Arouca era mais distante – um pouco de militante que admirava os seus líderes. Eu estava em São Paulo, Arouca e Roberto Freire eram os expoentes nacionais do partido, e sempre foram uma referência muito grande pro conjunto do partido, pro conjunto da sua militância. Então a minha primeira oportunidade com o Arouca foi essa, no partido, nos encontros, nos congressos, nas reuniões, de vez em quando – sempre percebendo que o discurso de Arouca fazia diferença no conjunto da reunião, a sua manifestação demarcava um campo, posições, muitas vezes inclusive fazendo com que as pessoas mudassem as suas opiniões. Justamente pela sua liderança, pelo seu carisma. Conheci Arouca então dessa forma, nesse momento. Eu vim pra Brasília por um convite do Ministério da Saúde, e pude me aproximar ainda mais de Arouca no processo eleitoral de Ciro, na última campanha para presidente, quando o Arouca (pelo partido muito mais que pela própria movimentação política da campanha) fica responsável pela elaboração do programa de governo na área da saúde e da ciência e tecnologia, do Ciro Gomes. [interrupção por problemas técnicos]

Então nesse processo de montagem do programa de Ciro... Não só eu como várias pessoas do partido atuavam dentro do Ministério – de forma desorganizada, pela sua liderança própria, pessoal, nunca estivemos dentro do Ministério organizadas como um bloco do PPS, pela reivindicação do próprio partido, mas por méritos pessoais de cada um. Esse conjunto de pessoas começa a se aglutinar em torno desse projeto de construção da política de governo para Ciro, capitaneada por Arouca. Na reforma sanitária, na política sanitária era uma liderança inquestionável e eu acho que deixou um grande vácuo na sua partida. Não vejo hoje um líder à altura dele, que consiga aglutinar os pensamentos, as idéias, as ações como ele fazia. Então naquele momento, o que facilitou um pouco a nossa aproximação foi a minha militância partidária, o fato de eu estar em Brasília e o Arouca no Rio, então eu fazia um pouco a ponte aqui em Brasília, dentro do Ministério, contatando as pessoas, pra que a gente pudesse então tocar esse projeto. Fizemos uma reunião no Rio de Janeiro liderada por Arouca com vários companheiros do Ministério, da Unicamp, que puderam estar presentes pra gente discutir (com o Ciro presente) algumas questões da área da saúde, o que era necessário...

**Guilherme:** Em Santa Teresa?

**Márgara:** Em Santa Teresa, naquela oportunidade. Então a partir dali foi se intensificando nossa proximidade. Nós realizamos logo depois da eleição... Um momento que eu acho importante da liderança de Arouca foi a reunião do Diretório que definiu pela participação no Governo Lula, o Arouca teve uma participação e uma fala importante. Algumas lideranças defendiam no processo mais independência, e o Arouca naquele momento, com toda a sua forma enfática de abraçar as causas, coloca a importância de nós estarmos integrando o governo, fazendo parte efetivamente desse governo que era um governo de esperança, que há tanto tempo se esperava que a esquerda pudesse ter essa oportunidade, e que um partido com toda a responsabilidade, que sempre marcou na forma de agir, de atuar, de forma responsável, sempre colocando os interesses da nação acima dos interesses conjunturais do próprio partido. Então era fundamental que o partido aproveitasse essa oportunidade e fizesse parte do governo – e ele virou literalmente a reunião. A sua fala que teve muito impacto! Estava ele, eu e Lúcia na primeira fila, foi numa sala lá da Câmara dos Deputados, e ele literalmente virou a posição da reunião que naquele momento tendia muito mais para uma posição de independência, de apoio crítico (era a expressão usada). Isso é um pouco pra demonstrar o carisma de uma pessoa que por outro lado é de uma generosidade sem tamanho. Quando você [Guilherme] fala dos três aspectos de Arouca, eu fiquei pensando que eu talvez não tenha muito a dizer do aspecto do seu mandato, eu não tive a oportunidade de compartilhar com ele dessa experiência (como outras pessoas tiveram), foi sempre acompanhando de longe. Agora, é uma pessoa extremamente generosa, uma pessoa que nós podemos dizer que é do bem. E “é” porque eu acho que ele continua existindo. Então ele é assim, foi assim enquanto esteve aqui conosco, e tenho certeza onde ele está, ele continua ampliando, aumentando essa sua carga de generosidade, de fraternidade na forma de lidar com as pessoas. E esse processo de aproximação com ele é até um exemplo disso. Quem era Márgara nesse processo? Eu não sou sanitária, embora tenha formação na área de saúde, não sou sanitária. Estava no Ministério da Saúde a convite de um outro partido, inclusive por relações pessoais que eu tinha. E, de repente, no pós-eleição, oriundo desse processo de montagem do programa de Ciro, nós organizamos o encontro nacional de pessoas, de militantes, companheiros e companheiras da área da saúde do PPS. E de pessoas próximas, muitas que se afastaram, foram do Partidão e deixaram no processo de transformação de um para outro acabaram se afastando do partido. Nesse momento, por conta da questão da saúde pública (que era o “partido da saúde pública” que as pessoas costumam brincar), fizemos um grande encontro, também na Câmara, pra discutir exatamente o nosso posicionamento em relação a esse novo momento político que o país atravessava, a importância do governo que acabava de ser eleito, como é que nós poderíamos contribuir na área da saúde, inclusive propostas, encaminhamentos. E nesse meio tempo, já estava também em andamento uma articulação um movimento para a vinda do Arouca para o Ministério em alguma situação. Ele participou do governo de transição que foi criado, o ministro Humberto Costa na época era o responsável pela área social (ainda não era ministro), e o Arouca era uma das pessoas que integravam essa comissão pelo partido, indicação do partido pra compor essa comissão de transição. Eu pude acompanhar algumas reuniões nas quais o Arouca não pôde estar presente e me pediu para que eu o substituísse, para que o partido não ficasse ausente desse espaço. E começaram então as conversas de o que nós poderíamos... Tinha muita especulação naquela época em torno de quem seria o ministro da Saúde, como nós nos comportaríamos. E logo que o Humberto é anunciado como ministro, o convida para fazer parte da sua equipe, em alguma circunstância, em alguma situação, naquele momento ele faria parte da equipe. E nós, por nossa vez então, eu e outros

companheiros que sempre estiveram com o Arouca (o Fernando, o próprio deputado Colbert Martins que também é médico, você Guilherme), nós nos reunimos algumas vezes lá no Ministério pra discutir como se daria essa participação do Arouca. No primeiro momento, acho que a intenção do ministro era dar uma assessoria especial para Arouca, mas nós achávamos que não caberia. Uma pessoa que tem todo o perfil, todas as condições (e aqui eu me permito fazer, porque eu não tenho compromisso com ninguém), muito mais gabarito e condições pra ser o ministro da Saúde do que o Humberto Costa, não tenho nenhuma dúvida, nenhuma dúvida! O Humberto foi ministro por um acaso (embora eu não acredite em acasos), uma circunstância, uma contingência da política. Então não caberia a Arouca – por mais que ele seja uma pessoa extremamente humilde. Arouca tinha um desprendimento dessa coisa de cargos, de funções, a missão dele era ser um político da área da saúde, um pesquisador da área da saúde pública. Essa era a missão de Arouca. E pra ser esse pesquisador em alguns momentos ele teve que ser deputado, que ser secretário de Saúde, e alguns outros cargos. Então todo esse conjunto de pessoas que estavam com ele discutindo fomos contra que ele aceitasse simplesmente uma assessoria especial. Decidimos batalhar por uma coisa com um pouco mais de peso, que tivesse uma certa influência maior – e foi aí que Arouca teve uma grande sacada (como grande pensador e formulador que ele era, que ele é) de criar uma Secretaria de Gestão Participativa. Que pudesse estar pensando e repensando toda essa questão da participação popular dentro do sistema de saúde como um todo no país. Quer dizer, nós já tínhamos... em 88 o Arouca já tinha tido aquela grande vitória, desde a VIII Conferência aliás (que ele presidiu), colocando a questão dos conselhos, toda a participação popular, como uma composição dentro do SUS. Mas eu acho que neste momento a intenção de Arouca era qual? Era o repensar disso. É um modelo que eu acho que está meio exaurido, tem uma exaustão na sua formatação, os conselhos acabam sendo instrumentalizados pelos governos locais, pelas disputas partidárias, etc. A criação dessa Secretaria, dentro da concepção de Arouca, seria uma coisa mesmo pra revolucionar esse processo. E a própria antecipação da XII Conferência foi uma proposta dele, levada ao ministro, aceita pelo ministro, e infelizmente pelas circunstâncias nós não pudemos contar com ele na condução de todo esse processo da construção da XII Conferência – o que inegavelmente foi uma perda. Embora as pessoas não sejam insubstituíveis, pelo distanciamento que eu percebo (inclusive porque sempre vi mais de fora esse processo) da liderança de Arouca para o conjunto da militância na área da saúde, era uma proposta que estava na cabeça dele, que ele teve pouco tempo pra conseguir externar isso pra um conjunto maior de pessoas. Porque embora o ministro tenha encampado a proposta, tenha passado pelo Conselho Nacional de Saúde e tudo o mais, isso já veio se dar muito próximo do adocimento de Arouca. Então a participação dele poderia ter sido mais decisiva, enfática, na formulação das teses, em toda a formatação da conferência, e infelizmente nós não o tivemos. Eu avalio que a conferência se perdeu um pouco, ela se distanciou desse objetivo, acabou sendo apenas mais uma conferência de saúde como tantas outras que aconteceram ao longo desses anos todos. Mas teria tudo pra ser um marco, como foi a VIII, se Arouca tivesse podido liderar esse processo até o fim – eu não tenho nenhuma dúvida disso. E a própria Secretaria! Na própria criação da Secretaria, ele participou da formulação dos conceitos, do perfil, das atribuições da Secretaria – com outras atribuições que ele tinha também, porque naquele momento ele também viajou bastante representando o Ministério por outras delegações que o ministro o incumbiu, outras tarefas. E logo depois o próprio agravamento de seu estado de saúde acabou fazendo com que a própria Secretaria nascesse, mas acabasse se desenvolvendo muito descolada da sua presença. E acho que ela também acabou se perdendo nesse processo, porque aí

entra naquele “rame rame” de dentro do Ministério, do que é a briga política por espaço, por cargo, por poder, por quem é que pode e quem é que não pode... E o PPS... É claro que uma Secretaria na Esplanada tem um poder muito grande, ela tem quase um *status* de ministro – se a pessoa que a ocupa tiver condições para isso. Então uma coisa era essa Secretaria com Arouca, do PPS com a figura de Arouca; outra coisa é com qualquer outro nome, com qualquer outra pessoa que pudesse estar ali à frente desse trabalho. E num processo muito mais delicado porque não era algo consolidado, era algo por consolidar. Era uma idéia que surgiu, que foi concebida, mas não teve tempo pra ser amadurecida, pra ser trabalhada e pra ser consolidada.

**Guilherme:** E também essa disputa de posição do próprio PPS com o governo. Como você falou, foi o próprio Arouca que virou a mesa e ele sai do cenário!

**Márgara:** Eu me perguntei várias vezes durante esse processo de afastamento (porque o nosso partido não compõe mais a base aliada do governo), eu defendi naquele momento com o Arouca a entrada, defendi também a saída agora, e me perguntei e perguntei pra outras pessoas que conviveram mais intensamente do Arouca qual seria a posição dele, se ele aqui estivesse nesse momento? Tão cedo não saberemos, mas qual seria? Ele que naquele momento teve a lucidez, a grandeza de defender essa postura, como ele se comportaria agora diante desse quadro todo que está aí colocado nesse governo, no próprio Ministério... E várias vezes nós conversamos sobre as dificuldades internas que o Ministério sofria e sofre. Estou fora do Ministério hoje, mas acho que as coisas não melhoraram tanto, se não pioraram já está de bom tamanho. Então pra mim pessoalmente essa experiência de ter podido conviver durante esse período com o Arouca. Não foi mais que um ano de uma convivência mais estreita, desde o processo eleitoral, da eleição de Lula, até a sua partida. Com tudo isso, com todas essas limitações, as dificuldades de presença física dele, eu ia ao Rio algumas vezes por mês pra despachar com ele, mas nos falávamos todos os dias pelo telefone. Quer dizer, foi um período também bastante difícil de tentar consolidar um trabalho que ele tinha concebido. Não só ele, claro. Ele sempre teve esse perfil aglutinador de pessoas, de amigos. Numa área que eu acho muito complicada, porque o mundo da política é um mundo que instiga muito a disputa, a competição, nem sempre fraterna e saudável. E Arouca tinha justamente essa habilidade de conseguir aglutinar pessoas, que ele tem uma legião de amigos fiéis, e isso é pro resto da vida de cada um. Isso se refletia muito no seu ambiente de trabalho, não era uma coisa somente da vida privada dele. Era também no seu ambiente de trabalho, pelo que eu pude conhecer, pelos depoimentos de amigos, de assessores que compartilharam de sua vida como parlamentar, e pela própria experiência dentro do processo de formação da Secretaria. E foi rico por isso, quer dizer, eu poder participar. Naquele momento ele me convida pra ser chefe de gabinete dele, quando nós decidimos e o ministro autorizou criar a Secretaria, ele me convida pra ser chefe de gabinete – o que pra mim é uma demonstração de confiança muito grande, porque assim como eu não tinha uma convivência maior com ele, ele também não tinha comigo. Ele me conheceu no partido, pelas posições que eu adotava, e pela pequena proximidade que nós tivemos no processo de campanha de Ciro. Ele me convida pra esse processo, então isso me coloca numa situação de estarmos nos falando todos os dias, poder estar discutindo, poder estar conversando. Vamos montando a sua equipe daquela forma: ele sempre procurando ser agregador, sempre procurando ouvir muito as pessoas. Muitas vezes Arouca se reservava de falar alguma coisa, de fazer comentários de muitas coisas que ele ouvia. Muitas vezes ele ouvia uma coisa aqui e você só ia ficar sabendo disso depois lá na frente, que ele comentava. E uma outra característica dele é a

alegria: uma pessoa de um astral muito bom, muito, muito gostosa de trabalhar com ele, sempre sorridente. Por mais dificuldades que tivéssemos, que ele tivesse – e nesse momento ele já tinha o quadro de saúde complicado – mas aceitando o desafio de iniciar um novo projeto, de criar uma Secretaria, de construir uma nova conferência de saúde. Com tudo isso, e com as dificuldades do partido, com todas as discussões, todas as frustrações também do processo eleitoral, da campanha de Ciro, da pouca presença do partido na própria coordenação, inclusive da *sua* pouca presença, como uma referência nacional. Eu acho que qualquer partido gostaria de ter Arouca como um dos coordenadores de seu programa de governo nessa área de saúde e de ciência e tecnologia, e o Ciro (não vou qualificar) abriu mão disso, acho que não soube valorizar essa pessoa, essa criatura que ele tinha próximo a ele. Talvez não o tenha feito também pelas conjunturas políticas que o envolvem, e eu acho que é isso que faz a diferença das pessoas: Ciro não tem talvez a generosidade e a grandeza que Arouca tinha, então não foi capaz de perceber isso, de superar outras divergências pra trazê-lo mais para perto de si. E perdeu. Acho que Arouca não perdeu nada até ficando mais distante desse processo.

Então foi uma experiência gratificante. Não gostaria de falar aqui de outros momentos mais dolorosos, porque acho que esse tem que ser um trabalho positivo, que resalte o lado positivo, a alegria de Arouca, a sua generosidade, a sua compreensão, a sua forma de ser. Não é endeusar ninguém, porque não existe ninguém perfeito. Mas eu acho que se a gente fosse dividir o mundo entre os bons e os maus, ele estaria do lado dos bons com certeza. Eu pude ver o depoimento anterior [refere-se ao de Fernando Antunes], e é complicada essa coisa! Você fica meio repetitivo. Todas as pessoas que me antecederam aqui na fala devem ter falado desse espírito de Arouca, desse espírito fraterno, do grande companheiro que ele era. São coisas que eu valorizo, são coisas que são muito importantes, e é por isso que foi importante (mais que qualquer outra experiência)... É claro que a experiência de poder participar da montagem de uma secretaria, a negociação que isso demanda, desde o espaço físico (da cadeira que você tem que arrumar, da sala) até os cargos que você tem que compor, as atribuições, o conjunto de pessoas que depois vai ocupar esses cargos - isso tudo é um crescimento, é um aprendizado. Agora, conviver com a pessoa Arouca... Isso é uma coisa da qual eu me ressinto, não ter podido conviver mais com ele, mais tempo, em outras oportunidades. Eu brinco com o Fernando que eu o invejo [risos], porque eu pude presenciar algumas cenas de Arouca com Fernando de uma troca de carinhos, de irmão mesmo, uma coisa de irmão mais velho.

**Guilherme:** Você está falando uma coisa muito interessante, porque embora não seja esse o teu caso, em pouco tempo ele deu uma abertura que certamente caminharia pra isso, não é?

**Márgara:** Talvez, a vida não quis que isso... [risos] Pode ser. Fernando fala que isso talvez acontecesse. Mas talvez a gente tenha oportunidade de dar continuidade a essa caminhada. Eu brinco por conta disso: é bom a gente poder conviver com pessoas assim! Nesse mundo tão difícil, é tão bom a gente poder trabalhar com pessoas que são afetuosas, que te acolhem, que são generosas, que têm esses valores na prática cotidiana – e não só no discurso. Num partido político... a gente fala muito isso: “o nosso partido se diz libertário, humanista, e mais um monte de coisas lá, mas isso é no papel. Na prática, o conjunto da nossa militância está muito distante disso ainda!” É claro que algumas pessoas têm, umas mais, umas menos... Então quando você encontra pessoas que reúnem isso, e com as quais você tem a oportunidade de conviver, é muito

gratificante! Pra mim foi um presente trabalhar com Arouca, poder estar ao lado dele, poder compartilhar com ele esses momentos, e até poder compartilhar do momento de sua partida – que foi um momento doloroso pra todo mundo, mas também inevitável pra todos nós...

## ***Depoimento de Givaldo Siqueira (Brasília - 19.05.2005)***

**Assuntos abordados:** Arouca no movimento estudantil; escolha de Arouca para vice-presidente na chapa do PCB (89); papel de Arouca na transformação do PCB em PPS; comentários sobre o PCB/PPS no Rio de Janeiro (dos anos 80 até hoje) e dificuldades de Arouca na direção do partido; críticas de Givaldo ao Governo Lula e tentativa para fazer de Arouca o ministro da Saúde; problemas de Arouca com César Maia; relações pessoais com Arouca; contribuições intelectuais de Arouca para a transformação do PCB em PPS.

*Fita 1 – Lado A*

[Guilherme apresenta em linhas gerais o Projeto Memória Sérgio Arouca para Givaldo]

**Givaldo:** O Arouca entrou na faculdade quando?

**Guilherme:** Em 60.

**Givaldo:** Os meus primeiros contatos com o Arouca se deram exatamente nesse período em que ele era universitário em Ribeirão Preto. Eu era na época o responsável pelo partido na juventude universitária, coordenava os congressos do partido [da UNE]. Em 62 ele estava no Congresso de Santo André – foi quando eu o conheci. São Paulo tinha uma bancada grande, ele tinha vindo, e eu já era o assistente da chamada fração no congresso, eu dirigi essa fração no congresso. Essa fração na época tinha o José Sales, o Marco Aurélio Garcia, Betinho, Caó...

**Guilherme:** O José Serra não era?

**Givaldo:** O José Serra era da AP. E dentro do partido naquela ocasião, na hora da votação, houve um certo racha dentro da fração.

**Guilherme:** O Marcelo Cerqueira também era da fração.

**Givaldo:** Era. Veio a ser vice do Serra. Colocamos na chapa do Serra o Marcelo. Houve certa divisão no congresso. Já havia no movimento estudantil uma tendência mais à esquerda que não aceitava aliança com o José Serra, e queria substituí-lo por um outro cara da AP que era o Valdêncio. A nossa base de força, a melhor era exatamente em São Paulo. Aí o Arouca fez parte desse congresso, mas era da fração de São Paulo, não era ainda da fração nacional. Eu conheci o Arouca aí no meio dessa confusão toda (perto do golpe), eu tive contato com ele no meio daqueles estudantes todos, e me lembro bem que na decisão de apoiar o Serra (indicado pela maioria da AP, então não tinha porque nós entrarmos na luta interna da AP), então decidimos aceitar aquela indicação da bancada de São Paulo (o Serra). Apoiamos o Serra, houve certa divisão no interior do partido, e ele marchou conosco, a maioria e especialmente a bancada de São Paulo. O Serra foi eleito e colocamos o Marcelo Cerqueira de vice. Antes do golpe foi o último congresso a que eu assisti, a última fração. Depois perdi o contato com ele, mas sempre na posição que eu ocupava no partido havia os rumores, os companheiros que se destacavam aqui e acolá. E depois do golpe houve um racha grande no partido – todo mundo sabe. E o Arouca ficou contra o racha, teve uma posição... Mas houve

simultaneamente um fato importante, que foi a mudança estrutural da universidade brasileira, da estudantada. Além do golpe, há uma mudança estrutural. A massa de estudantes, sobretudo na Medicina, se destina a posições assalariadas, e não mais a posições liberais. Isso cria uma modificação grande no movimento estudantil, o partido no setor universitário brasileiro rachou (o José Dirceu, o Vladimir Palmeira e outros foram na direção da luta armada), nós recompusemos no Rio de Janeiro em 66, e começa a surgir uma figura importante, uma liderança nesse setor universitário da Medicina, que era o Thalesinho. Era secundarista quando veio o golpe, foi pro Rio de Janeiro, lá ele fez vestibular, entrou pra faculdade. Ele lutou muito no sentido de fortalecer o centro acadêmico contra as tendências de esquerda de abandoná-lo e trazer maior fornecimento de quadros da universidade para a luta armada. E isso aí o Arouca seguiu mais ou menos. Eu não tinha contato com ele porque estava mais no Rio, era dirigente do partido, assistia o setor universitário, e acompanhei essa mudança. Inclusive o setor universitário que era dominado por um pessoal mais de esquerda (Vladimir, etc.), e passa a ser dirigido por João Guilherme, pelo próprio Davizinho... e vai se criando o chamado “movimento da saúde”, inclusive com um deslocamento posterior. Em geral os médicos do partido, que eram quadros antigos, privilegiavam as associações médicas, porque os sindicatos médicos eram de carimbo, de armação. Esse setor novo (que o Arouca participou) que se forma valoriza o sindicato, sai das associações e há certo choque com velhos quadros (Isnard, já de 35), e começa a trabalhar o sindicato, tendo grande êxito. Começa a surgir o que mais tarde veio a se chamar o “partido comunista da saúde”. Nesse movimento nacional de saúde o Arouca vai se firmando. Eu saí do Rio de Janeiro, fui pra São Paulo com outras tarefas... Esse movimento teve uma característica assim: uma parte desses companheiros se dirigiu principalmente ao trabalho de partido (o caso do Davizinho em São Paulo, continuava na área médica, mas já estava mais dedicado ao partido, à reorganização do partido em São Paulo, porque houve um hiato, em 74 uma grande repressão e o David é escolhido pra reorganizar o partido). O Arouca se eu não me engano estava ali, foi pro Rio, depois pra Nicarágua. Mas enquanto o partido estava sendo golpeado, eles criaram esse movimento médico progressista, dirigido pelo partido (quase todas as lideranças), um canal legal de ação política e de massas, que vai ter uma influência grande num país ainda afetado pela repressão. Deu certo. Nessa época eu não estava mais no setor universitário. Quando a direção do partido é golpeada (74, 75), esse movimento fica na política, a área de saúde foi pouco afetada – embora tenha sido reprimida. Quando eu voltei do exterior em 79 (não dava mais pra ficar aqui, me exilei em julho de 75, fui um dos últimos a sair do Brasil), nós reorganizamos o partido, e o Arouca estava nesse processo de reorganização dentro da orientação nossa, da política que dominava o partido.

Eu me lembro de ter tido contato com ele de novo em 89. Em 89, quando o Roberto se lançou candidato, ele já estava como secretário de Saúde do Moreira Franco. Mas o Arouca não pertencia à direção do partido – era o Geraldo, o Hércules. A Lúcia não estava, foi candidata em 90. Ela militava lá em Nova Iguaçu... Quando o Roberto saiu candidato, o Sergipe (que militava na área de saúde e trabalhava com o Arouca na FIOCRUZ)...

**Guilherme:** Está lá em Mato Grosso, já o entrevistamos.

**Givaldo:** Ele falou: “Givaldo, eu acho que um bom candidato a vice seria o Arouca.” Aquilo me despertou e eu achei que era mesmo. Então eu falei com o Comitê, falei com o Arouca (ele disse que topava), falei com o Roberto e colocamos o Arouca como vice.

O que foi um grande achado, porque era uma candidatura aguerrida (as duas), sem dinheiro, era cada um com seu “Roncinante”, tocando o barco. Ali eu tive com ele um contato de mais tempo, porque eu dirigia o partido (era na época da Executiva Nacional, Secretariado Nacional, Executiva do Rio), participei diretamente daquela campanha. Na campanha ele se destacou. Já tinha um enorme destaque na área de saúde, na área médica, na FIOCRUZ, na ciência, mas aí começou a se destacar na política representativa do estado. Veio a eleição de 90 e nós, sabiamente e oportunisticamente, o lançamos candidato a deputado federal, ele topou. Fomos buscar a Lúcia, que também era do setor médico também, fazia esse trabalho em Nova Iguaçu. Havia uma luta no Rio com o Juliano [Siqueira], e acabaram sendo os dois para estadual, por conselho do Roberto, o partido estava dividido: “por que não os dois?” Aí o Arouca se elegeu amplamente, e foi pra Brasília. Aqui começou a se destacar (já tinha organizado a VIII Conferência Nacional de Saúde, que foi decisiva na formatação da Constituição), e fez um grande mandato, aí já como político. Era nossa política promover direções de mandatários, a Lúcia tinha o mandato de deputada estadual, o Arouca também, e ele ficou na direção [estadual]. O Arouca se tornou vice-presidente [nacional] do partido, muda o partido para PPS. (...) Ele teve um papel destacadíssimo, logo ficou considerado pela mídia como um daqueles 60, 80 deputados formadores de opinião no Congresso. Uma coisa interessante é que o Arouca era muito entusiasmado, se dedicava com muito afinco e ao mesmo tempo muito bom humor. Era raro encontrar o Arouca mal humorado. Nossa relação aí foi muito estreita o tempo todo, porque eu morava no Rio, era da Direção Nacional, dava assistência à atuação parlamentar dele, e tivemos muito contato político – inclusive no encaminhamento das questões do partido no Rio de Janeiro, o que foi um negócio muito difícil pra ele. Havia as mais variadas concepções a respeito de organização: alguns achavam que a organização tinha que continuar fechada e de certa forma estanque, e nós éramos contra. Mas ali do nosso lado também havia gente que achava que não devia haver organização nenhuma, que a esculhambação campeasse...

**Guilherme:** A Lúcia...

**Givaldo:** A Lúcia era uma delas, mas não só ela... O Arouca tinha uma grande habilidade social que era a de gerir diferenças, conduzir diferenças a consensos, sem derrotar ninguém... E isso no partido era muito difícil, porque cada um queria derrotar o outro, aceitar a diversidade não era uma coisa muito comum entre nós. Mas ele conduziu isso bem...

**Guilherme:** Até 97. Dali em diante não foi possível.

**Givaldo:** Aí ele teve outros problemas, porque do ponto de vista político ele se destaca, porque era um momento em que só havia dois deputados, elegemos o Roberto senador e ele e o Augusto Carvalho deputados. E era até muito engraçado, porque o Luís Eduardo falava: “agora vai falar pela liderança Arouca...” E às vezes marchavam separados: o voto do Arouca era um, o do Augusto era outro. O Augusto era mais corporativo, digamos mais fechado, enquanto o Arouca era mais aberto, mais pluralista, tinha uma visão melhor da nossa orientação política, e da ação política.

Essa direção dele no partido foi interessante... Desde o ano de 85 (neste ano nós fizemos a Frente Rio), o partido parecia que ia decolar. Mas aí essas diferenças internas, essa contraposição entre a Direção Municipal do Rio e a Direção Estadual dificultou muito. Sem falar evidentemente de fenômenos internacionais e nacionais. O nosso

partido era um partido já ultrapassado em sua concepção, e o Rio de Janeiro é uma cidade... Então esse foi basicamente meu contato com ele: ele como presidente do partido, eu na Executiva, e na Executiva Nacional (e ele também). Trabalhamos juntos, e tivemos alguns momentos de divergência – muito poucos, mas tivemos. Um era o fato de que a política no Rio passou a ser muito pendular, e eu era contra isso. Em 82, nos aliamos com o Miro Teixeira (Chagas Freitas), do PMDB – era o sacrifício pela frente, fazer uma chapa com o PMDB, na luta contra a ditadura, e tal... Tudo bem. Em 85 a gente cria uma aliança com o PSB, lançamos uma candidatura própria, Marcelo Cerqueira e João Saldanha, elegemos dois vereadores, tivemos grande êxito. Mas logo nós marchamos na cidade pra uma aliança com o Saturnino, e em 90 já com o Brizola. Em 86 nós fizemos aliança com o Moreira – exatamente o oposto (em 82 estávamos contra o Moreira). Em 90 fizemos com o Brizola, que já era o outro oposto, e no dia seguinte rompemos, a Lúcia votou contra as contas do Brizola, rompemos a aliança (tinha sido eleita na coligação). Depois nós marchamos com o PT, com o Bittar, e depois em outra reviravolta a candidatura própria: nós fizemos o Arouca uma vez [para prefeito em 96] (já tinha sido vice da Bené [em 92, para prefeito])... E essa coisa pendular a meu ver impediu a gente de construir um bloco de forças com ele – isso eu discutia muito com ele. Ele achava que não, mas eu achava que isso nos impedia de formar um bloco... Marchamos em 94 com Marcelo Alencar e no dia seguinte já proclamamos que éramos independentes. O Marcelo nos chamou pra conversar – inclusive eu estava nessa articulação pra fazer a Lúcia líder do governo. Marquei um papo do Arouca e da Lúcia com o Marcelo, chegamos lá: “somos independentes”. Aí fica um negócio meio esquisito, a gente não pôde fazer... Aí depois nós tivemos o apoio ao Garotinho, aí entramos no governo, mas logo saímos. O fato é que nós não conseguimos no Rio de Janeiro montar um bloco de forças, que fosse reduzido, mas que nós disséssemos: “está ali”. Era uma característica do partido: nós atravessamos a ditadura sabendo onde nós estávamos, não havia quem não soubesse. Chamavam-nos de “reformistas”, mas sabiam qual era a nossa política. No Rio de Janeiro (não só no Rio, evidentemente) isso acontecia. Então eu tinha uma divergência quanto ao encaminhamento. Num dado momento nós tentamos substituir isso (ele concordou) pelas candidaturas próprias: “então vamos nos segurar nas candidaturas próprias, chapa própria, pra irmos construindo isso.” O lançamos candidato a prefeito do Rio, depois a Lúcia [a governadora em 98], já com a candidatura do Ciro. Mas o Ciro também fez uma grande molecagem no Rio de Janeiro. Foi ele que exigiu que nós tivéssemos palanque próprio, nós construímos o palanque e ele se mandou... Isso criou um atrito grande entre o Ciro e o Arouca, que ficou evidentemente contrariado (não só ele). Aí depois ele convida o Arouca já na segunda eleição pra ser o coordenador do programa, e chega já com o programa pronto pro Arouca em Minas Gerais...

Quer dizer, o fato é que esse período é rico, ele tem um desempenho importante a nível federal. No Rio de Janeiro nós não conseguimos deter o esvaziamento do partido até muito recentemente. Perdemos eleição pra vereador na capital, no interior, perdemos o mandato pra federal, pra estadual... Pra vereador, depois o Paulo Pinheiro saiu do partido. Nesse período ele continuou fazendo política na área da saúde, chegou a ser cotado, durante o Governo Fernando Henrique, pra ser presidente da FIOCRUZ. Primeiro fizemos uma sondagem com o Serra pra saber se ele, sendo eleito, seria nomeado. Como ele disse que dificilmente iria assumir, tiramos o Arouca pra não submetê-lo a uma situação dessas. E eu acho que foi um período difícil pra ele, sem mandato, teve uma coisa pessoal dele – ele rompeu com a Sarah, aliás, ela rompeu com ele. Isso o machucou muito. Eu lembro que eu passei uma tarde inteira bebendo uísque com ele, bêbados num fim de tarde, e ele chorando as mágoas, dizendo que não queria

se separar, mas a Sarah estava irredutível... Isso foi uma coisa que machucou bastante ele. Perdeu o mandato, foi um golpe sério para ele. Ele foi muito bem votado, mas a gente não alcançou o coeficiente. E ele pagou também um preço muito caro pelas atitudes firmes na defesa de algumas coisas nossas. Eu me lembro que eu fui a um debate com ele na TVE, fiquei assistindo lá, e vieram pra cima dele com o negócio dele ter votado contra a estabilidade do funcionalismo público, para ampliar os motivos de demissão do funcionário público. E os caras vieram pra cima dele, uma turma nossas de funcionários públicos queria que ele recuasse e ele disse: “não, eu voto porque realmente combate privilégios”. O que aconteceu? Ele perdeu um eleitorado sem construir outro. A briga era se ele era capaz de substituir uma parte do eleitorado dele tradicional por um eleitorado mais desvinculado do Estado. Não conseguiu fazer de qualquer modo. Houve também essa coisa do Ciro, houve uma coisa do PV, que conduziu a aliança com ele e depois saiu fora, nos deixando só com o PMN – não compreendeu que em coligação elegeria o Arouca e o Gabeira num bloco, mas nos deixaram com a brocha na mão. É um período mais complicado, mas isso do ponto de vista da política partidária, eleitoral. Por outro lado teve a coisa interna: ele foi a favor, contra os conservadores, da transformação do PCB em PPS. Foi uma das pessoas importantes na formação do PPS. O Roberto queria na época PDE (na linha dos italianos), e Arouca, eu, queríamos PPS. Isso criou uma divergência com o Roberto, mas foi rapidamente solucionada – eles dois eram muito amigos, se davam muito bem, tocavam por música. Finalmente, essa coisa do Ciro: no começo ele ficou muito entusiasmado, depois ele sentiu que o Ciro não era essa figura confiável, ficou meio distante disso. Mas na segunda eleição do Ciro, ele participou, depois ficou entusiasmado com o Lula...

#### *Fita 1 – Lado B*

**Givaldo:**... Nunca votei no PT, a não ser na eleição contra o Collor. Então não aconteceu nada que eu não tivesse previsto que fosse acontecer. Mas ele, o próprio Roberto, tinham a convicção de que realmente tinha começado no Brasil uma nova etapa – e não o fim de um ciclo, digamos assim. Eu me lembro que havia no partido (inclusive da minha parte) alguns companheiros com “desconfiômetro” – logo no início do governo. E o Arouca inclusive era da tese de que a esquerda tinha vencido. Na primeira reunião do Diretório Nacional depois da eleição do Lula ele fez esse discurso. Eu nem ia falar nessa reunião porque o clima era tão “lulista”, eu pensei: “é melhor não falar não”. Mas havia tanto “lulismo”, eu fiquei chateado, que aí: “não, agora eu vou falar.” [risos] Fui lá e falei já contando com o crescimento mastodôntico do Estado, trinta e tantos ministérios, catorze secretarias, nomeação pra burro... A intolerância da expulsão dos radicais do PT. Era uma discussão, mas mantivemos nossa posição. Mas crescentemente... O melhor homem para ir para o ministério era ele. Eu e o Roberto fizemos uma força grande, mas o Lula malandro, não é? Porque o Lula jamais colocaria Arouca no ministério, o Roberto Freire, ou a mim. Aí o Ciro, né... Tinha uma possibilidade, e nós fizemos um esforço grande pro Arouca ser ministro da Saúde – e não havia nome melhor do que ele. Finalmente foi rejeitado, convidaram o Ciro, ele imediatamente aceitou, não chegou a haver discussão entre nós, mas nós concordamos. E finalmente resolveu se criar uma Secretaria específica no Ministério pro Arouca. Ele foi, e achou que com isso ele poderia influir muito do ponto de vista político. Houve um início disso, mas aí infelizmente ele adoece e morre. No Rio de Janeiro já tinha começado esse processo de mudança – processo que o incluía. No começo com a aquiescência dele, a presença dele. Acho que, se ele tivesse sobrevivido, ele estaria

conosco nessa posição nossa muito clara de romper com o governo, constituição de uma nova alternativa. É muito difícil você predizer essas coisas, mas tendo convivido com ele como eu convivi, sabendo quem ele foi, eu não tenho dúvida nenhuma de que ele estaria aqui, desse lado – não do lado de lá.

**Guilherme:** Até porque ele não era homem de ficar licenciado.

**Givaldo:** Não é só isso. Eu me lembro que, no final, algumas coisas nossas ele teve... Teve aquele negócio do César Maia – que foi um preço que ele pagou. Ele tinha resistências ao César como candidato nosso. Eu me lembro bem que eu também montei (foi até uma vez que eu fiquei puto com ele), porque eu combinei com ele e a Lúcia uma reunião deles com o César. Na hora em que eu chego, me telefona dizendo que não vai. Eu... [pausa] Mas isso demonstra também que ele tinha uma resistência – coisa que eu não tinha. Ele tinha uma resistência grande, mas terminou indo. Em função de uma posição nossa, de uma posição do Roberto, do próprio Ciro, fomos e houve aquele negócio todo... Mas o César é outro que jamais faria um governo com o Arouca dentro. Isso é uma coisa que, conhecendo o César como eu conheço, não podia dar certo – porque o César também gosta de “capacho”. E nem tinha uma concepção de saúde pra continuar com o Sérgio Arouca. Aliás, não tem uma concepção de política pública como nós temos. [interrupção] Para os meus companheiros todos, amigos de classe média (é bem taxativa a visão deles), é um dos piores governos que já teve no Rio de Janeiro e no Brasil. Porque se não tem informação suficiente, chega no Rio de Janeiro e vê duas ou três escolas públicas que funcionam e o resto não, o programa de saúde de família não vai pra frente... Então que porra de prefeito bom é esse?! Não tem nenhuma coisa pública funcionando. Evidentemente o Arouca queria fazer isso no setor de saúde, como se fosse uma vitrine. Isso foi uma coisa também que o machucou muito pela forma... Mas quando chegou na eleição, na realização do congresso do partido em Niterói, a gente se articulou e ele encaminhou a nossa aliança com o Jorge Roberto Silveira (que até achava que não queria mais ser candidato)...

Então o que eu tenho a dizer dele é isso. Agora, ele era muito humano também. Ele gostava muito de beber, ele era “botequineiro” como eu, gostava de botequim, tomar umas e outras, fazer as confidências dele... Já eu não gosto, dizem que se você conta muito é porque já não está fazendo mais... Mas ele era muito divertido, ele gostava muito de anedotas. Ele não tinha um repertório bom de anedotas, mas de vez em quando aparecia uma, ele pegava e ficava contando aquilo, contando, contando... E ele era uma pessoa muito humana, boa, bom caráter.

**Guilherme:** Bom de conviver...

**Givaldo:** Bom de conviver. E era uma pessoa amorosa, tinha essa qualidade de sofrer com o sofrimento dos outros, solidariedade. E era muito arguto politicamente, uma coisa que as pessoas não sabem, em geral vêem ele mais ligado a essa área de saúde... Mas ele tinha *feeling* muito grande. Eu conheci políticos no Brasil de todos os tipos, alguns “cobrões”, e ele era uma pessoa com bastante *feeling*. E com uma noção de persistência nos processos amplos. Não fazia nada que fosse isolado. É isso. O que mais? Trabalhamos juntos, só isso. Quando eu estava em Brasília já quando a doença dele se agravou, eu já tinha vindo pra cá, estava indo ao Rio só esporadicamente. Já no final, na véspera da morte dele, eu telefonei pra ele e soube que ele tava muito mal. Aí a Lúcia: “vem pra cá pra gente conversar.” Eu não fui. [emocionado] Só.

**Guilherme:** De manhã, com o Freire, a gente conversou um pouco assim da tese do Arouca da democracia do Estado, que ele acha que de certa forma o Arouca deu uma contribuição genuína. Você concorda com isso?

**Givaldo:** Concordo sim. Quando o Roberto foi candidato, tava se falando muito de privatização. O Roberto, por uma posição mais sectária que aberta, defendeu que o Estado brasileiro já era privatizado, com resistência a qualquer transferência... Mas isso foi uma tese interessante, porque realmente era verdade: quase todos os Estados foi privatizado por diversos grupos... Mas sempre houve (como há entre os comunistas) a idéia de que o Estado tem que ser forte. O Arouca desconfiava disso, achava que o Estado devia ser eficiente e ágil, profundamente democratizado e substituído por autogestão onde fosse possível. Aliás, uma coisa que o partido teve que mudar foi a idéia de que o que é importante... O Arouca estudou isso, se encantou um pouco com essa coisa da rede, do local e do global, e ele defendia no PCB o negócio da radicalidade democrática, ele sempre entendeu muito o seu cerne como sendo a democracia no Estado – o Estado deixar de ser centralizado, privatizado ou não, mas que a tarefa é acabar com o Estado, do ponto de vista histórico! O que não quer dizer que você vá entregá-lo ao privado, ao mercado. Essa noção ele tinha muito, ele e eu defendíamos muito o negócio do público contra o privado e o estatal. Ir construindo gestões públicas, mecanismos públicos, ações públicas, de modo que o Estado fosse progressivamente... Ele compartilhava da tese de que essa coisa do ente federativo igual é um absurdo, que não deixa a democracia avançar no Brasil... O que é verdade. O Brasil tem cinco mil municípios, a Alemanha tem vinte e cinco mil e todo mundo acha um exagero ter cinco mil aqui. Eu acho que ele tem algumas contribuições importantes nesse terreno. Os discursos dele, eu peguei os projetos que ele relatou, vários projetos na área de saúde e ciência e tecnologia. A lei de biossegurança que ele relatou foi um negócio extraordinário! Então há uma contribuição dele teórica... Eu não digo teórica no sentido de teoria elaborada. Há uma contribuição política importante no sentido do caráter e da posição do Estado, da sociedade civil, como eles se relacionavam... Isso ajudou muito o Roberto, porque o Roberto é um político com muito *feeling* também (talvez maior que o do Arouca), entre os nossos certamente o maior, mas ele é meio, vamos dizer, deslustrado... Ele é menos dedicado ao estudo teórico – o que pro Arouca era um hábito. O Roberto vê uma tese nova, percebe logo que ela é nova e importante, ele vai logo empurrando, chutando, pra abrir o caminho pra ela. O Arouca fazia isso, mas muito mais fundamentado, muito mais escorado no que ele lia. Ele foi um dos primeiros companheiros nosso que entendeu alguns estruturalistas e alguns semióticos não no sentido da negação, mas como posições que contribuíam ao desenvolvimento teórico e político. Ele mostrou isso claramente com o Foucault, entendendo que ele tinha uma contribuição, que a gente devia ler mais. Ele não tinha nenhum fascínio pela rejeição do novo – o que é tão comum na esquerda (em geral por ignorância). Como ele não era ignorante (a ignorância tende a rejeitar), ele ia buscar, ia ver o que estava acontecendo. Não era dado a grandes formulações teóricas, mas era capaz de sustentar as teses novas com muito brilho, com muita argúcia. Mas, sobretudo, ele tinha uma coisa melhor que é a capacidade de tornar isso uma ação prática, imediata. Não era desses caras que ficavam: “quando a revolução vencer”... No setor de saúde ele exatamente submeteu essa tese. As faculdades de Medicina não existiam pra fornecer quadros pra revolução, tem que ser revolucionário no seu próprio campo, criar avanços na sua própria estrutura – e que isso era possível. Mesmo lá quando estava tudo fechado, em 74, 75, ele sustentava essa postura. Isso se revelou verdadeiro.

**Guilherme:** É o interessante é que com um forte conteúdo revolucionário.

**Givaldo:** Exatamente, porque a revolução é isso. É a transformação, não é? As pessoas perdem isso de vista. As revoluções se dão, as chamadas rupturas, se dão ou evolutivamente... Eu fico brincando (estava até falando isso ontem num debate aqui, estava do meu lado o Leonelli, um companheiro que foi do partido, que eu gosto muito): “Leonelli, no Brasil há uma revolução, só você que não vê... Olha lá o Brasil de 1920 e olha hoje...” E não precisa ir tão longe. Quando eu era garoto (e isso não tem nada a ver com o Arouca) em todo lugar tinha uma padaria – como é hoje. Mas você chegava na padaria e o que tinha? O português fazia o pão, fazia o suco, fazia o sorvete, e vendia. Ele era dono daquilo, produzia sua mercadoria, tinha uma coisa ou outra que ele comprava pronta, cerveja... Hoje não é nada disso, chega numa padaria e ela é o que? É um ponto de realização das marcas das multinacionais. O sorvete é da *Kibon*, a farinha é da (?), o chocolate é da *Nestlé*, a cerveja... Na verdade, se cada multinacional daquela fosse montar um ponto de venda, o que tinha que administrar, pagar de salário, carteira assinada, nomear gerente, ter um controle... Ele simplesmente transfere isso ao português que tá lá, o dono, ainda achando que é proprietário, que é um explorador direto da mão-de-obra, e na verdade é simplesmente um gerente, que só ganha o que é dele das grandes multinacionais. Essa mudança eu vi, ninguém me contou. Então do ponto de vista da estrutura, da circulação houve uma transformação radical! É ou não é revolução? Eu acho que o Arouca... Uma tese que a gente defendeu nisso veio da *Declaração de Março*, antes do golpe (por influência muito dos italianos) que é o chamado “avanço nos quadros do regime”. Ao contrário do que os comunistas da Europa defendiam até então (década de 50), que afirmavam que só poderia haver avanços se houvesse uma ruptura. Os italianos (com base não só em Gramsci) defenderam a tese de que era possível você fazer avanços nos quadros do regime, você criar elementos de socialismo crescentemente nos quadros do regime capitalista, republicano – o chamado “Estado operário”. Trabalharam muito isso, e que isso acabaria acumulando acabaria, num período determinado, transformando a sociedade. Essa é a tese, e que nós de certo modo copiamos. A *Declaração de Março* era isso: era possível mudar a estrutura brasileira através de um conjunto de reformas que alterasse qualitativamente o campo, a cidade, as condições de vida do povo, as relações internacionais, etc. O Arouca foi formado nisso, e com brilho fez isso no setor médico. Quer dizer, tinha uma estrutura no país, e essa estrutura poderia ser modificada em que sentido? No sentido do bem-estar da população. Essa é a contribuição que no meu entender se deve ao... Eu nunca tive isso na mão, mas conversei com muitas pessoas, mas acho que ele chegou a formular essa teoria... O Chico [Francisco Campos] chegou a falar aqui dos “reformistas”, porque ele sustentava que era possível até com uma teoria conservadora (que era o negócio da prevenção, que eu não acho conservadora) era possível fazer isso em massa e mudar as condições de vida do povo brasileiro. Ele procurou fazer isso. E isso é ligado a um conjunto teórico muito mais complexo do que esse de simplesmente ir pra área de saúde. Agora, ele deu azar que tinha secretários de organização muito ruins, que não conseguiam organizar o partido. [risos] O Guilherme sabe disso, organização é muito detalhe, é um troço chato organizar partido, mas de qualquer modo ele preparou a virada – que aconteceu no Rio de Janeiro. Essa coisa de você fazer um partido mais aberto, mais pluralista, menos militarizado, e com direções que tenham repercussão social e política. Começou com ele. No Rio de Janeiro nós tivemos bastante ação até o golpe, depois fomos desarticulados. As personalidades de antes voltaram e não mantiveram a mesma inserção (o Hércules Corrêa, que era uma personalidade da área sindical, não consegui, outros companheiros). E ele, a Lúcia, a

Ruça, o Milani, deram essa contribuição de mais uma vez retomar direções que tinham representatividade social e política – que a coisa estava muito difícil no Rio. E era divertido...

## ***Depoimento de Sylvain Levy (Brasília - 20.05.2005)***

**Assuntos abordados:** primeiros contatos com Arouca (Ministério da Saúde, 1975); características pessoais de Arouca; preocupações de Arouca com a “reforma da reforma”, e proposições nesse sentido no final da vida; sentido e importância da trajetória de Arouca.

*Fita 1 – Lado A*

[Guilherme apresenta em linhas gerais o Projeto Memória Sérgio Arouca para Sylvain]

**Sylvain:** Eu sou Sylvain Levy (também conhecido por *Silvaím*), eu sou médico sanitário do Ministério da Saúde desde 1975, aliás, participei do único concurso para sanitário do Ministério da Saúde, feito em 1978. Estou lá desde 1975, me aposentei em 1997, mas continuo trabalhando no Ministério. Comecei trabalhando no Ministério com assessoria de informação, depois fui da área de planejamento, política de saúde também. Fui coordenador do núcleo de informática, que foi o embrião pro desenvolvimento e implantação de todo o sistema de informação que tem hoje no Brasil – em 75. Fui secretário de Planejamento do Ministério, assessor chefe do Planejamento Estratégico da FUNASA, coordenador geral do Conselho Nacional de Saúde (na sua implantação e primeira fase), depois fui diretor do Programa de Educação em Saúde quando o [João] Yunes era o secretário de Políticas de Saúde. Paralelo a isso, eu fiz formação em psicanálise, exerço a psicanálise até hoje, quase nunca parei. Trabalho nas duas pontas do setor de saúde: na ponta coletiva e na mais individual.

Eu conheci o Arouca também em 1975, logo na minha chegada ao Ministério da Saúde. E conheci através de uma figura extraordinária, que é o Carvalheiro – como eu o chamo, o “douto professor Carvalheiro”, José da Rocha Carvalheiro. E conheci o doutorando Antônio Sérgio, que estava adotando o pseudônimo de Arouca na ocasião, mas me foi apresentado como Antônio Sérgio. Foi uma circunstância muito interessante e engraçada, porque existia em 75 (criada no Governo Médici) uma comissão cujo nome era uma coisa fantástica de habilidade e controvérsia: Convenção Nacional de Prevenção Anti-Drogas. Então se você previne o “anti”, você estimula – mas era esse o nome da Comissão Nacional. Essa comissão se reunia no Ministério da Saúde a cada três ou seis meses, e lembro que, recém-chegado ao Ministério, recebi a informação de que haveria uma reunião dessa comissão, e que eles queriam desenvolver um sistema de informação para a prevenção de drogas. O Carvalheiro, que tinha sido chamado pra opinar, convidou a mim e ao Arouca pra participarmos dessa reunião na qual seria discutido esse assunto. E nós três ficamos um pouco assustados, porque a proposta era simplesmente fazer um “cadastro nacional de drogados” [risos], e queriam que o Ministério da Saúde assumisse essa função. Com muito tato, o Arouca conseguiu (mesmo naquele momento) não ser nem um pouco irônico, mas ser bastante convincente na argumentação (ele e o Carvalheiro principalmente) de que aquilo não seria uma tarefa exatamente para o setor saúde. Nós não achávamos que aquele fosse o melhor caminho pra trabalhar com drogas. Mas de qualquer maneira, se fosse aquilo, seria mais adequado que se partisse a partir dos identificados como drogados, que *jamais* seriam identificados em hospitais, e sim em delegacias. Então estavam querendo um cadastro policial, o que não era exatamente tarefa...

**Guilherme:** Qual era o objetivo disso? Agora eu fiquei curioso.

**Sylvain:** O objetivo era identificar os drogados, pra poder a partir daí estabelecer um “programa de tratamento” (era essa a idéia), mas se você passa a identificar o drogado, você vai querer chegar no traficante que forneceu a droga. Então era uma proposta de sistema um pouco mais policialesco do que aquele que a gente até poderia pensar em desenvolver, a partir de dados coletados em hospitais, que seriam daquelas pessoas que procurariam por intoxicação ou de uma maneira até voluntária (pra se recuperarem, se tratarem). De qualquer maneira, esse universo que entraria pela saúde seria um universo muito pequeno! E dificilmente poderia ter sido feito desse modo, já que envolveria a obrigatoriedade do médico ou da pessoa que estivesse atendendo em notificar à polícia – o que é crime! Então era uma situação muito difícil – e a gente estava em 75, não vamos esquecer isso. Então foi esse o primeiro contato que a gente teve, numa reunião em que (se não me falha a memória) isso foi discutido durante 30, 25 minutos, não mais que isso; e o resto da reunião, mais umas 4 horas (que a gente precisou assistir, porque quando se entrava a porta era fechada e não saía nem entrava mais ninguém), foi consumido pra discutir o pagamento do “jetom”, como seria feito e tal. Foi uma coisa interessante de a gente ver esses mecanismos, e como as pessoas se portavam. Algumas diziam: “de forma nenhuma, isso é uma atividade voluntária, prestação de serviços.” E outras diziam: “não, mas o nosso tempo...” Foi interessante a gente assistir.

**Guilherme:** Na época tinha isso ainda no Ministério. Sabe o que é “jetom”, não sabe? [dirigindo-se ao resto da equipe] Quando se fazia uma atividade extra, se pagava isso.

**Sylvain:** É como você participar de uma reunião do conselho de uma empresa e receber uma remuneração. Mas foi interessante, algumas pessoas mantiveram uma postura ética que nos surpreendeu. Claro, estamos em 75, ditadura militar, falando mal dos militares, todos eles por princípio eram opositores, inimigos mesmo. E os representantes militares e da polícia que estavam lá foram unânimes em dizer que “de jeito nenhum, que aquilo era uma atividade dedicada à Pátria”, e tal... A gente até se surpreendeu: “puxa, existe um outro tipo de visão, um outro tipo de pensamento que não o nosso.” E nas conversas (o Arouca sempre foi extremamente pluralista e o Carvalheiro também, eu aprendi isso muito com eles) eles falaram: “puxa, vai chegar o momento em que nós vamos incorporar essas pessoas na discussão, porque eles têm uma visão diferente da nossa, mas têm uma visão nacionalista, de Estado, de servidor público, e isso é uma coisa que a gente não pode jogar na lata do lixo de jeito nenhum.”

A partir desse encontro, que durou aproximadamente umas 4 horas... Logo depois ele foi embora, e esse foi o primeiro contato que a gente teve. A partir daí nós nos encontrávamos eventualmente e periodicamente em reuniões, em grupos de trabalho, a gente foi conversando. O momento em que ele talvez assumiu realmente uma liderança no setor foi quando ele foi nomeado presidente da FIOCRUZ. Ele já era um nome de referência, mas eu acho que ele não chegava a ser *a* liderança. Mas no momento em que ele assumiu a presidência da FIOCRUZ, e logo depois a presidência da Comissão Organizadora da VIII Conferência (e trabalhou previamente na conferência todo o processo da Constituinte, o trabalho de preparação de propostas e de material), então ele assumiu o papel de liderança incontestemente que ele carregou galhardamente até o final da vida, embora... A impressão que dava nas conversas é que ao mesmo tempo em que ele gostava de ser reconhecido, ele tinha um certo recato de ser considerado um ícone. Mas eu penso que ele gostava, e exercia essa liderança de forma muito positiva, principalmente pela agregação de gente. O Arouca sempre

trabalhou com agregação de gente, ele sempre chamava as pessoas pra participar, e eu acho que (fazendo uma crítica construtiva) alguns setores do atual governo deveriam se espelhar nesse exemplo dele e ampliar a sua base de consulta e trabalho – até ampliar a base conceitual com a qual eles estão trabalhando (principalmente na questão da saúde, precisava conversar um pouquinho mais). Durante esses anos todos em que a gente tinha esses convívios, tinha sempre um modo de conversar do Arouca, que ele começava sempre de um modo muito silencioso, muito ouvinte. A conversa podia demorar (e ele tinha esse tempo na cabeça) 10 minutos, 2 horas, um dia inteiro, ele começava ouvindo e num determinado momento ele se entusiasmava e começava a trabalhar com aquilo que estava sendo discutido e acabava sempre apresentando alguma idéia, senão nova, sempre consistente. Sempre teve uma característica muito interessante: o respeito ao que você pensava, ao que você dizia. Ele discordava, repetia, mas ele nunca *desconsiderava* aquilo que você estava falando, nunca descartava. É uma característica que a gente vê em outras pessoas, por exemplo, o Nelsão: o Néelson tem uma capacidade de descobrir uma coisa boa em qualquer lugar, até onde a gente jura que não existe ele consegue dar uma pescada... Mas eu acho que o Arouca tinha uma característica parecida, que ele conseguia descobrir que alguma coisa do que você tava falando era aproveitável. Até quando saía um catatau de besteira ele conseguia pescar alguma coisa, e lidava com isso muito bem pra agregar as pessoas. As idéias acabavam tendo muitos pais. Às vezes você conseguia até identificar: “ah, isso foi uma idéia do fulano!” Mas de repente aparecia um bando de gente: “ah, mas isso aqui foi contribuição”, “mas isso aqui também”... Tinha essa coisa de lidar com o coletivo de uma forma muito positiva.

Já recentemente, durante o Governo Fernando Henrique, nós perdemos o avião juntos. Ele ia pra um lado, eu ia pra outro, a gente se encontrou no aeroporto, e tivemos que aguardar duas ou três horas pelos próximos vôos. Nós conversamos sobre o Governo Fernando Henrique, e ele estava muito preocupado.

**Guilherme:** Ele ainda era deputado?

**Sylvain:** Você sabe que eu não me lembro? Eu acho que sim, deve ter sido por volta se 98. (...) Eu não sei se ele era deputado ou não, eu não estou muito com a data presente, eu sei que era Governo Fernando Henrique, e ele estava muito preocupado com a baixa produção conceitual a respeito do SUS. A gente estava conversando sobre as dificuldades da organização do SUS, da administração do SUS, em encontrar alguns caminhos que melhorassem a qualidade do atendimento. Ele estava preocupado, dizendo: “a gente não vê muito trabalho conceitual a respeito do SUS.” Ele dizia que a gente está preso a trabalhos mais em termo da universalização, principalmente da equidade, como resolver a questão da equidade. Mas a questão prática, que merecia uma abordagem conceitual (até pra servir de base pra propostas mais efetivas, mais práticas), ele dizia: “puxa, a gente precisa trabalhar! Vamos ver se a gente cria um grupo pra estudar isso, e propor algumas alternativas.” Ele se manifestava preocupado de que algumas teses esposadas por alguns economistas até conhecidos, que estavam ligados ao Banco Mundial, ao FMI, pudessem ter uma repercussão maior do que estavam tendo. No sentido de achar que a universalização era um gasto, porque você pulverizava muito os recursos, porque tinha uma parcela que não precisava usar mesmo o sistema, e a questão principalmente dos programas mais assistencialistas (do governo de uma forma geral) e a questão dos programas focais, que o setor saúde pudesse ser obrigado a assumir em função dessas pressões externas. Isso foi até profético, porque foi antes do Serra, antes das campanhas, daquelas propostas “campanhistas”. É uma coisa pra você

pensar na saúde pública: nós levamos anos tentando sair das campanhas de saúde pública, pra colocar a situação na rotina. Campanha de vacinação sim, mas é uma coisa episódica, bem definida, e você tem que ter a rotina. Dentro de um calendário anual, as campanhas de combate à malária... Nós levamos anos, até dentro da própria área de discussão do setor saúde... Essas atividades têm lugar, elas não são formas que você deva desprezar, mas como momentos específicos que você deve trabalhar, dentro de um calendário. Mas a rotina de trabalho é uma coisa fundamental! Então foi até uma situação um pouco profética, porque ele tinha medo de que isso acontecesse e depois com o Serra isso começava a acontecer. E inclusive dentro desse próprio governo existem algumas propostas desse tipo: você pode colocar até a Farmácia Popular como um “mutirão de remédios”, se você pensar. Mas a situação trágica é que a gente, como sanitarista, passou anos tentando sair da campanha e ir pra rotina, e agora talvez a gente tivesse que enfrentar sair da rotina e ir pra campanha pra melhorar o sistema de saúde. Era uma situação que a gente não achava legal. Ao mesmo tempo, eu lembro que a gente conversou sobre o papel da imprensa: como a imprensa poderia colaborar nessa situação – que era a área na qual eu estava trabalhando mais naquele momento, de informação, comunicação e educação. Na verdade eu queria explorar um pouco as idéias do Arouca nessa área, escapava, tentava voltar pra esse ponto, e ele dizia: “olha, nós temos que lidar com a informação, temos que estimular a promoção, tem que entrar na agenda da saúde.” É fundamental que a gente comece a forçar a barra, a educação e promoção é o caminho, é uma relação importante. Eu trabalhava com as questões relacionadas à imprensa, e o problema é que ela só trabalha com as grandes notícias: ou é descoberta de vacina ou é morte na fila. A rotina, aquilo que acontece no dia-a-dia, não é notícia. Então a gente teria que tentar transformar a rotina numa coisa importante. Eu dizia assim: “pô, Arouca, me dá uma idéia, como é que a gente consegue fazer isso?” Ele dizia: “se não colocar a promoção da saúde dentro da agenda política, você nunca vai conseguir. Porque não vai ser com essa rotina que nós vamos conseguir sair desse marasmo.”

**Guilherme:** Quer dizer que já naquela época ele estava formulando aí essa última tese que ele deixou pra gente: a necessidade de mexer com a alma do SUS, etc.

**Sylvain:** Eu acho, eu acho. E a alma pra ele, como ele conseguia ao mesmo tempo ser teórico e prático... Era engraçado que ele se achava muito mais pragmático do que era de verdade [risos]. Mas ele era um prático. Ele conseguia tocar praticamente as coisas. Mas você sentia certa dificuldade dele em fazer esse trajeto da teoria pro pragmatismo, propor algumas viabilizações. Mas a partir das viabilizações ele era prático. Eu acho que um grande exemplo foi fazer a VIII Conferência, a partir de uma idéia que teve a presença de algumas figuras que devem ser citadas: uma pessoa pela qual eu tenho um especial carinho que é o Eduardo Costa; outra muito especial era o Eleotério; o Eric que tinha um papel também importante de formulador, de liderança. O Eric parecia que tinha um papel menor, mas se você for pensar em todos os grupos de trabalho desde 78, você vai encontrar o nome do Eric. Ele conseguia estar nos lugares certos e discutindo as propostas mais conseqüentes. Sem querer fazer nenhuma comparação, eu me considero muito próximo ao Eric na medida em que eu me considero um soldado, um combatente da reforma sanitária, nesse sentido. Sem as reflexões do Arouca, do Eleotério e de outras pessoas. Sem a consciência da educação do Carvalheiro. E algumas pessoas que sempre trabalharam na...

*Fita 1 – Lado B*

**Sylvain:** ... então são figuras... O José Carlos Seixas, com quem o Arouca tinha discussões mastodônticas! Eram horas! Dois formuladores, dois pensadores que pensavam diferente – e igual em muitas coisas. Então eu acho que eles discutiam muito mais as igualdades do que as diferenças. E eram conversas de horas. Então tenho assim umas lembranças muito interessantes pra pegar e sempre muito positivas, de alguém que estava sempre pronto pra conversar, pra dialogar. Eu acho que a última tarefa dele mostra bem isso. Já doente, em alguns momentos já combalido, quando estava se estruturando a Secretaria de Gestão Participativa, em alguns momentos dava pra perceber que ele estava frágil. Mas com um empenho, com uma força interior fantástica! Ele aceitou encarar uma missão bastante inovadora, que é a proposta de ampliar a participação da comunidade, dos trabalhadores, sair do dilema que equiparava participação a conselho social. E acho que o Conselho de Saúde era (até esse momento ainda tentam ser) um sinônimo de participação social – um dos braços, um dos elementos da participação social. Penso até que uma das coisas que o Arouca gostaria de ter podido trabalhar era um pouco em cima do que hoje acontece com o Conselho de Saúde. Se você for prestar atenção, vai até se assustar um pouco em ver como os conselhos estão se misturando com as conferências. São duas instâncias bem separadas! Devem ser encaradas de formas diferentes, devem ter resultados diferentes. No entanto uma grande parte das reuniões do Conselho Nacional de Saúde está em cima de discutir conferência, quorum de conferência, regimento interno... Em alguns momentos até você se surpreende (não sei, posso estar enganado e espero estar enganado), em alguns momentos parece que o conselho censura o resultado da conferência – no sentido de mudar algumas coisas que saem das conferências e acaba alterando...

**Guilherme:** Mas isso é um paradoxo, porque a instância que preside é suprema.

**Sylvain:** Deveria ser. Se bem que a conferência não é deliberativa, o conselho é. A conferência é propositiva. Deveria se encarada como tendo uma representatividade maior. Mas enfim, eu acho que isso é uma das coisas que, nas conversas que a gente teve pra formação da Secretaria ele tinha a atenção voltada pra isso. Não sabia muito bem como fazer não. Eu acho até que ele pensava (ele, Arouca, com a figura dele) fazer isso de uma maneira diferente do que acabou sendo feito. Eu penso até que ele cometeu um pecadilho ao propor isso. Teve uma discussão dessa na Secretaria (não foi unânime na época essa decisão entre o pessoal de dentro da Secretaria) de propor que o próprio Conselho Nacional de Saúde se transformasse em Comitê Organizador da Conferência. Ele achava que isso poderia ser um caminho pro conselho poder se aperceber da diferença, participando *in totum* da conferência (como Comissão Organizadora) poderia se aperceber um pouco da diferença – e algumas pessoas achavam que deveria haver uma separação mais ampla. Mas ele acreditava nisso, que por esse caminho poderia ser feito alguma coisa nesse sentido. Bom, não deu pra ele levar isso adiante, nem pra avaliar o que aconteceria. Mas não há nenhuma dúvida de que a idéia dele de democratização e de socialização de conhecimento, do processo todo, era de cada vez incorporar mais gente, sempre discutir e trabalhar com as teses de todo mundo.

**Guilherme:** Outro dia eu estava pensando qual seria o campo dessa obra do Arouca. Acho que teria que fazer uma conferência de cientista político, engenheiro de produção, psicanalista, sociólogo, porque ele conseguia fazer uma síntese de uma capacidade extraordinária! Talvez uma das maiores sucessos que ele tinha (além da coragem, capacidade de síntese, etc.) era uma tradução impressionantemente forte de fazer com

que idéia organizada transformasse a vida! Ele olhava pra gente assim, e eu acho que ele tinha um outro olho lá. Você falando, ele ouvindo, ele fazia um mapa qualquer, além da nossa capacidade de compreensão.

**Sylvain:** Você sabe que (ouvindo você falar), dentro desse percurso de análise e síntese que ele fazia muito bem, eu acho que ele ultrapassou esse conceito da síntese. É como se ele pudesse fazer um “sincretismo intelectual”.

**Guilherme:** E com a cultura da Tropicália! Raramente ele dizia: “isso aqui eu não vou colocar na minha agenda.”

**Sylvain:** Esse sincretismo intelectual era do tamanho do mundo – como o coração dele, do tamanho do mundo. Então esse sincretismo intelectual permitia a ele ouvir todas as correntes. O pluralismo que ele exercitou a vida inteira levava (pelas condições pessoais dele) a essa idéia de sincretismo intelectual. Eu não vou dizer que era um sincretismo político, porque seria querer demais também que alguém pudesse juntar todas essas coisas. Mas ele conseguia realmente tirar de todos os lugares idéias, influências. É isso aí. Foi um privilégio poder conviver um pouco com ele.

**Guilherme:** Quando ele dizia “vamos ver aonde a gente chega”, ele não tinha uma idéia pré-concebida, ele construía no caminho.

**Sylvain:** Eu acho que ele tinha uma idéia clara de onde ele queria chegar. Talvez não soubesse como, e ia montando, ia construindo enquanto ele fosse caminhando. Por exemplo, quando ele montou a Secretaria de Gestão Participativa, ele estava procurando pessoas, agregando, ele ia chamando as pessoas pra conversar. Gente que ele sabia que não iria trabalhar com ele. Não chega a ser um ideal, mas ele tinha uma imagem, um objeto que ele jogava lá na frente: “nós temos que ampliar a participação das pessoas, das comunidades, inclusive no sistema de saúde. Nós temos que trazer para dentro do sistema, fazer com que participem do sistema de saúde aquelas entidades pequenas que não são organizadas. Talvez elas não possam chegar ao nível nacional, mas certamente no nível local elas têm condição de falar. Temos que trazer aquelas pessoas que têm voz, mas não sabem onde colocar a sua voz, têm idéias, mas não sabem a quem apresentar. Nós temos que dar um jeito de trazer isso pra dentro do sistema, agregar essas pessoas que estão fora.” Acho que essa seria talvez o grande legado dele: a pluralidade, o respeito à idéia-força, a agregação, o incorporar do novo. Sempre propondo alguma coisa em prol da saúde pública, em prol da população. Essa idéia de que “a população deve receber o melhor” é uma idéia muito próxima da trajetória dele.

Quero deixar registrado o meu agradecimento pela chance de poder deixar um abraço ao Arouca.

*Depoimento de Cristina Barbosa (colega de tai chi chuan de Arouca), no Rio de Janeiro em 08.10.2005*

**Cristina:** Eu me chamo Cristina Barbosa, sou artista plástica e designer gráfica, e eu tinha muita vontade de fazer tai chi, achei que me convinha. E aí durante certo tempo eu passava, via um grupo fazendo tai chi, inclusive para escolher qual grupo que eu iria me incorporar, e o que me chamou a atenção era um grupo pequeno, esse daqui do Estevão, que o Arouca fazia parte, ele estava sempre lá. Eu achei essas pessoas simpáticas e acabei optando por esse grupo. Isso já faz pelo menos 5 anos. Tai chi tem que ter muita paciência, porque a gente sente os benefícios imediatamente, mas para chegar a aprender, a decorar essas “fórmulas”, leva muito tempo. Tem que ter muita paciência e humildade. E isso foi graças ao Sérgio, porque logo depois de três semanas eu já estava desistindo, achei que nunca iria conseguir assimilar essas “fórmulas”, não iria ter memória para isso, e ele falou: “não, no começo eu pensei a mesma coisa e fui em frente, agora já aprendi”. E eu continuei, e realmente vi que é uma memória diferente da que a gente está acostumada a usar, porque é a memória corporal, não adianta nem pensar muito. É claro que você não pode ficar dispersivo, pensando em outras coisas. Mas você se concentrando no que está fazendo, a seqüência vai fluindo. E isso foi graças a ele que eu continuei. E foi ótimo! A gente sempre batia um papo depois da aula, para mim era um privilégio. Depois eu vi, eu nem conhecia ele, não o tinha reconhecido, e aí com o tempo eu fui vendo que ele era uma pessoa muito interessante, e foi um prazer, além de aprender o tai chi, freqüentar esse grupo. Tive o privilégio de ser colega dele. Eu me lembro dele sempre, é como se ele estivesse aqui com a gente ainda [emocionada] A presença do Arouca, que era uma pessoa tão discreta, reservada, e ao mesmo tempo cativante, porque ele se dava, se expressava bem. Então eu tenho a impressão de que ele continua aqui com a gente. Eu sinto muito a presença dele aqui.

**Regina:** O que você está dizendo é da persistência dele...

**Cristina:** Ah, sim! Ele nem era o cara mais jeitoso, não era [risos] Mas eu fico impressionada de como ele aprendeu, inclusive espada muito bem, bastão. Ele encorajou muito a mim e a outros também. A persistência dele, e como o tai chi fazia bem a ele, a gente via, era impressionante. Isso ajudava a gente a querer fazer também.

**Lúcia:** Era um prazer mesmo...

**Cristina:** Ah, é...

**Regina:** Você conheceu um outro lado, porque o Sérgio Arouca era uma pessoa pública...

**Cristina:** Pois é, no começo eu nem tinha me dado conta, pensava: “engraçado, eu conheço essa pessoa de algum lugar”, só depois que eu vi quem era. Mas ele era uma pessoa muito simples mesmo, muito natural, e atenciosa com os outros.

**Helena:** A gente viu em outros depoimentos essa característica que até a Lúcia estava falando, de que quando ele se apaixonava por uma coisa ele a fazia com uma intensidade... Então com o tai chi ele repete esse apaixonar-se e fazer a coisa intensamente...

**Cristina:** É. Ele chegou num nível bastante desenvolvido da...

**Lúcia:** Ele não era nem mais jeitoso, mas ele se dedicava tanto...

**Cristina:** Tem uns como o Eduardo (lembra?) que era um bailarino. Nem o Sérgio, nem a Lúcia, nem eu... Mas o tai chi (e isso é simpático nele) tem esse aspecto generoso, é para todos, qualquer idade, a pessoa com deficiências físicas, todo mundo pode usufruir do tai chi.

**Regina:** E a pessoa tem que estar inteira como ela é, não é?

**Cristina:** É, ele vinha aqui e se dava, só estava fazendo aquilo.

**Regina:** Gostaria de falar mais alguma coisa.

**Cristina:** Não. Não sei se dá pra aproveitar alguma coisa, será que dá?

**Lúcia:** O importante é a sinceridade, a espontaneidade...

**Regina:** A idéia que a gente tem nesse trabalho é mostrar o Sérgio Arouca vivo, onde ele está, não fazer uma coisa passada, que você resgata uma memória, mas que ele está vivo aí nas pessoas, nessa contribuição que ele deu às pessoas, a você mesma...

**Cristina:** E quando eu soube do falecimento dele eu fiquei tão triste, aí eu fui com a Denise lá na Fiocruz, porque o Estevão não estava aí, eu nem me lembro como a gente foi, acho que foi no carro dela, eu não sabia que ele estava tão mal.

**Lúcia:** Pois é, porque um ano depois da cirurgia ele fazia tai chi todo dia religiosamente. A gente trabalhou o tempo inteiro com a possibilidade de poder transformar aquilo, encarar aqui com muita esperança, nada é uma sentença de morte. O próprio Arouca, depois da cirurgia que foi 23 de maio [de 2002], se dedicou mais ainda ao tai chi. Ele vinha sempre, sempre... E fez muito bem mesmo. Até no momento da passagem dele para um outro plano (porque eu não consigo enxergar de outra maneira) a Denise foi lá em casa, eu pedi para ela ir, para trabalhar essas energias. Foi até bonito o encontro.

**Cristina:** Quer dizer que ele foi bem receptivo?

**Lúcia:** Foi bem receptivo, ele adorava! Eu acho que na vida nada é à toa, acho que tudo tem o seu tempo, o seu lugar, e de alguma maneira esse tempo foi para trabalhar algumas coisas que a gente está Tateando ainda, da transcendência das coisas...

**Cristina:** Aliás, ele tinha essa idéia de que o tai chi fosse divulgado de uma maneira mais ampla...

**Lúcia:** Quando ele foi secretário Municipal de Saúde do Rio, ele falou com o Estevão e com a Denise que ele queria botar o tai chi como uma questão de saúde pública, uma prática popular, para poder realmente todo mundo se beneficiar, como tem vários que se beneficiam. É uma sabedoria realmente milenar. Então essa sabedoria para ele era uma

coisa muito clara de que todos esses saberes deveriam estar disponíveis de uma forma muito mais ampla. Ele tentou isso. Mas está acontecendo de alguma maneira...

**Cristina**: Aliás, eu ouvi dizer que numa cidade do interior de São Paulo, Itu se eu não me engano, não sei se é uma iniciativa da Prefeitura (quem me contou isso foi o Estevão), parece que eles fazem nas praças, um trabalho com as empresas... Os próprios patrões definem um horário para os funcionários. Uma coisa pública. Aquela ginástica de alongamento que a gente faz antes, aquilo é fantástico!

*Depoimento de Estevão Ribeiro (professor de tai chi chuan de Arouca), no Rio de Janeiro em 08.10.2005*

**Estevão:** Meu nome é Estevão Ribeiro, sou professor de tai chi, pratico tai chi desde 1975 (faz 30 anos então que eu estou trabalhando com tai chi). Eu conheci o Sérgio quando eu comecei a dar aula na ASBANTHO, que é uma escola de acupuntura e comecei a dar um cursinho lá de tai chi, ele apareceu e eu nem sabia quem era o Sérgio Arouca. Aí as pessoas chegaram pra mim e disseram: “olha, esse é o Sérgio Arouca.” E eu: “ah, e quem é o Sérgio Arouca?” Eu realmente não tinha noção de quem era o Sérgio Arouca. E pra falar a verdade eu achei que ele não ia continuar, porque ele se apresentou dizendo que já fazia tai chi em Brasília com a professora Tânia, que é uma grande amiga minha, e como era um outro estilo que é um pouco mais fácil, eu achei que ele não ia continuar, que ia ser uma coisa difícil pra ele, mesmo porque ele já estava numa idade um pouco avançada, e na época nós estávamos fazendo movimentos de outra técnica, que é a de kempo, porque lá na ASBANTHO nós dispúnhamos de colchonetes, então tinha todo um movimento de chão que exigia muito do joelho. Então eu comecei a achar que ele não ia agüentar. Ele seguiu, outros alunos mais jovens que ele pararam de praticar e ele seguiu em frente, e foi uma surpresa ótima, uma pessoa maravilhosa, a troca foi muito boa. E quando eventualmente a gente resolveu procurar um espaço maior, ele é que nos deu a idéia de vir trabalhar no Jardim Botânico. E foi uma coisa maravilhosa, eu estou aqui no Jardim Botânico graças ao Sérgio. O Sérgio era uma pessoa (comigo pelo menos) que falava muito pouco. Até às vezes eu perguntava assim: “como é que um político pode falar tão pouco?” Pelo menos assim, eu sei que lá nos comícios ele deve botar esse lado dele pra fora, mas realmente dos meus alunos, das pessoas, ou mesmo dos meus alunos quando a gente saía pra tomar um café depois pra um papo, o Sérgio era uma pessoa de poucas palavras. Falava aquilo necessário. Então isso também me impressionou, porque isso já calhava mesmo como uma pessoa que tinha o espírito do tai chi dentro dele: uma pessoa que fala pouco, observa muito e é muito sensível. O que mais me tocou no Sérgio foi a dificuldade que ele tinha com o corpo, e como ele batalhou através do tai chi pra superar essa dificuldade. Então o que no começo era uma movimentação meio descordenada, que eu achava que aquilo não ia ter jeito com ele, aos poucos ele foi suavizando, a movimentação dele ficou cada vez mais delicada, cada vez mais precisa, e isso me impressionou. Era uma pessoa que estava ali, uma prova viva dos efeitos benéficos do tai chi numa pessoa que tinha uma série de bloqueios corporais claros, evidentes. Logo que um professor de tai chi vê um aluno desse tipo, pra ele é evidente os problemas que ele vai ter com o próprio corpo. [pausa] Num determinado momento, o Sérgio chegou pra mim... Como todo aluno de tai chi, tem um determinado momento em que ele sente necessidade de dar um passo mais profundo do que simplesmente aquelas aulas que a gente tem aqui, duas vezes por semana. Todos têm esse momento, alguns logo no princípio, outros depois de algum tempo, mas é exatamente nesse momento que a pessoa pede pra ter aula particular. Foi o caso do Sérgio, ele disse: “eu preciso, eu estou sentindo que...” Foi quando ele se tornou secretário Municipal, que o tempo dele encolheu mesmo, e interessantemente foi o momento em que ele mais treinou, no momento em que ele tinha menos tempo foi quando ele mais fez tai chi, porque aí ia eu ou a Denise todo dia de manhã praticamente, umas três vezes por semana nós íamos na casa dele de manhã cedo pra dar aula. Foi então que realmente nós começamos a falar do tai chi, as idéias que ele tinha de passar o tai chi pra população em geral, como seria esse projeto, e através dessa idéia mesmo começou a surgir como fazer um curso de preparação de instrutores de tai chi. Essa

idéia infelizmente acabou não acontecendo, por uma série de outras razões, houve o problema da dengue, houve o problema da posição dele ali dentro mesmo. Mas foi feito o projeto, ao mesmo tempo o pessoal de acupuntura estava trabalhando junto com a gente, o pessoal da ASBANTHO. Isso tudo deu uma força pra mim pessoalmente de começar a ensinar. Porque um colega meu de Porto Alegre, professor de tai chi, esteve aqui na época, e falou: “você tem que fazer isso, porque se você não fizer outras pessoas menos preparadas que você vão fazer.” E o Sérgio falou assim: “realmente, de todos os professores de tai chi que eu conheço, você é o que tem mais condições de fazer esse trabalho.” Então surgiu o projeto, nós fizemos o projeto, que acabou não vingando a nível principal, e acabou virando um curso meu mesmo particular de formação de instrutores. Isso foi uma coisa que eu agradeço a ele porque ele foi uma pessoa que me estimulou a fazer o curso.

Nessa época também ele mostrou dentro do tai chi uma preferência pelo sabre. Ele tinha assim uma disciplina que eu acho exemplar, ele fazia duas formas tradicionais todo dia (segundo ele), cada uma delas com umas 80 posturas mais ou menos, no total 160 posturas e, além disso, ele quis aprofundar a questão do sabre. O tai chi chuan veio de uma tradição marcial, e foi só no começo do século XX que ele começou a ter essa conotação pra saúde maior. Ele sempre foi um exercício que envolvia a saúde, mas até os anos 1920, 1930, a tônica dele era enquanto arte marcial. Dentro do currículo do tai chi você tem todo esse arsenal de armas: espada, sabre, kuan tao, que são armas tradicionais chinesas que não são mais usadas. E como é que elas entram no tai chi hoje numa questão de saúde? Essa foi uma questão que o Sérgio me perguntou. Porque você tem essa atitude marcial que é o homem que destrói, e você tem a saúde que é o homem que constrói. Como é que você encontra esse meio-termo? Então a gente trabalha muito essa questão de que o tai chi (diferente de todas as outras artes marciais) é uma arte por si feminina: ele cede, ele ensina a pessoa a ceder. Isso teve uma importância grande no final do século XIX e início do século XX quando a China começou a afundar, todo aquele poder, o Império, cai nas mãos dos ocidentais, e os ocidentais invadem a China, começa com a Guerra do Ópio, um monte de trambulhão que acabou finalmente na Revolução Comunista, mas nesse meio-tempo o tai chi se apresenta como uma arte marcial que não é agressiva. É um pouco (se a gente comparar) como a nossa capoeira, que se transformou em dança pra não ser proibida. O tai chi pegou muito essa coisa da saúde pra não ser também proibido. Então essa passagem histórica, que pega uma “classe chinesa” que estava sendo perseguida... Porque o próprio império era Manchú, desde 1640 estavam sob a Dinastia Manchú que era uma dinastia estrangeira. Então o tai chi vem como aquela arte que não vai representar nenhuma ameaça. Ao mesmo tempo você praticava seu lado marcial, e ao mesmo tempo você inseria toda a filosofia chinesa dentro. O tai chi foi essa coisa que foi utilizada com várias bandeiras durante a história dele, e a bandeira da saúde é que fez o tai chi ter essa divulgação mundial. Inclusive no Ocidente poucas pessoas sabem que é uma arte marcial, como eu me lembro que há não muitos anos atrás as pessoas olhavam pra capoeira e não levavam a sério porque achavam que aquilo era uma dança – hoje em dia principalmente pro brasileiro está muito claro que ela é uma arte marcial. Mas voltando ao tai chi, a questão do sabre e a saúde: como ver uma arma e usar essa arma, esse instrumento, como cultivo pra saúde. Foi o que eu expliquei pro Sérgio. Ao utilizar a arma você batalha contra os seus próprios demônios, essa é a grande questão. Porque o grande inimigo do ser humano hoje é ele mesmo. Tem até um professor antigo de tai chi que dizia: “a arma que mais mata o ser humano hoje em dia no mundo moderno é o garfo e a faca.” O que você come? O que você põe pra dentro de você? Como é que você lida com a vida? Especificamente quando você faz movimentos de sabre você está atacando, defendendo,

you have a imaginary fight on your head, but your enemy is you. How to defend yourself using a feminine practice *a priori*, you give up. Then you give up for yourself to be able to have a dominion over yourself. Then instead of simply you taking away, you stay self-repressing, you let your demons out, your phantasms, to be able to look at them face to face, and know what is the game that your demons are doing with you. To adhere to these demons and be able to deal with them, this is the art of tai chi. And when finally you succeed, not through force, but through this giving up, fusing with your own demons, and reaching what people call the equilibrium of yin and yang. Because it is very difficult for you to win your demons through violence, you only give more force to your demons when you use violence. This question of you knowing when to give up, not ignoring your demons and at the same time adhering to them, this is the only chance that you have, through softness, to be able to control your demons. I think that this idea passed very well for him, and the sword was really his preferred weapon. Back in the day people worked with their hands free, and he: "I want to make sword, sword". He also made a sword, but with the sword he had a preference. To make a difference between sword and sword, is that the sword has the cut on both sides and the sword is half rounded, it has the cut on one side only. Another interesting thing is that in the history of China the sword was the weapon of the intellectual, and the sword was the weapon of the people. Eventually if he knew that was not through me. It was coincidentally the weapon of the people that he chose [laughs], it was the weapon that he wanted to handle.

What more to say about Sérgio? So much. The few moments that we had... I also had the last time that I saw Sérgio was right after he left the house, that I went to make that visit to his house. Absolutely I did not have the impression that it would be the last time. For me it was a man who had taken a big beating (like many that he took in his life) and was getting up again. He got up, the attitude of him was always that of a great warrior. For me he was not passing... It was a surprise when I found out that that was the last time that I saw him.

*Depoimento de Denise Queiroz (professora de tai chi chuan de Arouca), no Rio de Janeiro em 08.10.2005*

**Denise:** Meu nome é Denise Queiroz, sou professora de tai chi, aqui pelo Grupo Art'Chi, desde 1988 a gente está trabalhando com o tai chi através desse grupo. Na época que o Arouca chegou (vou ser bastante sincera), eu não sabia que ele era ele. Então a gente dava aula no Humaitá na época, na Sociedade Brasileira de Acupuntura. Eu cheguei para dar aula e tinha lá um senhor interessado em fazer a aula. Aí eu fui... “Sente aí, veja como vai ser a aula...” Eu não sabia que era o Arouca, e perguntei a ele: “qual é o seu nome?” Ele respondeu: “Sérgio”. Aí eu comecei a dar aula. Isso eu estou contando porque foi o primeiro aprendizado que eu tive com o Arouca, porque quando eu o olhei fazendo esses exercícios que a gente fez hoje, a forma, eu pensei: “ah, ele não vai conseguir, vai ser muito difícil o tai chi, esse aluno não vai ficar.” Foi um grande aprendizado, porque em poucos meses ele se tornou o nosso melhor aluno. E eu só fui saber que ele era o Arouca um mês depois, porque um dia um aluno olhou pra ele e perguntou: “você não é o Sérgio Arouca?” Porque eu conhecia de nome, mas não sabia quem era. Então eu me toquei: “tem um médico, sanitarista, numa escola de acupuntura, fazendo tai chi? O que é que está acontecendo na cabeça dele?” Ele foi crescendo muito com o tai chi, se envolvendo, e a gente foi ficando muito amigo. E aí logo depois a gente começou a fazer aqui no Jardim Botânico. Então ele antes de adoecer acredito que tenha ficado aqui com a gente um ano, um ano e pouco, fazendo tai chi diariamente, aprendeu as formas, o corpo físico do Arouca não era um corpo que estava pronto no primeiro momento pra fazer tai chi, mas ele tinha uma abertura pra experimentação, uma determinação de guerreiro (não é à toa que ele veio parar numa arte marcial), mas que ao mesmo tempo trazia todo um novo enfoque à questão médica. Acho que isso foi o grande encontro que a gente teve (não só a gente), de receber uma pessoa que estava na área de pesquisa, que tinha um trabalho de comunidade, que tinha vários trabalhos na área de saúde, e ela se abriu pra experimentação de uma prática que vem pautada numa medicina que não é a nossa, pra mim já era um privilégio muito grande a gente poder ter essa troca. Tanto que a gente brincou muito, porque vários paradigmas ali da medicina chinesa ou da própria arte chinesa, na qual o tai chi está bastante fincado, produz muitas vezes um choque com a medicina tradicional nossa. E ele ajudava muito à gente a não só trazer esse olhar, desmistificar o nosso olhar em relação à nossa medicina, e ele desmistificar o seu olhar em relação ao que a gente trazia de uma outra cultura. Então eu acho que isso foi um grande encontro. O corpo físico não dando conta, mas ele dominando... Eu acho que foi porque já foi um pouco no final, sabe? Senão ele teria até conseguido ficar melhor com o corpo dele. E todos os mestres que vinham ele ia... O próprio Estevão representa um mestre, e trazia pro Brasil, ele participou de todos os workshops, a gente até brincava porque ele fazia dois estilos de tai chi: o estilo que a gente faz, que é às vezes um pouco mais agitado, e o estilo mais tranquilo, que é o estilo Yang. E ele dizia que de manhã fazia o estilo Chen, e de noite fazia o estilo Yang. Então não só ele estava aqui, mas eu mesma fui professora particular dele (e de muitos), ia lá na casa dele, naquele cantinho, treinar sabre. Como ele fazia aquilo no cotidiano dele, aquilo começou a fazer parte. Com o próprio pessoal lá da Fiocruz ele ficava nas reuniões já fazendo assim, nas próprias reuniões [faz um exercício de ombros], que é todo um trabalho de movimentação, de harmonia com o vento, com a natureza, com a circulação da nossa energia, quer dizer, é um enfoque, é um paradigma, é uma outra maneira de se ver, se relacionar e de se experimentar. Movimento, saúde, atitude em relação a você e à sua própria saúde, que eu acho que nisso ele foi pra mim como

professora foi até um grande aprendizado, porque eu confesso que o meu primeiro pensamento quando ele entrou era de que não ia dar conta de chegar aonde ele chegou.

**Regina:** Você acha que o tai chi mudou a concepção dele da medicina?

**Denise:** Mudou muito! Eu sou *chiatsuterapeuta*, a gente chegou a trabalhar com chiatsu, eu cheguei a fazer chiatsu no Arouca, cheguei a dar aula particular de meditação pro Arouca quando ele fez a cirurgia, tinha tido câncer, ainda se recuperando da cirurgia a gente começou um trabalho com meditação. Ele teve um trabalho de mudança de alimentação, tanto que ele narrou, ele chegou aqui um dia e falou: “fui ao médico e ele falou pra mim que eu estou curado” – pelo menos daquela primeira etapa. “To curado, e o médico virou pra mim e falou: ‘ó, são essas coisas que você está fazendo’”. Então ele integrou aquilo, sabe? Que eu acho que eu já vi muita gente passar no tai chi, e a gente vê que cada um tem um tempo de pegar isso, porque isso não é uma coisa que a gente vem aqui e faz, é uma coisa que a gente faz, a gente leva e tenta estar de alguma maneira se aproximando dessa experimentação, e chega uma hora que fica um pouco mais móvel, mais flexível, mais relaxado. E ele era muito aberto pra experimentação. Coisa de guerreiro, até a hora de morrer. Eu estive com o Arouca, e isso foi uma coisa muito forte, porque... Eu estive com ele até o último dia na casa dele, e é claro que eu sabia que naquele momento não dava, eu via ali que não tinha mais energia, que a morte... Que eram os últimos momentos. E a gente se comunicou na linguagem do tai chi. Ele sabia que estava morrendo, eu sabia que ele estava morrendo, a gente fez os gestos do tai chi (que vocês viram, a gente faz muito) que é: concentra a sua energia, pega sua energia, relaxa e vai em paz... A gente se despediu assim. E eu sabia que ele tava entendendo tudo, e eu tava também entendendo. Então aquilo pra mim foi uma prova de que... Primeiro que pra mim ele nem morreu, só o corpo físico dele que não deu muita conta. Mas eu tenho certeza que ele faz muito tai chi, e que o pouco tempo foi muito. Isso ele levou com ele, certamente teve uma morte muito mais tranqüila, em alguma coisa na vida dele isso teve um peso bastante grande. Muito grande. E no dia seguinte, dois dias depois, quando eu chego ao Jardim Botânico, não é que tem... Porque aqui as garças são uma por lago, não podem ter duas garças num lago que elas definem o seu espaço. A garça tinha tido um filhote. Então quando eu cheguei aqui tinham duas garças. Então era uma coisa assim de presença. Mesmo secretário Municipal de Saúde o Arouca fazia tai chi. Eu ia sete horas da manhã pra casa dele dar aula antes dele ir pra Secretaria. Era uma pessoa de muita presença, e nesse espaço aqui... Eu sei que isso era uma coisa muito pequena dentro das grandes coisas da vida que ele fazia, das quais ele se ocupava, mas isso daqui eu sei que pra ele era a grande fonte, que fez com que ele perdurasse mais. E eu acho que aquele tombozinho que ele deu foi a vida falando assim: “vamos amenizar tudo, vamos tornar tudo um pouco mais fácil pra essa pessoa, porque ele está fazendo tudo certo, ele está compreendendo tudo que está acontecendo com ele, só que o corpo não vai dar tempo de...” Pra mim o Arouca é isso. Hoje eu cheguei aqui e tinha uma garcinha voando, então assim, a natureza, o Jardim Botânico, as cinzas dele estão ali naquelas árvores. Então a gente tem muito essa presença, como um aluno que foi muito importante pra gente, e especialmente o tai chi foi muito importante pra ele.

**Regina:** Você acha que foi então um aprendizado, porque ele passou a vida falando em mudança, fazendo projetos de mudança, e a sensação que eu tenho é que quando ele chega ao final da vida ele percebe que ele deveria se transformar junto.

**Denise:** E que na medida em que ele se reportasse pra esse olhar... Até porque tinha a coisa da política, e a política é realmente uma coisa de ideologia, porque chega um momento em que você se esquece de você e vai em prol de uma idéia, de uma ideologia, e que com isso ele conseguiu algumas coisas maravilhosas, mas em algum momento chega esse ponto. E não só isso: de que em algum momento a coisa tinha que se virar pra ele. Mas quanto mais se virasse pra dentro dele e mais se movimentasse pra dentro dele, as coisas em volta iriam por si sós se mostrando diferentes. Então é um pouco a lei do menor esforço: tem o esforço de trazer pra si, de trazer esse olhar pra dentro, de resgatar uma movimentação que está nessa árvore que está se mexendo na hora que eu estou falando, desse vento que está batendo, quer dizer, de saber que isso tudo está acontecendo, e que nós fazemos parte disso nesse momento. Eu acho que teve essa experiência muito forte pra ele.

**Regina:** Talvez a gente pudesse pensar, se ele tivesse um pouco mais de tempo, que essas transformações que estavam acontecendo com ele seriam transpostas também para a saúde pública...

**Denise:** É, aí é uma coisa muito... Eu acho que ele ainda vai fazer esse trabalho quando ele voltar. Nada disso acabou, muito pelo contrário. Eu acho que ele continua. Mas eu acho que isso foi muito importante, especialmente de ver que não tinha muito esforço, porque aquela coisa do guerreiro, a gente tem que fazer um esforço... Tem um esforço do contato, mas você vai relaxando, vai entrando, as coisas vão se mostrando íntegras e vão mudando junto. Isso foi o grande barato. Por isso que eu digo que na hora da morte dele, ele estava mais consciente e ele foi mais ameno, se desapegar dos amores, das coisas, e muitas novas coisas começando pra ele. Como um bom leonino ele tinha vontade de muitas coisas ainda. Então isso deve ter ajudado muito a ele a confiar, e eu acredito que isso vai voltar junto com ele sim, sem dúvida, aí, em algum lugar... Como eu acho que ele está aí com a gente, não é só na memória, é nesse etéreo assim, sabe? A presença dele está marcada, ele está aí, no Jardim Botânico, nas árvores, a energia dele, o corpo físico dele, a poeirinha dele está aí... Então isso reverbera na nossa lembrança. Quando eu falei aquilo naquele texto, é porque era essa sensação que eu tinha, é uma pessoa presente. Mesmo na política, nos presidentes, nas campanhas, naquelas maluquices, ele estava muito inteiro. O que pra mim foi um grande aprendizado. Quando a gente é professor a gente é aluno junto, aluno está sempre ensinando, e com ele a minha grande lição foi essa. E de ver que na área de saúde algumas coisas... Ele fez radioterapia, algumas coisas dessas, e a questão de estar fazendo tai chi, de estar fazendo alongamento, minimizou um pouco alguns efeitos colaterais. Eu tenho certeza que o tai chi minimizou bastante, pra saúde física dele, as dores, eu acho que recuperou mais rápido. Enfim, obrigada por participar. O Arouca é do meu coração, foi uma pessoa muito importante pra mim pessoalmente, pro meu trabalho aqui do Jardim Botânico.

## *Depoimento de Lúcia Souto realizado no Rio de Janeiro em 08.10.2005*

### *Fita 1 – Lado A*

**Lúcia:** Quero falar um pouco do encontro da gente. Foi um encontro num momento de vida de cada um de muita maturidade. E um amor assim muito contundente, muito transbordante. Uma afinidade gigantesca, aquela sintonia fina, onde há um entendimento muito profundo. Então de certa maneira pra mim esse convívio nosso foi uma coisa onde talvez o que mais chamava pra minha vivência desse encontro foi o prazer, a alegria, o bom humor, o tempo inteiro muito parceira e, sei lá, muito amorosa. Então esse Sérgio Arouca pra mim... Eu até brincava, chamava ele de Antônio. Porque era assim uma pessoa inteiramente despojada. Eu acho que uma das grandes qualidades pra mim do Arouca era o despojamento, a simplicidade, a despreensão. O Arouca tinha uma capacidade de ouvir as pessoas que era uma coisa assim impressionante! Era uma qualidade essa capacidade profunda, não era uma coisa superficial. Era de uma profundidade essa capacidade de ouvir! Então é por isso que eu acho que talvez ele causasse uma impressão tão forte e tenha conseguido construir (por conta dessa qualidade) uma coisa que é muito forte: onde ele entrava, ele juntava o que havia de melhor nas pessoas. Eu acho que tem gente que consegue fazer aparecer o que tem de pior em cada um. O Arouca sempre conseguiu fazer aparecer o que havia de melhor em cada um. Todos nós somos seres complexos, com problemas, dificuldades, então eu acho que essa capacidade de reunir o que há de melhor nas pessoas... Muita coisa que eu vejo da própria Fundação Oswaldo Cruz que foi um marco, eu acho que tem essa qualidade também muito forte de ter sempre... Nunca teve medo da inteligência dos outros, sempre deu chão pra todo mundo, quem quisesse criar, quem quisesse se manifestar, quem quisesse fluir, viver e se expressar estava livre pra qualquer coisa. Então era uma pessoa de uma, por ser uma pessoa libertária, livre, proporcionava isso pra quem estava junto dele. Então ele não tinha essa coisa que todo mundo tem de ficar controlando o outro, tinha uma coisa de estar proporcionando essa liberdade das pessoas estarem criando em volta dele, ele também junto, como parte. Outra coisa também que era muito sincera nele (e vivendo junto intimamente isso fica muito notável) era a humildade. Não uma humildade dessa careta, mas uma humildade de quem sabe limites, percebe que tem limites. Ele nunca se julgou um homem perfeito. Essa compreensão da sua própria humanidade, da sua própria fragilidade, era uma coisa maravilhosa, porque também fazia dele uma pessoa muito comum. Por isso que eu acho que muita gente do povão gostava dele. Uma coisa também que eu acho interessante desse caráter livre, despojado, simples e amistoso, é o fato também dele ser muito semelhante também ao Papai Noel, né? Então as crianças muitas vezes ficavam assim: “olha lá o Papai Noel!” Eu lembro uma vez que ele estava em Brasília e tinha uma porção de crianças em fila assim correndo atrás dele: “é o Papai Noel...” Aí ele fez assim: “ssssshhhhh! Estou de férias, não fala pra ninguém” [risos]. Então essa coisa era deliciosa! Outra coisa que chamo atenção quando eu falo disso é o bom humor. Ele era bem humorado. O humor pra ele era parte da vida, sabe? A felicidade, era uma pessoa que tinha muitos prazeres nesse sentido. E eu acho que nessa dimensão toda, ele conseguiu também momentos de grande coragem (é como eu chamo). Por exemplo, quem no auge da carreira, quando ele era presidente da FIOCRUZ, larga a Presidência pra uma aventura que era ser vice-presidente de uma chapa completamente fadada a *esse* sucesso. Porque a gente tem uma medida de sucesso que é totalmente careta também! Então na verdade ele nunca trabalhava com essa coisa meramente de fracasso e sucesso. Pra ele era estar se desbravando caminhos. Então largar a FIOCRUZ (todo mundo perguntava como é que

se sai da Presidência da FIOCUZ) e se jogar numa aventura – uma aventura entre aspas. Mas era sempre essa questão civilizatória. Essa compreensão de que estamos aqui... Não era uma coisa teórica, era uma coisa de experiência mesmo. Da mesma maneira como acumulou a Presidência da FIOCRUZ com a Secretaria Estadual de Saúde abrindo mão de um salário. Da mesma maneira como vai também pra situações completamente inesperadas, como ser secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro numa circunstância adversa, tomar posse no Conselho Municipal de Saúde pra mostrar o compromisso dele. Toda aquela aura em torno dele de ser um dos protagonistas, um dos sujeitos da construção dessa magnífica luta de reforma democrática do Estado que é a reforma sanitária brasileira. Eu acho que é também essa compreensão de que não tem República no Brasil sem povo. O Brasil sempre teve uma democracia restrita, um pacto de meia dúzia. Talvez a experiência da saúde seja a mais notável experiência de democracia com povo no seu nascimento. A chamada gestão participativa nasce com a chamada reforma sanitária brasileira. E ele foi uma das pessoas que bancou isso. Muita gente naquele período, embora fizesse parte dessa luta que era chamada “Saúde é democracia”, achava que não se devia fazer uma VIII Conferência com tanta gente – havia que dissesse isso. E ele dizia: “não, tem que ser uma multidão”. E essa multidão é que faz a diferença. Então havia também essa compreensão de estar junto de outros, essa participação ampla nunca o incomodou, ao contrário. O Arouca convivia com muita facilidade com essa complexidade, perdendo ou ganhando. Outra coisa também: ele dizia “eu tenho lado, eu não pretendo sempre ganhar!” Eu me lembro até que em algumas disputas na FIOCRUZ o pessoal dizia: “Arouca, você está acima dessa disputa, não precisa se posicionar”. Ele dizia: “não, eu tenho lado, posso me posicionar. Eu posso perder, não tem problema nenhum”. Então esse tipo de coisa dele é sensacional! Não é uma pessoa da acumulação, é uma pessoa do despojamento. Foi esse lado do Arouca que pra mim foi sempre uma coisa encantadora, transformadora. Essa coisa de mergulhar nas coisas que fazia como no *tai chi chuan* que a gente estava comentando. Como ele... Desde vídeo, desde literatura, desde fazer exercício durante 4, 5 horas seguidas, pra poder de fato ir ali entendendo não só a coisa da experiência corporal daquela coisa, mas também mergulhando naquela compreensão, do que era isso afinal de contas: é energia, o *chi*. Algumas pessoas até, quando ele falava da energia, do *chi*, perguntavam: “mas que piração é essa? E ele dizia: “não, o *chi* existe”. Também uma quebra de uma racionalidade que a cultura ocidental tem muito, e que na verdade ele vivenciou muito isso. Nada pro Arouca era uma coisa sem emoção, sem essa coisa apaixonada, sem essa coisa envolvente, sem essa coisa amorosa. Então realmente eu acho que essa coisa do amor, da paixão era uma característica muito profunda do Arouca. E na verdade eu acho que nesse momento assim da vida dele, dessa partida pra outro plano como eu digo, foi o momento da gente estar... Eu acho que fizemos ali uma dupla também muito importante de estar trabalhando a superação, e fora a energia dele também de estar enfrentando. Em nenhum momento a gente achou que aquilo era uma condenação de morte. A doença, o câncer, conversamos abertamente sobre isso, e de uma maneira também a superar, quer dizer, a esperança... Não vivemos a doença, vivemos a superação dela. Então isso eu acho que foi uma coisa marcante dessa vivência, tudo, desde essa coisa de algumas pessoas acharem: “ah, não, deixa”. Até nos últimos instantes, eu disse assim: “não, o Arouca é um guerreiro, enquanto ele estiver guerreando a gente vai ter que estar só apoiando essa luta”. Num momento já... E tudo foi muito, até esse momento dessa ida, foi um momento de muita tranquilidade. Estávamos assim ao lado dele, eu, uma das minhas filhas, a Maria, a Nina e a Luna. E foi uma coisa tão incrível, porque era um sorriso, a respiração foi se espaçando, e não tinha um ar de sofrimento. E a gente não teve também nenhuma... Simplesmente

ficamos ali juntos, juntos dele naquele instante, naquele momento. Pra mim assim falar mais do Arouca é muito difícil, tudo está presente na vida, nas coisas, eu acho hoje (não achava isso antes com essa força com a qual eu acho hoje) que tem muito mais coisa que a gente precisa aprender, abrir outros canais de percepção, outros canais de compreensão do que é essa coisa chamada vida. E eu tenho muita convicção de que tudo continua de alguma maneira, não é uma coisa abstrata, não é uma coisa assim pra se conformar, de fato existem muitas outras coisas. Pra mim isso foi um testemunho muito vivido, muito experimentado, talvez até um fator que possa ter me permitido ter ultrapassado e ter feito essa travessia, dessa perda. Acabar de alguma maneira encontrando nesse processo de vida outras possibilidades que a gente vai abrindo, vai encontrando...

**Regina:** A sensação que eu tenho, Lúcia, a impressão que a gente teve conversando lá com o pessoal do *tai chi*, é de que como ele sempre estivesse vivenciando esse processo que o professor Estevão e a professora Denise, que o *tai chi* é um processo, é um “aqui e agora”, tem uma utopia lá longe que você está sempre alimentando, mas você não tem aquilo: “tenho que chegar de qualquer maneira! Por cima de tudo”. Quer dizer, viver o processo em toda a sua intensidade.

**Lúcia:** É, eu acho que é isso mesmo. Até eu acho que essa própria experiência do Arouca com o *tai chi* deu a ele um outro instrumental pra aquele momento, onde ele estava mais fragilizado, mais vulnerável. E uma capacidade também não só de estar batalhando pra superar aquele momento, mas também de estar muito amoroso naquele momento, o tempo inteiro era uma coisa de dizer a todo mundo “te amo”. E essa coisa que você fala do processo, de fato, tudo na vida é um processo, é um processo aqui e agora, como é que a gente vai construir esses encontros, sei lá, pra mim toda essa experiência de convívio, eu sempre achei que o amor é uma força assim, eu até dizia muito antes que pra mim o amor é a questão política do século XXI, política mesmo. Essa coisa de você estar superando uma lógica do “cada um por si e salve-se quem puder”, pra estar construindo um mínimo de vínculos mútuos, um mínimo de reciprocidade, isso exige muita maioridade, muita compreensão do papel, da presença do outro na sua vida. Então essas questões que vão do microcosmo ao macrocosmo são também muito construídas, é uma construção no dia-a-dia. Então essa experiência nossa amorosa, essa nossa experiência de convívio, de estar junto, batalhando, foi também uma experiência que acrescentou muito! Acrescentou muito, e eu acho que o testemunho é a própria vida da gente, é a maneira de estar podendo fazer as coisas com muita simplicidade, porque pra mim isso também é uma característica que talvez tenha permitido essa reunião, essa compreensão de que as coisas têm que ser muito simples, muito despojadas. É uma arte essa simplicidade, mas ela é *absolutamente* essencial. A simplicidade é uma coisa vital! E eu acho que essa coisa também juntou muito a gente, essa capacidade de estar identificando, e às vezes tem que ficar assim perdendo, ganhando, vivendo. Até romper com esses incontinentes, que a gente está tão amarrada a eles às vezes.

**Regina:** Ele tinha uma grande capacidade agregadora, era uma pessoa que agregava, que juntava. Você estava falando dele às vezes juntar forças diferentes. Nas entrevistas que eu fiz na FIOCRUZ, as pessoas disseram que ele tinha a capacidade de pegar pessoas opostas, como você está dizendo, aproveitar o melhor de cada uma pra conseguir fazer um trabalho coletivo. É muito difícil, não é? O coletivo.

**Lúcia:** É. Isso eu acho uma coisa inequívoca. Tanto que eu acho que o método, alguma maneira, mesmo que não seja o método, mas uma maneira de você se colocar, eu acho que essa coisa agregadora era uma coisa notável, de estar juntando, estar trabalhando intuitivamente essa complexidade toda. Era uma coisa libertária, despojada, simples e muito corajosa. O Arouca era um homem *extremamente* corajoso! Corajoso naquela coisa do dia-a-dia, naquela coisa mínima. Nunca se burocratizou, o Arouca não conseguia se burocratizar. Nunca foi um burocrata, entendeu? Ele sempre foi um homem da vida, do mundo, um homem libertário, que estava disposto o tempo inteiro a correr riscos, a entrar em desafios, sem se preocupar se ia perder ou ganhar. Isso é que eu também acho uma característica extraordinária. Não estava em jogo isso, não era isso que importava, era o processo dentro dessa coisa, era realmente estar lidando e se entregando a essa coisa, de uma maneira simples, sem idealização. Essa coisa eu acho também (repetindo) que era muito forte no Arouca: não se achar um super-homem (uma pessoa simples), e era uma pessoa que sabia de suas limitações, da sua humanidade, nunca virou um personagem. Porque tem gente que às vezes assume um determinado tipo de responsabilidade e acaba virando um outro ser, um personagem. Ele não. Do jeito que ele estava em qualquer lugar ele ficava o tempo inteiro com aquela... Não tinha uma *persona*, não tinha uma outra cara. E isso talvez fosse uma coisa amável dele, não é?

**Regina:** Lúcia, o que significava pra ele política?

**Lúcia:** Política era parte integrante da vida dele – no sentido amplíssimo da palavra. Política enquanto transformação civilizatória, enquanto engajamento público. Eu estava ouvindo o Estevão falar da arma preferida dele no *tai chi* (que era o sabre, a arma do povo), era inerente à vida dele, ao caráter dele estar envolvido, ele não se omitia. Quando eu digo que o pessoal falava “você está transcendendo isso, não precisa se posicionar”, ele dizia “não, eu tenho lado, tenho posição”. E isso, por exemplo, se revelou muito na campanha última do Lula. O PPS, ele, eu também era do PPS (ambos fomos parlamentares por 8 anos do PPS no Rio de Janeiro, eu estadual). Mas dentro do próprio Partido Popular Socialista ele foi uma das lideranças pelo apoio ao Lula. Essa coisa pra ele era muito clara, a importância desse posicionamento, ele adorava o Lula! Dizia: “eu gosto do Lula, acho o Lula simpático, olha a cara dele!” Então com essa coisa dele, eu tenho certeza que ele continuaria Lula, porque eu acho que ele tinha essa consciência de que é muito complexa, e a própria experiência da reforma sanitária que eu acho que ela foi uma coisa que antecipou na área da saúde... Que a saúde o que é? É a grande política distributiva, de distribuição de renda. Então trabalhar naquela transição da ditadura pra Nova República todo um arcabouço conceitual da saúde numa ampla participação consagrando a saúde como direito na Constituição, era estar trabalhando a idéia de que a saúde é não só um direito político, mas econômico e social. Essa visão dessa distribuição de renda nessas políticas sociais, principalmente nessa do direito ao acesso à saúde numa forma inovadora – até como ele queria botar na cidade do Rio de Janeiro, 600 equipes de saúde da família, sair do paradigma “hospitalocêntrico” pra uma coisa que podia ser a transformação da saúde. Eu estou ligando isso com essa experiência republicana que nós estamos vivendo com esse sistema de alianças do governo Lula, de centro-esquerda, onde sempre se observou que era importante ter um sistema de alianças pra dar sustentação a essa transformação das políticas sociais no Brasil. Então de alguma maneira eu vejo que o entusiasmo dele no primeiro ano do governo Lula. O Arouca na transição – no primeiro turno apoiamos o Ciro e no segundo turno ele se envolveu já na comissão de todos os partidos de apoio ao Lula, mas com

tanta força... Isso foram os últimos momentos, a questão da política na vida dele era vital, era o oxigênio que ele respirava, então ele se jogou de corpo e alma na transição do governo Lula, depois para que fosse antecipada a XII Conferência Nacional de Saúde. Inclusive essa proposta foi acatada por todos os partidos da coalizão do Lula. E de fato no primeiro ano do governo foi feita a XII Conferência que ele coordenou. Só pra você ver, coordenou no início, e já foi o ano onde ele acabou partindo. Mas ele se envolveu tanto com aquilo... Eu me lembro até que teve uma coisa engraçada, que todo mundo dizia: “mas como é que vai ser o Conselho Nacional de Saúde? Ele já secretário de Gestão Participativa e à frente da organização da XII Conferência, e o pessoal dizia: “não, mas vai ser um conflito no Conselho, porque todo mundo vai querer participar da comissão organizadora”. E ele disse assim: “qual é o problema? Todo mundo participa. “Todo o Conselho participa, não vai ter briga por causa disso.” Quer dizer, tudo nele era includente. Ele nunca achou que era problema ter bastante gente participando. Ao contrário! Isso fazia com que aquele processo ganhasse alma, corpo, espiritualidade. Era esse o Arouca. Então nesse primeiro ano do governo Lula ele também se comportou assim. Ele era um apaixonado, e assim ele se entregou, o tempo inteiro ele ficou envolvido com isso. Só quando ele não pode mais, realmente era uma impossibilidade física completa, é que ele não se engajou mais, mas aí a sua alma, seu espírito estavam presentes nesse processo. Eu tenho certeza que (e como ele está aqui conosco) ele estaria com muita felicidade apoiando o governo Lula. Isso realmente foi uma coisa de empenho pessoal dele, uma coisa absolutamente convicta, e eu acho que a construção nossa da sociedade brasileira sempre foi uma (mais uma atitude que uma preocupação) atitude do Arouca. O Arouca sempre foi um cara de estar envolvido com as coisas que podiam estar ajudando a transformar a realidade que a gente está vivendo. [pausa na gravação]

**Regina:** O Noilton agora se empolgou porque ele anda nervoso com esse momento que a gente está vivendo...

**Lúcia:** Ah, eu sou Lula doente!

**Regina:** Essa fritação do Lula...

**Lúcia:** Isso é um absurdo!!!

**Regina:** Eu acho que você estava tocando nesse ponto, dizendo que o Arouca era uma pessoa que tinha consciência dessa complexidade e do que representa para o país e para a democracia brasileira.

**Lúcia:** Eu acho que fazendo essa percepção da importância da política na vida do Arouca, ele também sempre compreendeu muito essa trama complexa e como é que você pode estar construindo um sistema de alianças que dê base a uma agenda de transformações no Brasil. O Brasil é uma das economias mais concentradas do planeta. Na verdade, esse apoio nosso, e dele principalmente, apaixonado, entusiasmado, não era só um apoio tático, era uma compreensão muito grande do valor pra história deste país desse sistema de alianças que fez o Lula chegar a presidente da República. Uma construção da sociedade brasileira que a gente tem que cultivar de uma forma extraordinária! Não é todo país que tem a honra de ter um presidente com a história e a biografia do Lula! Na verdade, essa compreensão profunda do que isso significou fez também com que o Arouca passasse dificuldades físicas. Já tinha feito a cirurgia no

primeiro ano do governo do Lula, e na verdade ele se engajou naquele governo, o que pra ele era quase dizer o seguinte: “esse é o meu testemunho de vida, não posso deixar em branco este momento da vida política do nosso país”. E não deixou! Se entregou de corpo e alma à construção desse processo de aprofundar a democracia. Tanto que coube a ele, de maneira simbólica e real, a criação dentro da República brasileira e dentro do Ministério da Saúde que era a Secretaria de Gestão Participativa. Ele foi o primeiro secretário, ele é uma inspiração também dessa compreensão que ele tinha de que sem povo, sem participação popular, não se constrói democracia nesse Brasil! O pacto das elites no Brasil sempre foi um pacto fechado, de meia dúzia de pessoas. Quer dizer, esse pacto, essa democracia sem povo... E toda vez que se tentou fazer uma democracia com povo a elite desestabilizou esse processo. Foi assim com Juscelino, com Jango... Todas as incipientes experiências republicanas do Brasil foram... O Juscelino era chamado de cafajeste! Presidente ladrão! Era assim que se referiam a Juscelino Kubitschek. O Jango conseguiram derrubar! Fazer uma ditadura de anos... Que preço essa ditadura teve pra esse país! Então quando você sai da transição pra Nova República (onde até coincidentemente a saúde teve uma presença importante), agora qual é o desafio (que pra ele também na saúde sincronicamente havia o desafio de fazer o novo ciclo do SUS no Brasil, um ciclo radicalmente democrático)? Esse ciclo também é o novo ciclo da democracia brasileira! A combinação entre democracia direta e democracia representativa, a permeabilidade fascinante do governo Lula aos movimentos sociais, que ele é a expressão mais genuína desses movimentos sociais do Brasil. Essa incipiente construção é ouro em pó pra esse país! Talvez a gente esteja desafiado enquanto civilização, enquanto pessoas que também precisamos crescer, não podemos ficar o tempo inteiro nos queixando! Aceitar a nossa maioria civilizatória e se engajar também nesse processo do dia-a-dia pra mudar métodos, mudar relações, construir um novo país que não é só o Lula! O Lula é uma expressão extraordinária disso! Uma pessoa do diálogo, uma pessoa de fazer tudo aquilo que... A minha irmã até comenta muito que o Gilberto Freyre sempre foi um dos grandes inspiradores dessa coisa do diálogo, dessa coisa da conciliação. O Lula é a definição mais fantástica do conciliador que trás pra dentro da democracia o povo! Então eu acho que esse processo que nós estamos vivendo, com o qual o Arouca contribuiu até onde pôde pra essa construção, eu acho que é um desafio hoje pra todos nós extraordinário! Estamos assim... Eu particularmente acho que o governo Lula, e tenho *certeza* que o Arouca estaria também hoje, porque a afinidade dele, a compreensão da beleza e da importância desse processo político no Brasil era completa, definitiva! E isso ele mostrou com a garra e o empenho que ele deu a esse primeiro ano do governo Lula.

**Regina:** Ótimo esse depoimento! Eu queria fazer uma pergunta pra você, que você participou dessa passagem do PCB pro PPS, e esse é processo que eu queria entender melhor... (...) Eu queria entender assim a posição do Arouca de sair do PCB e...

**Lúcia:** Não é sair do PCB. Essa história inclusive eu vivi intensamente porque eu era parlamentar, deputada estadual pelo Rio de Janeiro, e a gente compartilhou esse processo. Na verdade, eu acho que várias organizações, várias comunidades políticas do Brasil estão construindo esse campo da chamada centro-esquerda, tendo alguns compromissos e valores de uma sociedade que possa encontrar na política (no amplo sentido dessa palavra) um caminho. Então o PCB na época, era a época da queda do Muro de Berlim, enfim, uma série de esgotamentos da experiência do chamado “socialismo real” e que na verdade se refletiu em várias comunidades políticas, em vários partidos comunistas do mundo inteiro. O PCB na época sempre foi um partido

(junto com o Partido Comunista Espanhol, junto com o Partido Comunista Italiano) a favor de mudanças, de transformações, mesmo bem antes, na época do Krushev, bem anterior. Então quando houve esse desmanche digamos assim, houve também essa discussão muito profunda dentro do PCB. E na verdade não era só uma mudança de rótulo, era uma mudança de conteúdos, era uma mudança de política, democracia como valor universal, estratégico, não como um valor superficial, que você usa e depois joga fora (como foi a história da ditadura do proletariado). É a compreensão de que a democracia é um valor estratégico e um valor universal! Essa discussão que permeou toda a transformação do PCB para Partido Popular Socialista inclusive teve um momento síntese que foi no Teatro Aurora em São Paulo [na realidade Teatro Zácara], foi um dos momentos mais expressivos que eu já vivi, e o Arouca foi muito atuante nesse processo, que foi o momento onde as pessoas que queriam ficar com a legenda do PCB, no final, quando já eram três dias de congresso nesse Teatro Aurora [Zácara], as pessoas que ficaram com a sigla do PCB se retiraram, porque não concordavam com a mudança. Era um grupo minoritário, e eles saíram do Teatro, e ficou aquele vazio. Eu nunca vi uma coisa tão respeitosa, porque não havia aplauso, também não havia vaia, não havia nada disso – simplesmente um vazio. Um silêncio que dava pra você ouvir qualquer barulhinho naquele imenso auditório tamanha era a importância e a dor daquele momento. Então essa transformação do PCB pra PPS foi uma transformação eminentemente política, de valores, de conteúdos. E na verdade a gente teve uma participação grande.

Há nessa nova fase, eu acho que há uma grande discussão que não é uma discussão do PPS, é uma discussão de todos. (...) Mas na verdade essa questão do PCB / PPS coloca também uma discussão desse chamado pragmatismo eleitoral. Grandes pensadores do mundo inteiro, seja Noam Chomski, seja um autor polonês que eu estou me dedicando bastante a ler nesse momento, é uma série de contribuições que mostram como o poder econômico, o poder das corporações invadiu o chamado espaço público e transformou muito, é quase que o colapso do espaço público, da política. Então eu acho que a gente esteja vivendo um momento que exija de cada um de nós essa compreensão de renascimento do espaço público. Como é que nós vamos falar coisas em comum a todos nós, criar uma agenda comum de país, criar algo que possa estar... É claro, cada um tem seus interesses, mas não é só um exibicionismo de programas individuais, a gente não precisa disso. A gente precisa é de uma agenda transformadora, comum desse país. Então de certa maneira, eu acho que vários operadores políticos, vários partidos vêm de alguma maneira carecendo dessa transformação. O momento peculiar que o Brasil viver hoje de emergência (de possibilidade antes que emergência) de redes que antes eram ocultas, invisíveis, opacas ao conhecimento público, isso é muito importante! Você ver uma *Daslu*, que antes fica aquele mimo: “não, que a elite pode fraudar, a elite pode sonegar, isso aí tudo bem!” Mas quando você começa a ter uma ação mais democrática, mais universal, você também, sem querer... A dona da *Capricciosa*, daqueles restaurantes aqui do Rio de Janeiro, tudo isso vai sendo algo que vai provocar transformações, porque nada disso é inútil, digamos assim. Eu acho que nós estamos vivendo o momento de recuperar a possibilidade (isso não é um determinismo histórico) de estar colocando a questão do público, do espaço público, da política enquanto uma articuladora e organizadora dos interesses comuns de uma sociedade, pra que a gente possa estar transformando essa sociedade. Enfrentar o conflito da distribuição de renda, enfrentar a igualdade – não essa igualdade amorfa, mas a oportunidade realmente distribuída. Enfim, radicalizando essa questão da democracia, porque outro grande desafio é que a democracia resolveu várias coisas, a liberdade, não sei que, mas nós não podemos nos conformar com a liberdade que temos

de que isso que está aí é para sempre, entendeu? E a nossa liberdade, como é que a gente vai utilizar essa liberdade que a democracia nos proporciona pra transformar isso que é a realidade que nós vivemos? Até Lula no outro dia num depoimento ou numa manifestação que ele foi disse que a democracia já resolveu vários problemas da humanidade, mas ainda não conseguiu resolver o problema da pobreza. Isso é um fato! Quando é que a gente vai ter que dar tratos a essa questão, a esse fato político, e realmente fazer com que esse segundo momento, porque eu votarei no Lula, e acho que a gente tem que construir essa nova sociedade, mas como é que a gente vai fazer com que esse sistema de alianças... Porque também sem alianças ele nem teria chegado ao poder, isso é concreto, até porque não só é uma ingenuidade, mas eu acho até pior: é uma farsa. É uma farsa imaginar que numa sociedade complexa como essa você pode retirar da realidade uma parte dela. Não pode, a realidade é isso! Nós temos que nos inundar de realidade e em cima desse inundamento de realidade a gente fazer essa transformação que cabe a cada um de nós. Uma coisa que eu acho vital hoje é essa maioria civilizatória: eu acho que nós temos que crescer. Crescer como ser humano, crescer como indivíduos, crescer como comunidade, pra poder de fato à altura dos desafios que estão diante de nós.

**Regina:** Quer dizer, quando você fala assim desse esgotamento partidário é mais que simplesmente não se identificar mais com um partido. Tem uma questão mais complexa aí.

**Lúcia:** Eu acho que tem, e é a questão da política. Essa coisa desse pragmatismo de alguma maneira ter feito, por exemplo, as eleições muito produto de mídia. Mas na verdade isso é uma parte da questão, porque sem dúvida nenhuma você tem uma densidade política dos protagonistas desse processo. Ninguém vai negar a densidade política sintetizada numa figura como a do Lula, é óbvio que existe! Ele não é uma invenção, ele não é uma coisa artificial, é uma realidade oriunda do que há de melhor na sociedade brasileira! Então se tem de um lado essa crise, do outro também tem um fato concreto de que tem partidos políticos que tem força ligada a essa realidade de movimentações, que tem energia transformadora. O que eu acho é o seguinte: não dá pra não ter lado. Eu acho que a gente tem que ter lado, tem que ter parte nesse processo, até porque seria de uma onipotência completa cada um imaginar: “ah, não, é um todo”. Não! Eu sou uma parte desse processo, vou contribuir com essa parte com a qual eu estou me envolvendo nesse processo. Agora o que eu acho fundamental é essa crise dos mecanismos políticos, tem um pragmatismo, tem algo que é você fazer com que essas corporações, a questão financeira... A coisa do capitalismo! A corrupção é uma forma de acumulação do capitalismo, isso é uma realidade concreta também. Então de certa maneira você se desvencilhar dessa trama, dessa rede, desses métodos não é uma coisa simplória e nem do dia pra noite! E imaginar que o governo vai ser bode expiatório dessa história é de uma *perversidade* que é fazer todo mundo desse país de idiota! Sobretudo é não acreditar na capacidade de discernimento da população brasileira! Não é à toa que com todo esse massacre, há uma manutenção do Lula pelo povo, o Lula está blindado é pelo povo brasileiro! Quem blindou o Lula foi o povo brasileiro, porque sabe da importância que é ter algo que ele representa. Não estou nem colocando ele isoladamente, mas o que ele representa enquanto potência – talvez até a potência *nietzschiniana*, essa potência transformadora de uma sociedade. Ele tem, ele carrega nele. Um cara que vem de Garanhuns, lá do quinto dos infernos, pra São Paulo, naquela miséria desgraçada, virar presidente da República, não é pra ser endeusado, mas é pra ser compreendida a importância e até essa coisa extraordinária que é esse leque de

alianças e de conseguir administrar essa complexidade – isso é uma coisa extraordinária! Sem perder os elos com aquilo mais fundamental que é o compromisso popular. Quer dizer, no governo dele foi onde a chamada pequena agricultura, a agricultura familiar (não os sem-terra, mas a agricultura familiar), mudou as linhas de crédito que antes eram 80% pro latifúndio, mudaram para o pequeno produtor! A gente vai ver reflexos disso daqui a 10 anos! Eu que viajei pelo Ministério fazendo o trabalho da saúde em várias localidades do interior, são emocionantes os depoimentos! De pessoas que dizem assim: “isso é concreto, é fato concreto!” Hoje você tem sem burocracia, sem nada, crédito pra pequena agricultura, pra cooperativas. Outra coisa que eu não sabia, fiquei sabendo nessas minhas viagens, que, por exemplo, você tem grandes grupos de pequenos agricultores que são essa exportação do Brasil tão saudada por todos, grande parte dessa exportação é dos pequenos agricultores! Fruto também já dessa modalidade de mudança de incentivo. A democratização do campo no fundo é isso. Quer dizer, há uma série de medidas que você já sente que nunca houve um momento da sociedade brasileira com tanta permeabilidade à sociedade. Então são vários fatos que vão construindo, porque na verdade tudo é uma grande construção social, estamos num presente desafiador, o que vai ser vai depender de cada um.

**Regina:** Você acha que o Sérgio Arouca manteve a utopia socialista?

**Lúcia:** Eu acho que ele manteve, com certeza, e esse depoimento, esse engajamento dele... O primeiro ano do governo Lula já se dá num momento em que ele não estava, que tinha que botar o colete porque tinha uma dor aqui, mas ele usava aquilo com uma altivez, com uma garra, com uma energia de quem sabia profundamente com quem... Tinha uma vontade enorme de estar contribuindo pra isso, quer dizer, quem tem essa vontade enorme de estar se engajando, de estar contribuindo pra isso não tá desanimado e nem distanciado de utopias, digamos assim. É aquela coisa: estou transformando no presente, a minha atitude aqui e agora vai fazer diferença! Não interessa se eu já modifiquei, se o resultado foi esse ou aquele. Interessa que eu não abri mão da minha contribuição. Isso ele fez com muita paixão mesmo, era um *apaixonado* por esse processo. E assim foi até o final acreditando, participando, dando os seus pitacos de como é que seria a XII Conferência, que com toda a justiça acabou se chamando XII Conferência Nacional de Saúde Sérgio Arouca.

**Regina:** E você acha assim que se ele estivesse aqui agora, qual seria a fala dele assim pras novas gerações, o legado, nesse mundo que a gente está vivendo hoje?

**Lúcia:** Eu acho que eu nem preciso dizer qual seria a fala porque ele já disse. Com seus gestos, com sua atitude, com a sua vida e com a sua prática. Ele era uma pessoa assim com uma jovialidade e com um engajamento. Ele nunca deixou de estar atuando, e inclusive com uma alegria grande. O Arouca não era uma pessoa de uma dimensão só: ele fazia isso de uma maneira íntegra, leve – aliás, é uma outra característica dele, ele tinha uma leveza muito grande. Então eu acho que essa leveza, esse compromisso, pras novas gerações ele deixou até o último instante, porque ele foi atuante, se envolvendo, participando e acreditando na vida, no amor, na maneira como você está trabalhando, eu acho que ele deixou um testemunho de ação, de engajamento e de envolvimento com as coisas... As coisas não estavam distantes dele, ele se sentia parte do problema, parte da solução e integrando esse processo com outros de transformação da civilização, porque ele também sempre teve essa compreensão civilizatória, então isso de certa maneira já o liga às gerações futuras – presentes e futuras. A compreensão de que estamos aqui num

processo civilizatório sempre foi uma coisa... Tanto que ele dizia que a reforma sanitária não é uma coisa técnico-burocrática, é uma questão civilizatória, não é uma coisa administrativa e técnico-burocrática. Então de certa maneira em vários momentos de atividade, de vida, de expressão, ele já mostrou esse tipo de compreensão e de vitalidade. Ele era membro de uma corrente, não era um ser isolado. Ele era parte de um processo, de uma civilização – e eu acho que era assim que ele se sentia muito bem, como sanitaria (era até o que ele dizia). É isso.

*Fala de Lúcia Souto em Brasília, 19.10.2005*

(...) No instante da eleição do Governo Lula, o Arouca fazendo parte do apoio ao Governo Lula, de uma forma muito contundente mergulhou naquele processo e sugeriu àquela frente de partidos que apoiasse a XII Conferência no primeiro ano do Governo Lula. Ele sabia que o Governo Lula seria a retomada do espírito da reforma sanitária brasileira, como está sendo aqui. E na verdade eu acho que esse testemunho de como ele até na vulnerabilidade, na fragilidade, na adversidade do seu problema de saúde, mergulhou durante todo o primeiro ano do Governo Lula para a construção dessa Secretaria de Gestão Participativa, apostando que a República no Brasil é importantíssima essa nova relação Estado/sociedade balizada pelos direitos, para ele isso era uma coisa da alma, do espírito, do corpo, nunca foi uma coisa burocrática. Então na verdade esse testemunho desse envolvimento profundo, essa crença profunda de que nós vamos poder, enquanto civilização, construir uma República verdadeira nesse país. E na verdade a saúde ajudou muito esse sentimento de reforma democrática do Estado, essa construção republicana que tanto... E por isso esse prêmio é atual, e mais do que nunca o Arouca é contemporâneo, atual e instigador dessas experiências que vão fundar esse novo momento, esse novo país, e esse entusiasmo que eu testemunhei o tempo inteiro com esse sistema de alianças do governo do Lula.

*Depoimento de Ziraldo Alves Pinto realizado no Rio de Janeiro em 26.10.2005*

*Fita 1 – Lado A*

**Helena:** Então, a gente está fazendo esse projeto, o Projeto Memória Sérgio Arouca, uma iniciativa do Ministério da Saúde, e a gente estava querendo saber como é que você conheceu o Arouca, como foi a conversa do Arouca, a partir da campanha também, que você desenhou aquela caricatura dele...

**Ziraldo:** Eu conheci o Arouca quando eu ganhei a comenda da Organização Mundial de Saúde, por conta de uma campanha de prevenção. O Arouca estava lá na Fundação Oswaldo Cruz, e eu conhecia o Arouca evidentemente pelo trabalho dele na área de saúde preventiva no Brasil, e por conta das posições políticas dele. Aí eu conheci um extraordinário ser humano! Uma das pessoas mais generosas que eu conheci na minha vida, mais afetuosas, e mais sérias, mais decentes, compreendeu? Eu tenho uma admiração muito grande pelo Arouca. Então todas as vezes que ele foi candidato, eu fiz questão de fazer os desenhos que ele precisava, do logotipo dele, camiseta, caricatura do Arouca. Até fiz um slogan que era “saúde!” Como se diz “Deus te ajude”, “Arouca!” E eu fiquei muito triste... Na última entrevista que ele deu na vida, que a gente fez, ele estava muito conformado com a idéia de que tinha chegado a hora dele, mas continuava batalhando. Eu acho que um trabalho pra preservar a memória do Arouca, a importância dele na história da Medicina brasileira e a atuação dele na política eu acho importantíssimo! Louvo vocês pela iniciativa.

## *Discursos de Saraiva Felipe*

### **FIOCRUZ em 26.08.2005**

Eu queria cumprimentar o meu amigo Paulo Buss (em nome de quem eu cumprimento os diretores e servidores da FIOCRUZ); cumprimento aqui o Secretário de Estado de Saúde do Rio de Janeiro Gilson Cantarino; o meu companheiro de Ministério e de equipe José Gomes Temporão que é secretário de Atenção à Saúde; o Moisés Goldbaum que é secretário de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde; o Chico Gordo, ou ex-gordo, Francisco Eduardo Campos, secretário de Gestão do Trabalho e Educação do Ministério da Saúde; Santini que é o diretor geral do Instituto Nacional do Câncer; o Mauro Marzochi, que é o subsecretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro; quero cumprimentar com muito carinho a Lara, a Nina (a Luna não se faz presente aqui), o Pedro (que eu conheço desde que morava na barriga da Ana Tambellini), a Clara (netinha do Arouca aqui conosco); cumprimento a Sarah, a Lúcia, a Ana; gostaria de cumprimentar o Luís Fernando Ferreira, que é pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública e nos brindou aqui com uma carta “buarqueana” informando ao companheiro como ele plantou um trabalho forte de continuidade aqui na Fiocruz; quero cumprimentar o Rogério Lannes, diretor da ASFOC; cumprimentar o presidente nacional do PPS, meu colega, meu amigo Roberto Freire; cumprimentar a Jandira Feghali, minha companheira deputada federal; bom, acho que está mais do que suficiente. Todos os que eu vejo aqui mereceriam uma citação, mereceriam um abraço. Eu afinal de contas sou filho dessa casa, filho do “partido sanitário”, do movimento sanitário, que na verdade tem muito de pluripartidário, e nós pensamos o Ministério desta forma, por isso buscamos na sua formação gente da Fiocruz, gente de outros estados, que participaram desse projeto. Acompanho esse projeto há 30 anos, um pouco menos. Eu estou me lembrando aqui de uma situação, olhando aqui para a estátua do nosso companheiro Sérgio Arouca, do que nos ensinava Rui Barbosa: ele dizia que tinha muitas dificuldades em ocasiões como essa, porque a linguagem que lhe parecia mais apropriada para os vivos se comunicarem com aqueles que se foram era o silêncio. Mas não tem jeito. Apesar da emoção, nós temos que usar da palavra. Gostaria de lembrar 30 anos de convivência com os vários Aroucas: desde o Arouca que eu conheci no início da década de 70, sanitaria e diretor do Departamento de Medicina Preventiva da Unicamp, onde fez uma residência, para onde nós nos deslocávamos, alguns para lá estudarem, outros para beberem da experiência que se passava, não apenas dentro da faculdade, mas nas unidades periféricas do município de Campinas. Naquele momento se apregoava a questão da medicina preventiva, da promoção da saúde, que tinha o Arouca... Embora criticamente, porque para ele saúde era o prato de comida, a reforma agrária, delirava o tempo todo, mas nos encantava com a possibilidade, com o vislumbre do que poderia ser um sistema de saúde democrático, realmente integral, e já se antecipava à idéia de fazer da saúde um direito de cidadania, de fazer da atenção à saúde um direito de toda a população brasileira. Depois nós mantivemos o contato, o convívio, e eu vim reencontrá-lo trabalhando conosco em Montes Claros. Sem dúvida nenhuma em pleno processo ditatorial no Brasil, o Arouca foi daqueles que puxou, que enxergou, vislumbrou a possibilidade de nós criarmos um projeto que tinha lá a sua execução dentro dos limites impostos pelas instituições, mas também forçando os limites das possibilidades, e inventando para o Brasil inteiro através do discurso delirante, mas responsável, uma utopia que foi o Projeto Montes Claros. Projeto esse revisitado há pouco tempo através de uma publicação da Hucitec que se chama *Montes Claros*:

*utopia revisitada.* E aí vou me lembrar de termos passado noites a fio rindo, conversando... Ele promoveu logo um intercâmbio entre a ENSP e Montes Claros, e foi um convívio bastante intenso. Depois eu me desloquei de Montes Claros e vim fazer aqui uma especialização, um Mestrado, e pude encontrá-lo por pouco tempo: era naquele momento em que ele se deslocou para ajudar a construir (ou a reconstruir) um sistema de saúde na Nicarágua. Aí eu fui buscá-lo. Passamos tempos alucinantes de mobilizações, de caminhadas, de defesa e de afirmação da Revolução Sandinista na Nicarágua. E anos depois, eu secretário de Saúde e o Arouca deputado federal, eu pude voltar a frequentá-lo, orientador que ele foi da minha tese de Mestrado defendida aqui na Fiocruz. Depois nós tivemos em Brasília o convívio como deputado federal. Tem uma frase do Arouca... Que eu acho que aqui é que ele está bem plantado e bem presente, que na intimidade, nas noites, às vezes comendo comida japonesa. Que o Arouca se encantou pela comida japonesa e me arrastava para um restaurante japonês no Setor Hoteleiro Norte de Brasília, e eu posso dizer que em geral éramos quatro cavaleiros, porque o acompanhavam mais comumente o Eric e eu, e às vezes o Eleotério. Desse momento eu sou um sobrevivente, e tenho uma saudade imensa das conversas e das coisas que nós tramávamos. O Arouca deputado me dizia várias vezes que ele se sentia mais à vontade, mais feliz como sanitarista da Fiocruz que como militante político, do que como deputado federal. Era quase um senso de missão que o levava a atuar permanentemente: ocupou liderança do PPS na Câmara, batalhou por projetos... Talvez ele antecipasse os vampiros quando batalhou dia e noite por uma política pública nacional de sangue. Depois discutindo a possibilidade de nós absorvermos cientistas estrangeiros, criássemos alguma situação de facilitação para que pudéssemos receber no sentido de fazer avançar e progredir a ciência no Brasil. Ou seja, um deputado sempre atuante, mas algo saudoso do tempo em que ele viveu como presidente e como pesquisador aqui na Fiocruz. Eu sei que foram 30 anos de um impulso gigantesco, da formação, mais do que pessoas, de consciências, de cabeças, até da doutrinação que ele fazia de uma forma alegre, despojada, sem dogmatismo, mas que na verdade nos seduzia a todos. Eu acho que ainda está faltando na lacuna que ele deixou alguém que tivesse o poder de seduzir com tanto despojamento, com tanta alegria, e na verdade se transformar num emblema para (hoje eu posso dizer) mais de uma geração de sanitaristas. Mas eu acho que além da presença aqui do Sérgio Arouca nessa escultura, o legado dele está muito mais disperso na responsabilidade que tem a Fiocruz, de nós fazermos a “reforma da reforma” do SUS, que sem dúvida nenhuma teve nele um papel protagonista, tanto na VIII Conferência Nacional de Saúde quanto na discussão com o Congresso de 1988 quando da elaboração da Constituição. Mas eu acho que está colocada para todos nós, depois desse longo caminhar, a necessidade de nós repensarmos, não no sentido das grandes conquistas do SUS como a universalização, a integralidade, a equidade, mas está na hora de nós repensarmos o que deu certo, o que não deu certo. E dentro disso eu estou aproveitando, dentro do que seria bem “arouquiano”, para lançar aqui um desafio: eu preciso da inteligência brasileira, da inteligência sanitária bem plantada aqui na Fiocruz, e a partir da inspiração e do acolhimento do Arouca, para nós começarmos a discutir, a repensar o Sistema Único de Saúde, reforçando o que funcionou bem, o que deu certo, mas também estudando formas de nós superarmos aqueles embaraços, o que não deu certo. Hoje mesmo eu vou assinar daqui a pouco um protocolo que busca fazer um novo projeto de saúde, ou reconstruirmos um novo projeto de saúde metropolitana do Rio de Janeiro. Como base técnica para isso fica bem explícita no texto que nós estaremos assinando, nós buscamos a Fiocruz, nós precisamos da Fiocruz. É uma outra forma de nós estarmos homenageando a criatividade, a irreverência, e ao mesmo tempo a capacidade de

articulação que teve o Sérgio Arouca na saúde pública brasileira, renovando as expectativas de que nós podemos e devemos fazer aqui no Rio de Janeiro uma integração em que participem todos os segmentos: sindicatos, profissionais de saúde, governo municipal, estadual, municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, porque esse é um desafio a que nós nos propomos, gestado a partir de reuniões realizadas aqui na Fiocruz. Não é possível, inclusive pela disponibilidade que nós temos aqui, o maior número de leitos por habitante, que o Rio de Janeiro fique com essa imagem de que não tem jeito, de que o caos na saúde é inevitável. Aí eu recorreria de novo à criatividade do Arouca, quando no meio da ditadura ele conseguia identificar situações e transformava essas possibilidades reais em muito mais do que isso, visionário que era, buscando a utopia que acabou chegando ao momento, pela acumulação, de se realizar, que foi quando em 1988, já num governo civil, nós conseguimos passar, inclusive no texto constitucional, os fundamentos do Sistema Único de Saúde que veio sendo construído com a batuta muito importante nas mãos do Arouca ao longo dos dois decênios anteriores. É por isso que, ao mesmo tempo em que eu homenageio um amigo, um irmão, alguém que faz falta, a concretude dessa homenagem faz com que não sintamos apenas saudade do amigo, saudade do companheiro, mas que nós aproveitemos as suas cinzas espalhadas por essa casa dele e de Oswaldo Cruz. E que ele nos atazane feito um fantasma para continuarmos e perseverarmos buscando uma sociedade mais justa, verdadeiramente mais democrática, e um sistema de saúde que ao fim e ao cabo corresponda aos seus sonhos, aos nossos sonhos, às nossas expectativas. Então eu me lembro que Carlos Drummond de Andrade, falando sobre o Guimarães Rosa quando ele morreu, ele dizia o seguinte: que Rosa era fabulista, era fabuloso, será que ele existiu mesmo de se pegar? Eu acho que além de pegar aqui nessa escultura, nós temos que pegar na mão estendida de Arouca e levar adiante o seu sonho. Então ele passará infinitamente a nos inspirar e nós poderemos nos agarrar aos seus ideais e às suas idéias que devem ser compromisso permanente para nós que amamos a democracia e que ainda lutamos pela justiça social. Muito obrigado.

### **Brasília em 19.10.2005**

Meu caro Antônio Alves de Souza, secretário de Gestão Participativa do Ministério da Saúde; Sílvio Fernandes, presidente do Conselho de Secretários Municipais de Saúde (o CONASEMS é o nosso parceiro na concessão e distribuição do Prêmio Sérgio Arouca); meu caro João José Cândido da Silva, representante do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (você está como dupla militância, porque lá no Conselho ele representa o Ministério e aqui ele representa o CONASS, por isso que tanta gente lá do Sul, particularmente de Santa Catarina, ganhou prêmio aqui, ele vota duas vezes na concessão do prêmio); meu caro Luís Fernando Corrêa da Silva, representante do Conselho Nacional de Saúde; à amiga Ana Maria Costa, diretora do Departamento de Apoio à Gestão Participativa do Ministério da Saúde. Eu quero registrar aqui as presenças do deputado Nael Varela, deputado Nelson Bornier, da ex-deputada Maria Lúcia, que é atual prefeita de Belford Roxo. Gostaria de cumprimentar Reinaldo Guimarães, vice-presidente de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da Fiocruz, e representando aqui o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; o Roberto Aurélio Lustosa da Costa representando aqui o presidente da Funai. Poderia citar aqui um monte de gente, mas eu queria dar o meu abraço fraterno na Ana Tambellini, na Sarah Escorel, na Lúcia Souto, cumprimentar o Paulo Buss, presidente da Fiocruz, vários aqui, eu estou vendo o Eduardo Costa. Mas enfim, cumprimentar a

todos os presentes e especialmente aos agraciados com o Prêmio Sérgio Arouca. Funcionários do Ministério da Saúde... Primeiro eu queria falar um pouquinho sobre a concepção deste prêmio, que tem duas categorias. Uma é na gestão participativa, coisa rara o relato e a premiação de experiências em gestão participativa, e aí eu gostaria de saudar aqui a iniciativa do Antônio Alves, porque esse é um ponto no qual nós precisamos avançar (o Crescêncio também trabalhou nessa Secretaria e sabe disso) que é melhorarmos o controle social sobre os serviços de saúde integrantes do Sistema Único de Saúde nas várias esferas, desde o nível federal, passando pelo estadual e chegando ao nível mais importante para a execução, para a atenção à saúde direta, que é o município. Depois devo dizer que o Arouca sem dúvida nenhuma estaria extremamente feliz de nós associarmos essa Secretaria, essa premiação que é objeto dessa Secretaria que coube a ele fundar e instituir aqui no Ministério, também a um prêmio por trabalhos acadêmicos inéditos – uma área em que ele teve uma das atuações mais brilhantes da saúde pública brasileira. Eu tenho tido a oportunidade de prestar muitas homenagens ao meu amigo Sérgio Arouca. Tive oportunidade de inaugurar um busto seu na Fiocruz, de participar de algumas reuniões nas quais se homenageava a memória do companheiro e amigo Sérgio Arouca, e tenho uma história que faz com que eu me dispa da condição institucional de ministro (se é que isso é possível) para estar próximo de um amigo que eu tive e vou continuar tendo, um amigo com quem eu tive o privilégio de conviver por mais de 30 anos. Eu conheci o Arouca ainda estudante, ele era chefe do Departamento de Medicina Preventiva da Unicamp. Estávamos organizando àquela época movimentos que eram periféricos de saúde pública, Semana de Saúde Comunitária, tentando de alguma forma espaços nas vias institucionais, marginais, periféricos, mas levantar a questão política através do ramal da saúde. Levantar a questão do autoritarismo, da falta de liberdade, da discriminação – ainda temos problemas, mas naquele tempo a saúde ainda não era direito de cidadania. Eu sou do tempo em que ainda tinha que ter uma carteirinha, ou do INSS, ou antes de algum dos IAP's para se ter o direito ao acesso à saúde. No mais cuidava este Ministério das questões que eu vou chamar de típicas de saúde pública, como vacinação, atenção à saúde em alguma área remota através da antiga Fundação SESP, mas a massa da população estava excluída da possibilidade da atenção à saúde. E foi a partir de movimentos como esses que foi se estruturando, que nós tivemos uma acumulação que resultou aí em experiências um pouco mais estruturadas, em Campinas, Niterói, Montes Claros, alguns municípios do país onde nós criamos (essa é uma expressão do Arouca) de alguma forma “ilhas da fantasia”. Porque ali a gente criava um clima, uma situação onde tudo seria possível. Pelo menos era possível nós aprofundarmos um debate sobre a insuficiência do sistema de saúde e de alguma forma, *pari passu* com a sociedade, participarmos da luta para vencermos o obscurantismo da ditadura, para reconquistarmos a democracia, e termos o que hoje nós temos: em termos de marcos legais, temos a saúde como um direito da cidadania, sem dúvida nenhuma o SUS é uma conquista da qual nós não podemos abrir mão. E eu tenho encontrado, Paulo, como ministro da Saúde, às vezes até sendo ministro muita gente acha necessário colocar ênfase no que não foi feito, em aspectos negativos, acabam torpedeando o SUS. Às vezes nem são pessoas de quem nós esperássemos uma posição que reforçasse essa crítica destrutiva. Eu nem acredito que fosse a intenção dessas pessoas, mas é um discurso apropriado pelos inimigos do SUS que gostariam de uma sociedade... Até numa ilusão, porque na sociedade brasileira, eu tenho a convicção de que se nós eliminássemos o SUS, se eliminaria todo o atendimento a 140 milhões de pessoas pelo menos. É ilusão pensar que alguma dessas pessoas tem condições de migrar para algum tipo de atendimento (está aqui o Faustino que sabe disso) de seguro-saúde, de plano de

saúde. Então o SUS cumpre uma função primordial, uma função fundamental dentro do processo [interrupção]

(...) dentro do Partido Comunista Brasileiro, e eu vivi com ele vários episódios, episódios que começaram quando eu ainda era estudante. Tivemos a oportunidade de trabalharmos juntos em Montes Claros. Teve uma época em que ele deu a maior força a um projeto que foi muito importante naquele contexto de ditadura como um espaço aberto para que nós pudéssemos experimentar, ousar e discutir a necessidade de mudança no sistema de saúde. Depois eu fui aluno dele na Fiocruz, quando lá eu fazia o Mestrado, ele foi orientador de tese. Depois coincidiu de sermos parlamentares juntos aqui. Outro dia por acaso aconteceu de eu ir a um restaurante japonês, teve uma época, que de vez em quando ele cismava, né? Com comida japonesa, tai chi chuan, e ele criava toda uma filosofia em termos daquilo. Acho que eu comi comida japonesa pela primeira vez com ele [risos] de certa forma me induzindo. Mas íamos a um restaurante japonês, e era um trio meio inseparável, porque o Eric trabalhava com o Arouca, e saíamos os três pelo menos duas ou três vezes por semana, para filosofar, discutir os problemas da Câmara, em suma, essa convivência eu tive o privilégio de ter. Depois veio a situação de ele adoecer e nos deixar. Eu acho que fica aqui o exemplo, a responsabilidade, o compromisso de dar seguimento àquilo que ele construiu. Não foi só uma pregação, o Arouca construiu politicamente situações em torno do que ele acreditava, e eu creio que a instituição desse prêmio, a inauguração do seu retrato na Galeria dos Sanitaristas, a concessão *post mortem* da Ordem do Mérito Médico, no grau de grã-cruz que é a mais alta condecoração... Foi criado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra em 1950, deu uma limitação porque no Brasil essas medalhas costumam ser distribuídas em tal profusão, algumas eu devolveria, porque eu fico olhando o perfil, eu acho que estou no meio... Acho que são dadas em profusão e perdem o significado. Aqui tem uma limitação, só três por ano, ou seja, tem que se escolher com muito critério e se apresentar à Presidência da República justificativa bastante consistente. Eu me lembro que junto com o deputado Roberto Freire, quando se quis comemorar o primeiro aniversário de falecimento do Sérgio Arouca, nós quisemos fazer uma sessão solene de homenagem na Câmara dos Deputados. De forma imbecil a Mesa nos informou que não iria conceder esta homenagem porque havia lá algum tipo de resolução da mesa da Câmara de não homenagear ex-parlamentares porque os pedidos eram muitos, o que fez com que nós tivéssemos que inverter o pedido... Não é demérito nenhum, eu tenho o maior orgulho de ser deputado, de ser político, eu acho que a sociedade não vai viver sem político mesmo, e nós é que temos que saber fazer as melhores escolhas. Mas nós tivemos que inverter e fazer o pedido pelo lado do que ele representou como sanitarista, como propulsor do Sistema Único de Saúde do Brasil. E talvez pudéssemos agregar a essas homenagens, retratos, medalhas, algo mais dinâmico, que seria uma participação mais ativa da área da saúde no Plebiscito do próximo domingo. Eu não posso me expressar como autoridade pública porque nós estamos submetidos a um referendo, a uma escolha democrática da população, mas no que nós temos podido nós temos demonstrado que caiu a criminalidade no Brasil, não tanto (acredito eu) pelo recolhimento das armas (embora seja algo importante), mas pela própria discussão do Estatuto, aprovação e discussão do Estatuto do Desarmamento a partir de 2003, nós tivemos 3237 mortes a menos por armas de fogo de 2003 para 2004, e depois nós vimos também que tivemos uma redução significativa no número de internações por acidentes com armas de fogo. Isso tem um significado para o SUS muito importante. São pessoas muito jovens, e nas que não morrem, esses tratamentos acabam resultando em seqüelas, em limitações na vida das pessoas. Então uma homenagem que o setor saúde poderia prestar dinamicamente ao Sérgio Arouca seria de termos nessa reta final um

posicionamento mais objetivo, de conversarmos, participarmos, sermos mais ativos na questão da necessidade do desarmamento não para resolver o problema da violência, mas para darmos um passo significativo na direção de nós termos uma sociedade mais pacífica, de buscarmos mais paz e menos violência para a sociedade brasileira. Eu gostaria de agradecer às presenças de todos e todas que estão aqui e dizer que eu estou tendo o privilégio de, ao prestar essas homenagens, não apenas entregar papéis e inaugurar retratos, mas de reencontrar com o ideal que sem dúvida nenhuma teve muito peso e continua tendo na minha vida, que foi o exemplo e a própria vida do meu amigo Sérgio Arouca. Muito obrigado.

*Depoimento de Crescêncio Antunes e Antônio Alves de Souza realizado em Brasília em 19.10.2005*

**Crescêncio:** Eu acho que a imagem do Arouca era a própria imagem da ativação da cidadania. Isso quem conviveu com o Arouca, quem acompanhou de perto a sua trajetória como médico sanitarista, como político, sabia quanto o Arouca acreditava do fundo da sua alma de que nada se construía de maneira melhor se não fosse com a mais ampla participação possível. E como ele acreditava na sociedade, na comunidade, na cidadania, no exercício dela na construção das práticas de saúde. Tanto que é a partir de Sérgio Arouca que surgiu na VIII Conferência Nacional de Saúde, pela primeira vez na história do Brasil, uma Conferência de saúde realizada com ampla participação da sociedade brasileira. É a partir destas características e deste perfil que tinha o Sérgio Arouca, da autenticidade da sua crença na participação da cidadania como exercício maior e melhor da democracia, que surge a própria Secretaria de Gestão Participativa. Ela nasce a partir do momento em que o ministro Humberto Costa convida o Arouca para trabalhar no Ministério da Saúde. Naquele momento era preciso criar para o Arouca um espaço de ação política, e como as demais secretarias já estavam ocupadas, os secretários já estavam indicados, a Secretaria é criada para o próprio Arouca, dentro do perfil do que era a sua própria imagem. Eu que tive a honra de ser amigo íntimo, pessoal, irmão fraterno dele ao longo de mais de 25 anos, tive a honra de sucedê-lo. Naturalmente que ao sucedê-lo era natural ter que se desaguar em criar um prêmio de incentivo à gestão participativa e que esse prêmio tivesse de Sérgio Arouca.

**Regina:** Muito obrigada. Eu queria saber [dirigindo-se a Antônio Alves de Souza], o senhor é que está dando continuidade a essa experiência na Secretaria de Gestão Participativa. Como é que foi essa experiência de colocar o prêmio em ação, com esses 30 premiados que a gente viu, essa vitalidade de experiências, como é que foi esse trabalho?

**Antônio:** Basicamente eu não tinha mais trabalho, o Crescêncio já tinha articulado e o prêmio já estava na rua, os autores já trabalhavam escrevendo para esse concurso. Então ele inscreve o Sérgio Arouca na história do SUS brasileiro. Eu acho que é uma grande homenagem e o Ministério da Saúde não poderia fazer diferente. Nós trabalhamos com ele em toda a construção do SUS na época da Constituinte. Eu acho que a gente coroa o Sérgio, além de estar na Galeria dos Sanitaristas ele fica inscrito no SUS como um grande construtor dessa participação. Ele era uma pessoa que sempre incentivava, que levou uma população enorme à VIII Conferência e que construiu as bases do sistema. Então a homenagem é justa, e eu me sinto orgulhoso e feliz em poder participar desse momento, homenageando uma pessoa e podendo ainda presenciar essa história.

**Regina:** Quer dizer que Sérgio Arouca está vivo?

**Crescêncio:** Sérgio Arouca vive dentro de cada um de nós, com certeza.

**Antônio:** E vai continuar sempre vivo, porque o SUS é uma realidade concreta que não tem mais retorno, não tem mais volta.

**Regina:** Obrigada.

## *Cronologia da Trajetória de Sérgio Arouca*

A seguir apresentamos a cronologia desenvolvida pelo Projeto, relacionada à trajetória de Sérgio Arouca. A partir dela, que divide a trajetória de Arouca em fases, pautamos a metodologia empregada no trabalho. Assim, o período deste relatório compreende a fase 6 (“Parlamentar, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde”). É necessário ressaltar que a cronologia apresentada está em constante atualização, tratando-se de uma “obra aberta”.

# PROJETO MEMÓRIA SÉRGIO AROUCA

CRONOLOGIA (EM CONSTRUÇÃO):

*Atualizada em 14.09.05*

<b>FASE I:</b> Infância e Adolescência em Ribeirão Preto.	1941	Em 20 de agosto, nasce, em Ribeirão Preto (SP), Antônio Sérgio da Silva Arouca, filho de José Pereira Arouca (funcionário da Caixa Econômica estadual) e de Alzira da Silva Arouca (dona de casa), e irmão mais novo de José Carlos da Silva Arouca.
	1956	Primeiros pronunciamentos no “parlamento estudantil”, prática organizada por um professor do ensino secundário que organizava os alunos em uma espécie de tribunal que debatia e julgava a trajetória de personagens históricos brasileiros. Filia-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). <i>O encontro do estudante com a política partidária ocorreu por conta do “parlamento estudantil”, que em uma de suas edições teve como convidado um jornalista que militava no Partido Comunista de Ribeirão Preto e discorreu sobre as tensões provocadas pelas mudanças nas relações de trabalho no campo. (...) O relacionamento o levou a entrar para o PCB aos 15 anos e a desenvolver, para o partido, um trabalho de militância na área rural do município [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca. P. 6 da matéria].</i>
	1959	Presta vestibular para o curso de graduação em Medicina da Universidade de São Paulo (USP), no <i>campus</i> de Ribeirão Preto (SP). É aprovado.

<p style="text-align: center;"><b>FASE II:</b> Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto</p>	1960	Ingressa no curso de graduação em Medicina da Universidade de São Paulo (USP), no <i>campus</i> de Ribeirão Preto (SP). <i>A faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (USP), sonhada e criada por Zeferino Vaz em 1952, causou um grande impacto em Ribeirão Preto e passou a seduzir os jovens ainda no ginásio. Em 1960, quando Arouca passou a freqüentar as suas aulas, ela era a única possibilidade de fazer um curso de nível superior na cidade (...). Militante comunista, sentindo-se m corpo estranho na faculdade, tomou enfim uma decisão: trancou matrícula e se dirigiu para São Paulo, onde o irmão cursava direito. “E com o que vi no curso de direito voltei para Ribeirão”, contou Arouca, rindo com a lembrança” [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca. pp. 6-7 da matéria].</i>
	1961	Começa a atuar no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto, e também no Centro Popular de Cultura (CPC) da USP.
	1962	Junto com Anamaria Tambellini disputa e ganha as eleições para a diretoria do centro acadêmico, estando seus projetos vinculados ao PCB.
	1965	Torna-se secretário municipal de Organização do PCB. Nos anos seguintes, se manteria alinhado às posições políticas do partido: enfrentamento pacífico à ditadura, através de ampla política de alianças.
	1966	Conclui o curso de graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP).

<b>FASE III:</b> Campinas	1967	<p>Torna-se professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade de Campinas (UNICAMP) onde foi um dos fundadores do Grupo de Ciências Sociais de Saúde.</p> <p>Integra a Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas na UNICAMP. <i>Torna-se professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Unicamp, a convite de Zeferino Vaz – os caminhos de ambos voltaram a se cruzar. O construtor de universidades [Zeferino Vaz] fazia nascer mais uma, agora em Campinas. Ainda naquela década Arouca participaria da criação da Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas e fundaria o Grupo de Ciências Sociais da Saúde da Unicamp. (...) O departamento ganha dimensão nacional pela abordagem da medicina preventiva e da questão do coletivo, fazendo uma análise marxista da saúde [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca. P. 8 da matéria].</i></p> <p>Ingressa no curso de doutorado em Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP).</p>
	1968	Arouca e Anamaria Tambellini se casam.
	1969	Arouca faz um curso de especialização em Saúde Pública na USP.
	1971	<p>Torna-se consultor da Organização Panamericana de Saúde (OPAS). Nos anos seguintes, representaria o Brasil no Comitê Assessor de Investigações para a América Latina da entidade. Nesta condição, desempenharia funções no México, Estados Unidos e Colômbia (1972), e no Peru, Honduras e Costa Rica (1973).</p> <p>Participa da organização de um centro de medicina comunitária em Paulínea (SP), ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP). Esse centro tornou-se mais tarde uma das referências para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).</p>
	1974	<p>Ingressa no curso de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (UNICAMP).</p> <p>Arouca e seu grupo começam a enfrentar dificuldades com a direção da UNICAMP encabeçada por Zeferino Vaz.</p> <p>Conclui sua tese de doutorado intitulada <i>O Dilema Preventivista: Contribuição para a Compreensão e Crítica da Medicina Preventiva</i>.</p> <p>Arouca é proibido de defender sua tese na universidade.</p>
1975	<p>Perseguido pela ditadura militar, deixa suas atividades na universidade e sai de Campinas.</p> <p>A tese de Sérgio Arouca é defendida no dia 23 de Julho deste ano.</p>	

**FASE IV:**

Mudança para o Rio de Janeiro e Nicarágua

1976	<p>Vai para o Rio de Janeiro com a proposta de integrar-se ao instituto de Medicina Social da UERJ. Ao chegar ao Rio, desiste do projeto IMS e ingressa no Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde (PESES), financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), e ligado à Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Com financiamento da FINEP, Sérgio Góes e Eduardo Costa criam o PEPPE — Programa de Estudos de Pesquisas Populacionais e Epidemiológicas e o PESES. Arouca assume a liderança do PESES e Eduardo Costa do PEPPE.</p> <p>Fundação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES) como instituição de coordenação dos eventos médico-sociais (mesas-redondas, debates, reuniões) realizados em todo o país sobre o setor saúde e como meio de divulgação de suas conclusões através da revista <i>Saúde em Debate</i>.</p> <p>Separa-se de Anamaria Tambellini.</p>
1978	<p>Quando o PESES vai se aproximando do final, Arouca presta concurso e consegue uma vaga de professor titular de Planejamento na ENSP.</p> <p>Os “altos escalões intelectuais” do CEBES formam o “Projeto Andrômeda”. Em suas reuniões, definiam estratégias de atuação e de consolidação nos espaços institucionais. Nenhum projeto foi formulado, embora tenha havido concordâncias quanto a algumas estratégias. No mesmo ano, vem ao Brasil o médico e político italiano Giovanni Berlinguer para falar sobre o processo de construção da Reforma Sanitária italiana. Surge no Brasil o conceito de Reforma Sanitária.</p>
1979	<p>Casa-se com Sarah Escorel.</p> <p>É um dos fundadores da Associação Internacional de Políticas de Saúde.</p> <p>Torna-se presidente do CEBES.</p> <p>O núcleo do CEBES em Brasília destaca-se por sua atuação parlamentar. Em virtude de sua localização, especializa-se nesse espaço e fortalece-se quando uma série de quadros técnicos se desloca para o Distrito Federal para trabalhar no PIASS, no PPREPS e, a partir de 1979, nos ministérios. Assessora parlamentares progressistas da Comissão de Saúde, que se revitaliza, iniciando uma fase mais combativa e presente no cenário nacional. O resultado é o I Simpósio sobre Política Nacional de Saúde, organizado pela Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados e realizado entre 9 e 12 de outubro de 1979. Nele, o CEBES apresenta o documento “A Questão Democrática na Área da Saúde”, que se tornou resolução oficial do encontro.</p>

	1980	Transfere-se para a Nicarágua, onde trabalha como consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) no programa de governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), visando à reorganização do sistema de saúde do país.
	1982	De volta ao Brasil, retorna ao Departamento de Administração e Planejamento em Saúde (DAPS) da ENSP da FIOCRUZ, e torna-se chefe do departamento.

<b>FASE V:</b> FIOCRUZ, Secretaria Estadual de Saúde	1985	<p><i>Sérgio Arouca foi indicado à Presidência da FIOCRUZ por um movimento da comunidade de Manguinhos, por uma frente suprapartidária, reforçada pelo então secretário-geral do Ministério da Saúde, Eleutério Rodriguez Neto, e pela médica sanitária Fabíola Aguiar Nunes. Esse movimento ultrapassou as fronteiras da Fundação e tornou-se um movimento nacional, conseguindo a nomeação para presidente da instituição em 3 de maio de 1985 (...) Durante a sua gestão, Arouca preocupou-se com a democratização da FIOCRUZ, recuperando a associação de funcionários e promovendo eleições diretas para a sua diretoria. Modernizou a administração, estabelecendo mecanismos de gestão colegiada e participativa e nomeando diretores eleitos pelas unidades. Criou o Conselho Deliberativo da FIOCRUZ como instância máxima de poder [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca, p. 4 da matéria].</i></p> <p>No princípio de sua gestão como presidente da FIOCRUZ, promove o retorno dos 11 cientistas que haviam sido expulsos da instituição durante a ditadura. Inicia diversas transformações na FIOCRUZ, como a instituição de seu congresso interno, a criação do Politécnico, da Casa de Oswaldo Cruz, entre outras.</p>
	1986	<p>Preside, em Brasília, a 8ª Conferência Nacional de Saúde que, pela primeira vez, contou com a participação dos usuários dos serviços de saúde.</p> <p>Exerce o cargo de consultor da Organização Mundial de Saúde (OMS).</p>
	1987	<p>Com a eleição de Moreira Franco para o Governo do Estado do Rio de Janeiro, é nomeado secretário Estadual de Saúde. É pressionado a deixar a presidência da FIOCRUZ por conta disso, mas permanece exercendo as duas funções.</p> <p>Arouca recebe a visita do Presidente de Portugal, Mario Soares, à Fundação Oswaldo Cruz, selando o acordo de cooperação científica entre Brasil e Portugal.</p>

	1988	<p>Afasta-se da administração estadual.</p> <p>Na Constituinte, Arouca participa ativamente como representante da sociedade civil, intervindo na confecção do capítulo de saúde da Constituição. As propostas expostas na VIII Conferência Nacional de Saúde, tendo Sérgio Arouca como uma das lideranças desejosas de uma ampla reforma sanitária, acabam por serem contempladas pela Assembléia Nacional Constituinte e, assim, garantem a criação do Sistema Único de Saúde (SUS).</p>
--	------	---

<b>FASE VI:</b> Parlamentar, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde	1989	<p>Afasta-se da presidência da FIOCRUZ para candidatar-se a vice-presidente da República na chapa do PCB encabeçada por Roberto Freire.</p>
	1990	<p>É eleito deputado federal do Estado do Rio de Janeiro pelo PCB, com cerca de 94.000 votos.</p> <p>Arouca recebe a visita do Presidente de Cuba, Fidel Castro, à Fundação Oswaldo Cruz, para uma palestra sobre as transformações do sistema de saúde depois da revolução cubana.</p>
	1991	<p>Empossado no cargo de deputado federal, torna-se membro da Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados.</p> <p>Participa do Fórum Socialista, realizado no Rio de Janeiro, como discussão preparatória ao IX Congresso Nacional do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Neste Congresso, torna-se vice-presidente do PCB.</p>
	1992	<p>É um dos fundadores do Partido Popular Socialista (PPS). Torna-se seu presidente regional (RJ), e vice-presidente nacional do partido.</p> <p>Vota a favor do <i>impeachment</i> do presidente Fernando Collor.</p> <p>Candidata-se à vice-prefeito da cidade do Rio de Janeiro em chapa encabeçada por Benedita da Silva (PT). Foram derrotados no segundo turno pelo candidato do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), César Maia.</p>

1994	<p>Vota a favor da criação do Fundo Social de Emergência (FSE) instituído como fonte de financiamento para o projeto de estabilização econômica do governo Itamar Franco (1992-1994) que ficou conhecido como Plano Real.</p> <p>Ainda em seu mandato como deputado federal, requer ao Tribunal de Contas da União (TCU) uma auditoria para apurar o suposto desvio de 49,8% nas despesas do Fundo Social de Emergência (FSE), que deveria ser destinado exclusivamente à área social. Além disso, foi contrário ao fim do voto obrigatório e a favor da instituição do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF), que também veio a servir no financiamento ao Plano Real.</p> <p>Em novembro é reeleito deputado federal do Rio de Janeiro pelo PPS, com 42.717 votos.</p>
1995	<p>Reeleito, passa a integrar a Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara. Como líder do seu partido na Câmara foi novamente indicado para integrar a Comissão de Seguridade Social e Família.</p> <p>Mesmo sendo contrário a paralisação, apresenta na Câmara dos Deputados um projeto de anistia a todos os trabalhadores que haviam sido demitidos pela participação na greve nacional dos petroleiros que exigiam reajuste salarial e manutenção do monopólio estatal no setor. Essa greve não atinge os seus objetivos.</p> <p>Propõe uma emenda constitucional autorizando as universidades e os institutos de pesquisa brasileiros a contratar professores estrangeiros mediante concurso público. Com apoio quase unânime do Congresso Nacional, o projeto também concedeu às instituições o direito de elegerem dirigentes e de administrar seus próprios recursos.</p> <p>Nas votações das emendas constitucionais propostas pelo governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), vota a favor da quebra do monopólio dos governos estaduais na distribuição de gás canalizado, da abertura da navegação de cabotagem às embarcações estrangeiras, da revisão do conceito de empresa nacional e da prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal (FEF), substituto do antigo Fundo Social de Emergência (FSE). Foi contrário, no entanto, ao fim do monopólio estatal sobre as telecomunicações e na exploração do petróleo pela Petrobrás.</p>

1996	<p>Com a desistência do ex-deputado Marcelo Cerqueira, é escolhido para ser o candidato do Partido Popular Socialista (PPS) à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, contou com o apoio do Partido Verde (PV).</p> <p>Apresenta requerimento à Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados solicitando uma auditoria financeira em todas as entidades de saúde do país financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e especializadas no tratamento de idosos e de portadores de doenças crônicas e mentais. O pedido foi feito em consequência da morte de 98 pacientes na clínica geriátrica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro.</p> <p>Vota a favor da instituição da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), imposto que veio a substituir o Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF).</p> <p>Obteve votação inexpressiva na disputa pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. No segundo turno, manifestou apoio à candidatura de Luís Paulo Conde, do Partido da Frente Liberal (PFL).</p>
1997	<p>Vota a favor da emenda do governo que institui o direito de reeleição para prefeitos, governadores e presidente da República.</p> <p>Vota contra o projeto do governo que previa o fim da estabilidade no funcionalismo público e contra a adoção de um limite máximo para as aposentadorias do setor público e a instituição da idade mínima e do tempo de contribuição como critérios de cálculo na concessão de aposentadorias do setor privado.</p>
1998	<p>Candidata-se à reeleição para deputado federal pelo Partido Popular Socialista (PPS), mas não obtém êxito, apesar dos 31.531 votos recebidos.</p>
2000	<p>É convidado pelo prefeito eleito do Rio de Janeiro, César Maia, para assumir a Secretaria Municipal de Saúde.</p>
2001	<p>Assume a Secretaria Municipal da cidade do Rio de Janeiro na administração César Maia.</p> <p>É afastado da Secretaria Municipal da cidade do Rio de Janeiro.</p>
2002	<p>Descobre que sofre de uma metástase hepática no cólon do intestino.</p> <p>Arouca coordena o programa de saúde de Ciro Gomes (PPS) nas eleições deste ano e no segundo turno, se incorpora na campanha de Lula.</p>

	2003	<p>Assume em janeiro a Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde. É nomeado para a coordenação-geral da 12ª Conferência Nacional de Saúde e para ser representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 2 de agosto, aos 62 anos incompletos, morre Antônio Sérgio da Silva Arouca. Em homenagem pelo falecimento de Sérgio Arouca, a 12ª Conferência Nacional de Saúde passou a chamar-se Conferência Sérgio Arouca.</p>
--	------	--